

**Sofisticação e sensualidade
em cenários internacionais.**

Paixão cega, gravidez inesperada...

Sander Volakis somente segue seus próprios princípios. Ele construiu uma reputação nos negócios graças a sua personalidade, e não ao nome ou à riqueza de sua família. Além disso, ele não tem a menor intenção de um dia se casar nem de passar fins de semana viajando. Sua ida a Westgrave Manor era somente um favor que estava fazendo para seu pai, uma chatice... Até ele ver Tally Spencer, tão linda, tão voluptuosa, tão... irresistível! Sander agora quer uma chance para encontrá-la e, casualmente, seduzi-la. Porém, uma noite com Tally pode ser o fim de sua vida de playboy.

A história de Sander e Tally continua em *Noiva de verdade*.

A PROMESSA DE VOLAKIS

ISBN978-85-398-0258-6



HARLEQUIN
www.harlequinbooks.com.br

1/2

Harlequin

Paixão

AMOR
TRAÍDO

AUTORA
BEST SELLER
DO USA TODAY

Lynne Graham

A PROMESSA DE VOLAKIS

265

Edição 265
R\$ 8,90

AUTORA BEST SELLER DO USA TODAY

Lynne Graham
AMOR TRAÍDO

A PROMESSA DE VOLAKIS



1/2



– Também comprei brincos de esmeraldas e diamantes para você.

Tally entreabriu os lábios pálidos.

– Eu não os quero.

Na porta, Sander soltou os braços num gesto que expressava sua frustração.

– Qual é o seu problema? Gosto de estar com você, Tally. Por que é errado que eu lhe mostre o meu apreço?

– Não seja difícil – censurou Sander. – Você nunca deve questionar minha generosidade.

Ela pensou nas moças gregas que a mãe escolhera para ele em Atenas e mordeu o lábio.

Tally ficou muito elegante no vestido, que serviu perfeitamente, como se tivesse sido feito especialmente para ela. Sander lhe deu uma caixa, de onde ela tirou brincos cintilantes em formato de estrelas, com uma esmeralda no centro.

– Eles me lembram de seus olhos...

Querida leitora,

Um homem é capaz de se apaixonar perdidamente até que ponto? Sander tinha um lado bem egoísta, mas ao seduzir Tally não pode simplesmente ignorar o que havia acontecido entre os dois. O que será que ela também fez para mudá-lo?

Boa leitura!
Equipe Editorial Harlequin Books

Lynne Graham

AMOR TRAÍDO

Tradução
Fabia Vitiello



Harlequin®

2012

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: THE MARRIAGE BETRAYAL

Copyright © 2011 by Lynne Graham

Originalmente publicado em 2011 por Mills & Boon Modern Romance

Arte-final de capa: Isabelle Paiva

Editoração Eletrônica:

ABREU'S SYSTEM

Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037

Impressão:

RR DONNELLEY

Tel.: (55 XX 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Para solicitar edições antigas, entre em contato com o

DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171, 4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virginia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PRÓLOGO

— EU NÃO vou passar o fim de semana no campo — informou Sander Volakis ao seu pai, sem hesitar.

Com dificuldade, Petros Volakis forçou um sorriso diplomático, respirando fundo pela centésima vez. Desde a morte de seu filho mais velho, dedicara um pouco mais de tempo e atenção à sua relação difícil com o caçula.

Apesar de tudo, Lysander, conhecido como Sander por seus amigos, era um filho que qualquer homem se orgulharia de ter: tinha boa cabeça para os negócios e sólidas habilidades empresariais. Infelizmente, porém, Sander também tinha um lado passional e selvagem. Era obstinado como uma rocha, arrogante e ferozmente independente, um individualista extrovertido numa família de pessoas declaradamente conservadoras.

Ao longo dos anos, os confrontos entre pai e filho se provaram inevitáveis, porque Sander queria fazer tudo do seu jeito... *Sempre*. Mas com a morte de Titos, o

irmão mais velho de Sander, a necessidade de construir pontes entre pai e filho aumentara mil vezes, refletiu Petros.

— A família de Eleni merece receber uma visita sua. Não é culpa deles que seu irmão tenha morrido no acidente e que a noiva dele tenha sobrevivido.

— Era Eleni quem estava dirigindo!

— Eu sei disso, meu filho. Mas nevou naquela noite, e as estradas estavam perigosas. Tenha um pouco de compaixão e faça concessões ao erro humano. Eleni ficou destruída com morte de Titos. Ela o amava.

Não tão arrasada que tenha resistido a flertar com seu irmão mais novo semanas após o funeral de Titos, recordou Sander com frieza. Apesar de terem se passado apenas seis meses desde a partida de Titos, Sander já se conscientizara de que o trágico acontecimento transformara sua vida. Como único herdeiro de seu pai, um magnata da navegação, ele agora era visto como um partido muito melhor do que quando se tornara um empresário independente.

— A relação entre nossas respectivas famílias ficará menos tensa se você aceitar o convite para ficar na casa de Ziakis — declarou Petros.

Sander rangeu os dentes, ressentido com o pedido, pois não tinha vontade de representar o papel de seu irmão falecido. Gostava de sua vida exatamente como era e se perguntou se seus pais estariam acalentando a esperança absurda de que ele poderia miraculosamente interessar-se por Eleni e se casar com ela. A união

seria muito vantajosa para ambas as famílias. Ele ficava deprimido só de pensar nisso. Eleni podia ser bonita e realizada, mas, aos 25 anos, Sander não tinha o menor desejo de se casar ou de se estabelecer com uma mulher, e as manchetes sobre sua vida particular permaneciam variadas e cheias de aventura.

— Eu realmente apreciaria se você fizesse isso, Sander — declarou Petros num tom de má vontade que sugeria como era difícil para ele pedir um favor.

Sander estudou o pai, percebendo com relutância as linhas da idade que o sofrimento imprimira em seu rosto. Diabos, era apenas um fim de semana. Se aquilo contribuiria para a felicidade de seus pais... Por que não?

— Tudo bem, eu vou... desta vez.

— Obrigado. Sua mãe vai ficar aliviada. Você certamente encontrará amigos na fazenda Westgrave e, sem dúvida, fará contatos úteis para os negócios também — continuou Petros.

Conduzido agora por um desejo de cumprir seu dever, Sander se dirigiu ao andar superior da casa luxuosa dos pais, em Atenas, para visitar sua mãe, Eirene. No caminho, seu celular tocou, e ele verificou o número: Lina, uma amante insistente, que não parava de ligar desde que ele deixara Londres. Colocou o telefone no modo silencioso, resolvendo ignorá-la e livrar-se dela na primeira chance que tivesse.

Como sempre, sua mãe enlutada lamentou a morte de Titos. Sander a ouviu com o máximo de simpatia

enquanto ela lamentava pelo irmão e o comparava com seu filho mais novo. Sander se sujeitou à reprovação da mãe, ansiando por voltar o mais rápido possível ao aeroporto e à liberdade que tanto apreciava.

CAPÍTULO UM

— CLARO QUE você deveria ir e aproveitar a oportunidade de conhecer melhor sua irmã! — decidiu Binkie, radiante com a perspectiva de Tally passar um fim de semana de luxo numa casa luxuosa. — Você poderia fazer uma pausa depois de tanto estudo.

Sem surpreender-se por Binkie ter visto apenas o lado positivo do convite, Tally afastou seus cachos cor de mel da testa com tristeza, a preocupação nos olhos verdes.

— Não é assim tão simples. Tenho a impressão de que meu pai só quer que eu vá para controlar cada movimento de Cosima.

— Meu Deus. — Binkie fez uma careta de desânimo.
— Ele disse isso?

— Não exatamente.

— Bem, então você não está sendo imaginativa demais? Reconheço que seu pai raramente entra em contato, mas por que imaginar a pior das razões? Talvez

ele simplesmente queira que suas duas filhas conheçam melhor uma à outra.

– Eu tenho 20 anos, e Cosima tem 17. Se é isso que ele quer, por que esperou tanto tempo? – respondeu Tally com ironia, porque depois de uma vida de decepções e rejeições, era uma cética ferrenha quando se tratava de um de seus pais.

Binkie suspirou.

– Talvez ele tenha percebido seus erros. As pessoas podem amadurecer ao se tornarem mais velhas.

Relutante em expor sua amargura em frente à mulher que era a coisa mais próxima da mãe que nunca tivera, Tally relutou em fazer outro comentário negativo. Binkie ou, mais formalmente, sra. Binkiewicz, uma viúva polonesa, tomara conta de Tally desde que ela era um bebê.

Anatole Karydas era um homem muito rico e um empresário poderoso e fizera seu melhor ao ignorar a existência de sua filha mais velha desde o nascimento. Ele odiava a mãe de Tally, Crystal, fervorosamente, e Tally pagava o preço por aquela hostilidade. Crystal fora uma modelo famosa, noiva de Anatole, quando ficou grávida.

– Claro que eu planejei! – admitira Crystal num raro momento de honestidade. – Seu pai e eu estávamos noivos há um ano, mas sua preciosa família não gostava de mim e percebi que ele estava desistindo da ideia de se casar comigo.

Como, no meio daquela situação delicada, Crystal fora apanhada enganando-o com outro homem, Tally

podia sentir que seu pai tivera uma desculpa para desistir de sua obrigação matrimonial. Anatole nunca se esquecera da humilhação de ter sido traído pela mãe dela ou das entrevistas embaraçosas que ela vendera para as revistas de fofocas depois de sua separação. Ele também questionara a paternidade da criança que Crystal estava esperando. Crystal tivera que levar o ex-noivo aos tribunais para obter um auxílio com o qual criar sua filha, e Tally só conhecera o pai aos onze anos, quando ele já era casado com uma grega chamada Ariadne, com quem tinha uma filha, Cosima. Tally sempre se sentira excluída, contentando-se com o resto da atenção do pai.

— Você gosta de Cosima! — lembrou Binkie alegremente. — Ficou tão feliz quando foi convidada para a festa de aniversário de 17 anos dela no ano passado.

— Aquilo foi diferente. Eu era uma convidada — apon-
tou Tally com tristeza. — Mas meu pai deixou claro no telefone que só estava me chamando para acompanhar Cosima neste fim de semana, com a intenção de mantê-la longe de problemas. Aparentemente, ela andou bebendo e se divertindo demais e saindo com homens que ele desaprova.

— Ela é muito jovem. É natural que seu pai se preocupe.

— Mas eu não vejo como poderia fazer alguma diferença. Duvido muito que ela me escute. Ela é muito mais sofisticada que eu e muito teimosa.

— Mas é animador que seu pai confie em você o suficiente para lhe pedir ajuda, e Cosima gosta de você...

— Ela não vai gostar muito de mim se eu tentar interferir em sua diversão — respondeu ironicamente Tally. As duas garotas não tinham nada em comum em aparência ou personalidade e viviam em mundos diferentes. Cosima era a filha amada e mimada de um homem muito rico. Usava roupas de grife e joias e só era vista nos lugares mais elegantes. Nunca tivera que lidar com contas a pagar, oficiais de justiça ou com uma mãe que, quando os armários estavam vazios, ia comprar um vestido novo em vez de comida. E se Tally, a mãe e Binkie tinham um teto sobre suas cabeças, era apenas porque viviam numa casa que pertencia a seu pai.

QUANDO A limusine chegou para apanhar Tally, ela entregou sua pequena mala com roupas para um fim de semana nas mãos do chofer e entrou no carro, onde foi avaliada sem misericórdia pela irmã mais nova.

— Você está vestida da forma errada. — Cosima fez uma careta olhando para a capa de chuva colorida de Tally e para sua calça jeans.

— Tenho um guarda-roupa típico de estudante e dois conjuntos comprados para meu estágio no ano passado que são muito bonitos.

— Parece que você está vestida para ir fazer compras no supermercado.

— E você está maravilhosa, querida.

A irmã mais nova sorriu com satisfação.

— Claro. Alguns dos mais cobiçados jovens da minha geração vão ficar em Westgrave neste fim de semana.

Papai adoraria me casar com algum homem podre de rico, para que pudesse parar de preocupar-se comigo. Mas eu já tenho alguém. O nome dele é Chaz, ele é DJ. E você, está namorando alguém?

— Não, não neste momento — respondeu Tally, seu rosto queimando quando pensou em quanto tempo fazia desde que tivera um encontro. Ter sido criada por uma religiosa como Binkie colocara Tally fora de sintonia com as pessoas de sua idade. Tally decidira há muito tempo desejar algo mais de um homem do que apenas luxúria, uma boa risada e a mão aberta, e disse a si mesma que estava muito feliz em dormir sozinha até encontrar o homem ideal.

— Saiba que não estou planejando dizer aos meus amigos quem você é. Sinto muito se isso a ofende, mas é assim. Se papai quisesse reconhecê-la como filha, teria lhe dado seu nome. Você não ter nosso nome realmente diz tudo.

Em resposta à declaração da irmã, que a magoara profundamente, Tally perdeu a cor e, antes que Cosima pudesse acrescentar mais alguma coisa, disse às pressas:

— Então, para seus amigos, quem sou eu?

— Bem, obviamente, você é Tally Spencer. Acho que atualmente as pessoas nem mesmo se lembram de que papai esteve envolvido com alguém além de *minha* mãe. Mas eu certamente não gostaria de trazer toda essa sujeira à tona. Acho que seria mais seguro dizer que você trabalha para mim.

— Em que função? — perguntou Tally irritada.

Cosima franziu seu nariz delicado.

– Você poderia dizer que é minha assistente pessoal e que faz minhas compras, cuida de minha agenda, coisas do gênero. Alguns de meus amigos têm funcionários assim. Saiba que você só está aqui porque papai disse que eu não poderia vir sem você – completou ela, petulante.

– Como uma funcionária, serei excluída de qualquer atividade e não serei capaz de tomar conta de você.

– Por que eu iria querer que você tomasse conta de mim? – perguntou Cosima de forma seca. – Você vai se sentir totalmente deslocada entre os meus amigos.

– Vou tentar não ficar no seu pé ou envergonhá-la, mas fiz uma promessa ao nosso pai de que tomaria conta de você e gosto de manter minhas promessas. E se você não está preparada para me deixar tentar fazer isso, eu poderia muito bem ir para casa agora.

– Que escolha tenho?

Terminaram o trajeto imersas num silêncio gelado e ressentido.

Ao chegarem ao destino, saltando do carro, Tally viu sua meia-irmã alta e esbelta cumprimentando uma moça morena de pernas longas na imponente porta da frente da propriedade.

– Eleni Ziakis, nossa anfitriã. Tally Spencer, minha assistente pessoal – anunciou alegremente apresentando uma à outra.

Um grupo de jovens garotas dando risadinhas rodeou Cosima, enquanto Tally seguia a governanta escadas

acima. Quando Cosima se juntou a elas um momento depois e viu Tally abrindo sua mala de fim de semana numa das duas camas de solteiro que o quarto possuía, virou-se para a governanta e disse imperiosamente:

— Eu não posso dividir meu quarto com alguém... Eu *nunca* divido o quarto!

Alguns embaraçosos instantes se seguiram enquanto a governanta explicava que os hóspedes já estavam acomodados e que todos os quartos estavam tomados. Tally acabou sendo transferida para outro andar e instalada num quarto já ocupado por duas empregadas, que pareceram furiosas com a invasão de uma estranha. Deixou sua mala sobre a cama e saiu à procura da irmã.

Enquanto caminhava ao longo do corredor do andar de Cosima, uma figura alta, de ombros largos, cabelo preto úmido e espetado apareceu numa porta. Involuntariamente ela congelou e olhou uma segunda vez, porque o homem estava usando apenas uma toalha ao redor dos quadris bronzeados. O que não estava coberto pela toalha estava despido o suficiente para fazer até mesmo Tally olhar fixamente. Ele ficou em pé, com 1,82m de altura, e ela apreciou seus ombros largos, tórax musculoso e o abdome definido de atleta. Era, sem dúvida, o homem mais maravilhoso que já vira, com as maçãs do rosto esculpidas, pele dourada e lábios sensuais. O fato de ele precisar fazer a barba apenas aumentava seu fascínio.

Tally ficou surpresa ao perceber que realmente não conseguia tirar os olhos dele.

— Acabei de chegar de fora e estou com muita fome para esperar o jantar. Gostaria de sanduíches e café — anunciou ele, os olhos escuros brilhando enquanto a encarava, porque instantaneamente percebeu que ela era uma garota excepcionalmente bonita, mesmo que não fosse muito o tipo dele. — Isso seria possível?

— Estou certa de que seria, mas... eu não trabalho aqui — disse Tally gentilmente.

— Não? — Sander a observou e quanto mais olhava, mais gostava do que via. Tinha algo espantosamente cordial e amigável que o atraíu enormemente. Sua massa de pequenos cachos louro-escuros era muito incomum. Seus olhos eram da cor de trevos, seu nariz sardento, e sua boca exuberante parecia sentir-se mais à vontade sorrindo. Sua pele era tão perfeita quanto chantilly recém-batido. Era muito natural, nada parecida com as mulheres que conhecia, e aquilo o intrigou. Poderia dizer, num primeiro momento, que ela não se levava muito a sério, porque as mulheres que conhecia nem mortas seriam pegas usando a combinação comum de jeans e camiseta cáqui. Por outro lado, as roupas pouco atraentes envolviam um corpo muito bem torneado, onde tudo estava nos lugares certos e se ajustara de uma forma maravilhosamente generosa em outros. Os olhos escuros de Sander descansaram apreciativamente na curva perfeita de seus seios sob a camiseta fina de algodão. Ele gostava de mulheres que parecessem mulheres, não meninos magricelas. Toda essa avaliação especulativa, ainda que silenciosa, deixava Tally sem fôlego.

— Não, não sou da equipe da casa, mas vim a trabalho. Estou aqui para tomar conta de uma das convidadas mais jovens. — Percebendo que sua língua se movia mais rapidamente do que o cérebro, ficou em silêncio e corou, por causa da atenção com que ele olhava seus seios. Ela odiava quando os homens faziam isso, mas, de alguma forma, quando *ele* o fez, isso enviou uma onda de calor para sua pélvis, e seus mamilos se contraíram e enrijeceram dentro do sutiã desconfortavelmente.

— Olhe, se eu vir um membro da equipe lá embaixo, mencionarei seu pedido — assegurou Tally.

— Eu sou Sander Volakis — informou ele, seus olhos direcionados para ela como um falcão sobre a caça. Ela era diferente, e ele, tendo dispensado recentemente sua parceira sexual por conta de seus insistentes pedidos de atenção, estava definitivamente aberto para algo diferente. Alguém mais discreto e menos mimado, raciocinou, que poderia apreciar seu interesse sem transformar uma relação ocasional no romance do século. Uma mulher que trabalhasse para viver seria um sopro de mudança com relação às belas celebridades e modelos com quem costumava sair. Se ela não estivesse interessada em conquistar seus 15 minutos de fama, poderia ser também mais confiável e menos provável que vendesse a história do caso deles para ser publicada em algum tabloide sórdido, concluiu de forma sorumbática, porque odiava esse tipo de exposição de sua vida pessoal.

— E você é?

– Tally... Tally Spencer.

– E Tally é diminutivo de?

As pessoas normalmente não se preocupavam em perguntar, e com relutância, Tally admitiu, contorcendo-se por dentro.

– Tallulah.

Sander sorriu diante do embaraço dela.

– Meu nome é Lysander – confidenciou ele, zombeteiro, enquanto voltava para o quarto. – *Onde* nossos pais estavam com a cabeça?

Tally seguiu pelo corredor, ainda perturbada pelo encontro com aquele homem. Transmitiu seu pedido de sanduíches para uma empregada que estava passando pela sala. Pouco disposta a enfrentar o grupo de garotas que cercava Cosima dando risadinhas e fazendo comentários tolos, Tally decidiu explorar a casa e os jardins.

– ONDE VOCÊ estava? – perguntou Cosima quando Tally voltou para dentro de casa.

– Lá fora, vendo os cavalos – confidenciou Tally.

Ao se aproximar, Cosima franziu seu delicado e pequeno nariz com desgosto.

– Posso sentir o cheiro deles em você!

– Vou tomar um banho antes do jantar – disse Tally alegremente e se dirigiu para as escadas ao mesmo tempo em que Sander estava descendo, parecendo à vontade, usando calças justas e a camisa aberta.

— Tally, você estava ao ar livre! — notou Sander, registrando que o cabelo dela se tornara um emaranhado glorioso de cachos selvagens e seu rosto ficara rosado ao ser tocado pela brisa. Ela parecia mais vibrante do que nunca. Ele adorava o fato de que não estava preocupada com sua aparência, porque estava nada menos que perfeita.

— Dizendo um oi aos cavalos — disse Tally sorrindo, atordoada com o escuro dos olhos dourados dele.

— Talvez agora que você já fez uma pausa, poderia tratar de passar a roupa de Cosima. Receio que os empregados estejam muito ocupados esta noite. — Outra voz feminina se interpôs ruidosamente.

Tally se virou surpresa para sua anfitriã, Eleni Ziakis.

— Desculpe, mas por que eu passaria a roupa de Cosima? Não sou empregada dela.

— Não, ela não é — apressou-se em concordar Cosima, sua derrota patente diante da educada confusão mental de Tally.

Sander reconheceu com impaciência que Eleni, a noiva de seu falecido irmão, percebera seu interesse em Tally e resolveu afastar-se. Mulheres, pensou, não se pode viver com elas, não se pode viver sem elas.

— Desde quando você conhece Sander Volakis? — perguntou Cosima, descrente, subindo as escadas atrás da meia-irmã.

— Cruzei com ele mais cedo, e ele se apresentou — respondeu Tally suavemente.

– Do jeito que Eleni estava olhando para vocês dois, ela não gostou nada disso. Ela era noiva do irmão mais velho de Sander, Titos, mas ele morreu num acidente de carro no último inverno. Acho que Eleni está tentando se manter na família, mas vai se dar mal. Sander é um mulherengo!

– É?

– Não perca seu tempo, Tally. Todas sonham em agarrar Sander, mas você nunca terá sucesso.

Tally se irritou, suas sardas destacando-se claramente em sua pele clara.

– Não pretendo ter sucesso. Pelo menos, não nessa empreitada – afirmou ela, sentindo-se péssima por mentir para a irmã.

– Não estou tentando diminuí-la, mas você não é *nem um pouco* o tipo dele. Sander gosta de mulheres realmente bonitas... modelos, atrizes – disse Cosima, seus olhos castanhos registrando o rosto inconscientemente desapontado de Tally com um toque de condescendência divertida.

– Eu não estou interessada em Sander Volakis! – proclamou Tally num tom aborrecido.

Cosima não fez nenhuma tentativa de esconder seu divertimento.

– Bem, eu não diria *não* se tivesse uma chance, e papai aprovaria minha escolha.

– Bem, ele parece mesmo ser rico – comentou Tally.

– Ouvi dizer que fez seu primeiro milhão antes mesmo de deixar a faculdade. A família atua no ramo do transporte marítimo, e o negócio está prosperando.

Tally sentiu certa pena de Sander Volakis. Evidentemente sua riqueza e a de sua família fizeram dele um alvo para ambiciosas socialites e para alpinistas sociais. Chocou-se com a ironia de que Cosima, que nunca tivera que se preocupar com o custo de nada, estivesse tão obcecada com o que as pessoas possuíam, mas era exatamente assim. Sua meia-irmã media as pessoas e sua importância puramente em termos materiais, e Tally estava muito consciente de que a sua própria falta de dinheiro reforçava sua condição sem importância aos olhos de Cosima. No entanto, quando Cosima mostrou a roupa que usaria à noite, pateticamente amarrotada, Tally teve pena da garota. A irmã mais nova nunca manuseara um ferro de passar em sua vida, mas foi forçada a concordar em fazer uma tentativa quando Tally se ofereceu para ensiná-la como se fazia. Pela primeira vez, Tally se sentiu como uma irmã de verdade, e as duas acabaram tendo acessos de riso com os esforços desajeitados de Cosima com a tábua de passar.

— O que você vai usar? — Cosima finalmente pensou em perguntar.

— Nada muito excitante.

— Eu lhe emprestaria alguma coisa, mas... — Cosima olhou para os reflexos delas lado a lado no espelho do guarda-roupa e nada mais precisava ser dito. Cosima era alta e muito magra, enquanto Tally era baixa e curvilínea. Elas nunca seriam capazes de compartilhar roupas.

— Tudo bem. — Tally estava acostumada a essas comparações, tendo crescido à sombra de sua mãe, mais alta

e esguia, que tentara colocá-la numa dieta aos 9 anos. Binkie tivera que usar muito tato para persuadir Crystal de que provavelmente uma dieta não daria a Tally as mesmas linhas esguias do corpo da mãe.

Ela colocou seu vestido preto, comprado numa loja de departamentos. Pela primeira vez, olhou para seu reflexo e experimentou uma pontada de desapontamento pelos atributos que não possuía. Por que diabos o destino lhe dera cachos que pareciam saca-rolhas e seios como melões em vez de um cabelo sedoso liso e um corpo de proporções pequenas, femininas? Binkie tentara ensiná-la que a aparência não era importante, mas Tally sabia que vivia num mundo em que a aparência era *sempre* levada em consideração. Importava quando você ia para uma entrevista e mais ainda quando queria atrair um homem. Será que ela realmente queria atrair um rico mulherengo? *A quem você está tentando enganar?* Tally repreendeu a si mesma por ser tão boba e superficial durante todo o tempo enquanto descia as escadas atrás de sua animada irmã mais nova.

Ela avistou Sander na extremidade da mesa, sentado ao lado de Eleni Ziakis, que usava um vestido branco de um ombro só, muito atraente, e tentou não se animar com o fato de que ele parecia entediado.

Quando a refeição acabou, foi anunciado que as bebidas seriam servidas mais tarde.

— Vou me deitar cedo. — Cosima abafou um bocejo com a mão e se queixou. — Estou com muito sono e haverá uma grande festa aqui amanhã.

Tally ficou aliviada por ser liberada de suas funções como dama de companhia. Pensando alegremente no romance de bolso que trouxera, estava atravessando o corredor em direção à escadaria quando Sander a interceptou.

— Tally...

Tally se voltou e inclinou a cabeça para trás, os cachos loiro-escuros em forma de espiral emoldurando seu rosto suave.

— Sim?

— Vamos sair para tomar uma bebida — disse ele, sua atenção percorrendo inexoravelmente dos lindos olhos brilhantes dela até sua boca e seus seios voluptuosos, realçados pelo vestido.

— Eu estava pensando em ir para a cama... — começou ela, dando-se conta, subitamente, de que Sander estava esperando que passasse a noite com ele.

— Não... realmente acho melhor me recolher.

Neste momento, vislumbrou Eleni Ziakis olhando friamente para eles da entrada do vestibulo. Assustado com o tipo de recusa que não estava acostumado a receber, Sander olhou para ela franzindo as sobrancelhas em desaprovação.

Sem saber como lidar com o silêncio que se seguiu, Tally se sentiu forçada a preenchê-lo com uma desculpa razoável e disse:

— Eu tenho um ótimo livro para ler.

Sander, eloquente como era, não tinha nenhuma resposta para isso, e Tally, consciente de como fora tolo

esse último comentário e mortificada com sua falta de habilidade, subiu para seu quarto.

Misericordiosamente, sua companheira de quarto não estava lá, e Tally se deitou com seu livro. As aventuras de uma heroína que parecia atrair um número incrível de homens diferentes, mas não o que queria, apenas irritaram Tally, então ela colocou o livro de lado e apagou a luz. Mas não foi fácil pegar no sono, porque seus pensamentos iam e vinham até o convite de Sander e perguntando-se por que o recusara de uma forma que faria com que ele nunca pedisse novamente.

O fato de ele ter se aproximado dela quando havia tantas belas jovens disponíveis a deixara chocada. Tally sabia que não se encaixava no padrão dos convidados da fazenda Westgrave. Não tinha as roupas certas, o sotaque certo ou a atitude certa. Então por que ele a escolhera para fazer seu convite?

Por outro lado, um homem rico, sofisticado e de boa aparência a convidara para sair e ela dissera não porque não estava preparada e porque, no fundo, estava tão insegura que sentiu que precisava de um motivo para que ele a tivesse escolhido. Foi patético, disse a si mesma, impaciente, irritada consigo mesmo. Adormeceu desejando ter dito sim, desejando ter outra chance...

Tally acordou pouco tempo depois com um sobresalto. Sentou-se na cama e piscou, e ao fazer isso, sua atenção recaiu sobre uma bolsinha de maquiagem atrás da porta. Cheia de consternação, viu que a peça pertencia à sua meia-irmã. Checando seu relógio e vendo

que era apenas meia-noite, levantou-se, vestiu o roupão e pegou a bolsinha, planejando apenas deslizá-la para dentro do quarto de Cosima no andar de baixo. Mas quando abriu a porta delicadamente, olhou pela fresta e viu que o quarto estava bem iluminado e a cama desocupada. Ao entrar no quarto e colocar a nécessaire sobre a penteadeira, notou que o banheiro também estava vazio e se perguntou onde estava Cosima. Caminhando cautelosamente pelo corredor, pensou ter ouvido a voz da irmã, que soou estranhamente estridente. Aproximando-se do corrimão, olhou para o salão abaixo.

Surpreendeu-se ao ver que a maciça porta da frente estava aberta e que Sander Volakis estava guiando sua irmã cambaleante pelas escadas. Meu Deus, teriam eles ido a algum lugar juntos? *Eu não diria não se tivesse uma chance*, sua meia-irmã admitira mais cedo. Teria Cosima dito que sim ao que Tally dissera não? Mas não havia tempo para considerar essas questões assustadoras, Cosima jogava seu corpo contra o corpo de um grego tido como insaciável, com a saia curta amassada revelando mais de suas pernas do que deveria. Estava claro que ela ingerira alguma substância que a deixara zozna.

Horrorizada com o que estava vendo, Tally correu pelas escadas abaixo para descobrir como a irmã ficara naquele estado.

CAPÍTULO DOIS

— O QUE é que você fez com ela? — perguntou Tally com raiva, antes mesmo de chegar ao corredor.

Sander Volakis lhe lançou um olhar indignado.

— Esta não é uma conversa que você e eu devamos ter...

Tally cruzou os braços e bloqueou seu caminho.

— Mas eu lhe asseguro que vamos ter essa conversa, quer você queira ou não. Parece que Cosima andou bebendo. Você está ciente de que ela tem apenas 17 anos?

— Você não é quem supostamente deveria tomar conta dela? — criticou Sander numa flagrante condenação.

— Está fazendo um péssimo trabalho esta noite.

Tally ficou mortificada, sua pele clara tornando-se cor-de-rosa ao concordar, o golpe atingindo-a diretamente. Evidentemente Cosima a enganara naquela noite mais cedo quando fingira cansaço e garantira que iria direto para à cama. Assim que Tally se retirara, ela havia saído, ao que parece. Com Sander? Algo terrível-

mente brutal e doloroso revirou o estômago de Tally quando tentou lidar com esse pensamento indesejado.

Eleni Ziakis se juntou a eles e percebeu a situação num relance e olhou para Tally com uma sobrancelha erguida, uma crítica muda por ela estar vestindo apenas uma camisola amassada e um roupão.

Quando a irmã mais nova de Eleni apareceu ao seu lado, a morena falou calmamente:

— Kyra, minha irmã, levará Cosima direto para a cama. Claramente ela andou bebendo. Não é realmente uma boa ideia atrair a atenção para sua condição fazendo uma cena, srta. Spencer.

Tally comprimiu a boca rosada.

— Eu não sabia que estava fazendo uma cena. Apenas gostaria de saber o que aconteceu.

— Cosima não está em condições de lhe dizer agora, e posso lhe garantir que os pais dela gostariam que esse assunto se mantivesse privado — assinalou Eleni bruscamente, enquanto Kyra se encarregava de Cosima e a guiava cuidadosamente escadas acima.

Sander, num impulso, abriu uma porta do outro lado corredor.

— Não vamos discutir isso aqui, Tally.

Tally sabia que estava sendo desafiada e pensou que ele era tão afiado que havia o perigo de cortar-se. Reconheceu o brilho furioso em seu olhar e o traço agressivo de cor acentuando os ângulos de suas mandíbulas arrogantes. Ele se ofendera como só um homem que não está acostumado a ser censurado se ofenderia, e ela sus-

peitou de que, no fundo, era dono de um temperamento volátil como um vulcão. E um traço que anteriormente odiara em sua impulsiva e muitas vezes obstinada mãe, de repente, se tornara uma fonte profunda e permanente de fascínio.

— Isso realmente não é necessário, Sander — declarou Eleni Ziakis. — Não há nenhuma necessidade de que você dê qualquer tipo de explicação a alguém. A srta. Spencer está sendo estúpida e ofensiva.

— Posso lidar com isso sozinho, obrigado — respondeu Sander suavemente, puxando Tally para dentro e fechando a porta na cara da morena.

— Onde você levou Cosima hoje à noite? — questionou Tally abruptamente.

— Eu não a levei a lugar nenhum. Por que eu faria isso? Para mim, ela é apenas uma garotinha. Acho que ela e um grupo de amigos reservaram um táxi para levá-los até o pub na aldeia. Quando cheguei lá, o barman estava se recusando a servir mais álcool a Cosima sem que ela apresentasse uma identidade.

— Ah, pelo amor de Deus — gemeu Tally. — Ela me disse que ia dormir cedo.

— Quantos adolescentes você conhece? — debochou Sander com descrença. — *Dormir cedo?*

— Tudo bem, tudo bem — suspirou Tally, sentindo-se muito tola por ser tão crédula. — Então o que aconteceu depois disso?

— Tomei um drinque e deixei o pub cerca de uma hora mais tarde. Dirigindo de volta, deparei-me com Cosima

sentada num muro a cerca de um quilômetro da aldeia. Estava tão bêbada que mal conseguia levantar-se e, embora eu realmente não quisesse me envolver, senti que não poderia simplesmente deixá-la. Ela entrou no meu carro e começou a chorar histericamente, aparentemente combinara de encontrar-se com o namorado no pub, mas ele não apareceu.

A vergonha começou a colorir a pele de Tally, fazendo com que se sentisse quente e desconfortável.

Como Tally mudou de atitude, Sander se concentrou completamente nela, e sua atenção poderia permanecer apenas na magnífica extensão da fenda entre seus seios, revelada pelo roupão aberto e pela camisola decotada. O cordão decorado que deveria ter mantido a peça fechada deslizara gradualmente para os lados e não mais escondia seus seios esplêndidos, cheios e firmes. Sander se sentiu irrevogavelmente atraído por ela.

— Eu não fazia ideia de que Cosima tinha saído — admitiu Tally, tentando respirar num silêncio que, de repente, pareceu interminável.

— E se ela fugisse, você não gostaria que fosse comigo — concluiu Sander.

Naquele instante, Tally congelou, como se tivesse levado um golpe nas costas, como um tiro inesperado que a deixou cambaleante. Por um instante, não poderia acreditar no que ele se atrevera a insinuar.

— Eu não sei o que você está tentando dizer — mentiu ela. Bem, ela estava ficando boa em mentir.

– Você sabe exatamente o que estou dizendo. Eu estava olhando para você quando você me viu ajudando Cosima – declarou Sander com total confiança, os brilhantes olhos dourados surpreendentemente vívidos sob seus cílios pesados. – Você não gostou. Ficou com ciúmes ao pensar que eu estivesse me divertindo com ela!

Tally ficou rígida, a cor desapareceu de seu rosto enquanto a mortificação a cobria como uma névoa, uma neblina debilitante.

– Isso é completamente ridículo. Eu mal conheço você, por que teria ciúmes?

– Diga-me você. – Ao expressar o convite, um sorriso insolente surgiu em sua bela boca. E *era* lindo, pensou ela, num reconhecimento quase doloroso.

– Eu sei o suficiente sobre as mulheres para saber o que li nos seus olhos, *glíkiá mou* – acrescentou ele.

As mãos dela se fecharam, apertando os punhos com raiva.

– Você não leu nada nos meus olhos, porque não havia nada para ler.

– Mentirosa... – zombou Sander.

– Você é incrivelmente presunçoso – condenou Tally furiosamente, observando-o aproximar-se com a mesma cautela que teria ao assistir a um leão passear numa jaula. A beleza daqueles membros longos e ágeis somente aumentava seu charme. Então apesar de sua irritação, viu-se presa olhando para ele. – Eu nem mesmo gosto de você.

— Eu não preciso que você goste de mim — murmurou Sander, sua avaliação minuciosa atraída por seus grandes olhos verdes enquanto se deliciava com o desejo involuntário que via neles. — Eu só preciso que você me queira.

A sensação de formigamento atingiu a pele da nuca de Tally, como se aquele olhar a tivesse realmente tocado. Ele exalava uma força que a atraía, ao mesmo tempo em que despertava sua hostilidade. Uma onda de calor estava se formando suavemente em seu estômago enquanto seu sutiã captava os primeiros sinais de sua agitação.

— E você me quer — disse Sander Volakis confiante, os olhos escuros queimando como ouro quente enquanto procurava o rosto anguloso dela. — Assim como eu quero você, *glikia mou*.

Foi a dura admissão dele que cortou as furiosas defesas de Tally, como uma lâmina de aço cruelmente eficiente, pois, até aquele momento, nenhum homem jamais tentara fazê-la sentir-se atraente. E ela, quase sem perceber, sorriu.

Ao receber aquele sorriso encorajador, ele a puxou contra seu corpo fortemente constituído e tomou sua boca. O hábil deslizar de sua língua entre os lábios entreabertos dela enviou uma onda de prazer excruciante por Tally, como um choque elétrico. Mas a doçura inicial foi rapidamente seguida por um desejo insuportável. O beijo não foi suficiente, estava longe de ser suficiente para satisfazer a fome que queimava cada cé-

lula de sua pele com desejo. Enquanto emitia um som inconsciente de insatisfação, seus dedos se cravaram em seus ombros largos, e ela se projetou contra o contorno musculoso de seu peito largo e de suas coxas poderosas. Tally precisava urgentemente do contato físico para satisfazer a sensibilidade de seus mamilos e a dor torturante que se manifestava entre suas pernas.

Em resposta, Sander a envolveu em seus braços e a beijou novamente, provando do sabor e da exuberante suavidade de seu corpo firme contra o dele. Ele queria segurá-la e levá-la para a cama. Enlaçou a massa de cachos loiros com os longos dedos e inclinou a cabeça dela para trás, atraído pelos gloriosos olhos verdes realçados pela pele cujo tom era o do creme de leite. Mais uma vez, tentou identificar a fonte de sua poderosa atração. Era a destemida autenticidade daqueles olhos que encontravam os seus, sem nenhuma reserva que estava mais acostumado a ver? Ou a sensualidade selvagem com a qual se rendeu à sua boca e devolveu seu beijo ardente, levando seu desejo a alturas cada vez maiores? Na cama, ele suspeitou, a paixão dela seria naturalmente um páreo perfeito para a sua própria.

Um telefone celular tocou. Tally piscou, como alguém que fora hipnotizado e agora chamado de volta à consciência, e imediatamente levantou as mãos para livrar-se dos braços dele. Deu um passo para trás. Sua súbita rigidez foi uma rejeição imediata à intimidade que se estabelecera.

— Não faça assim — gemeu ele.

Tally estava quente e tonta. Consternada ao ver o quanto seu roupão estava aberto, transpassou-o mais seguramente e reatou o cordão. Suas mãos tremiam e sua respiração estava irregular. Seus pensamentos ficaram confusos, em queda livre, mas rapidamente entendeu que o acabara de fazer era resistir à maior tentação que já tivera. E ela sabia que o que os dois sentiram era quase assustadoramente poderoso. Ela estava desconfortavelmente quente e úmida, com um desejo que a arrebatou em todos os seus sentidos. O gosto dele? Era tão incrivelmente bom que ela só podia querer mais.

Sander estendeu a mão bronzeada.

— Venha...

— Não, não diga isso! — pediu Tally, recuando outro passo, na defensiva, sentindo-se ridiculamente como uma mulher em perigo de perder sua alma imortal.

— Boa noite, Sander.

— Você não está falando sério? — murmurou Sander, incrédulo, quando ela chegou à porta.

— Muito sério. — Sua mão se fechou sobre a maçaneta da porta, e Tally dispensou a chance de virar a cabeça e olhar para ele novamente.

— Eu não quero que nada mais aconteça.

Enquanto a porta se fechava depois da rápida saída dela, Sander praguejou. O que acontecera? Ignorar e fugir era a sua resposta à concepção de flertar? Ele nunca chegara a esse ponto com uma mulher apenas para que ela se afastasse dele e o deixasse insatisfeito. Nunca ficara tão surpreso com o poder de uma mulher em

atraí-lo. A perspectiva de uma ducha fria para esfriar a excitação urgente em seu corpo não era nada atraente.

Tally foi verificar Cosima e a encontrou dormindo em sua cama. Descalçando os sapatos de sua meia-irmã, ajeitou as cobertas sobre a garota e suprimiu um suspiro. Apesar de tudo, não a julgaria. Amanhã se esforçaria mais para conquistar a confiança de Cosima e talvez tivesse a chance de convencer sua irmã de que não estava compartilhando seu fim de semana com algum tipo de guarda prisional. Mas quando Tally entrou no quarto e deslizou para baixo do edredom, estava mais preocupada com sua própria reputação. Quando se tratava do sexo masculino, sempre acreditara que era inteligente e sensata e, para ser honesta, condenara várias das escolhas românticas impulsivas que sua mãe, Crystal, fizera ao longo dos anos. Sim, reconheceu envergonhada, sentira-se superior nesse campo, convencida de que nunca faria algo tão tolo. Pensou que soubesse de tudo e compreendeu que, na verdade, não era mais inteligente que uma criança quando se tratava de homens. Embora tivesse, na verdade, experimentado uma atração genuinamente poderosa por um homem, não sabia do que estava falando. Num espaço de 24 horas, Sander Volakis lhe ensinara coisas sobre si mesma que Tally não queria descobrir. O encontro com Sander provara ser uma experiência horivelmente humilhante, refletiu com tristeza. Aprendera que só o fato de estar perto dele fazia com que se sentisse tonta, excitada e incapaz de um pensamento racional, como uma

adolescente de cabeça oca. Aprendera que era humana, falível e capaz de fazer coisas tolas. Aprendera também que recusar-se a ceder a um desejo tão forte era algo que poderia realmente *machucar*.

Não era de se admirar então que sua mãe destruísse muitos de seus relacionamentos por ser infiel. Crystal Spencer nunca dissera não quando esse tipo de atração cruzara seu caminho, nunca colocara seu atual amante ou mesmo a estabilidade da filha à frente da atração sexual.

Em mais de uma ocasião, uma jovem Tally se apegara a um dos namorados que moravam com sua mãe, e eles, em seguida, desapareciam subitamente da vida dela, deixando-a aborrecida e confusa. Muito jovem, decidira que os homens não eram confiáveis e que era mais seguro não importar-se com eles.

De qualquer forma, envolver-se com Sander Volakis não levaria a lugar algum. Bem, no máximo ao quarto dele, mas era isso e só isso. E prazer adiado era algo que Sander definitivamente não conhecia. Eles haviam se beijado e ambos gostaram e queriam mais, e Sander não via nenhuma razão para que não saciassem aquele desejo imediatamente. Tally sabia exatamente o que se passara na mente dele, sentira a atração dele e reconheceria a sua própria.

Talvez fosse morrer virgem, pensou Tally em súbito horror, intocada por um homem, rejeitada. Sander era bom demais para correr atrás dela na esperança de que pudesse ceder. O súbito desejo de um homem da apa-

rência e status dele por ela era surpreendente, devia ser apenas um acaso, uma dessas coisas inexplicáveis.

Eles não tinham nada em comum além do fato de Tally ser grega pelo lado de seu pai, e Sander nem mesmo sabia que seu pai e sua família não estavam ansiosos em contar às pessoas quem ela era. Sander e ela eram de mundos diferentes. Não haveria futuro com ele e poderia apenas machucar-se. Em sua cama de solteiro, Tally se revirou agitada e lutou contra si mesma. Como estava amanhecendo quando Tally conseguiu dormir, acordou tarde. Estava completamente desorientada quando foi sacudida por Cosima no dia seguinte e descobriu que já era de tarde.

— Ah, pelo amor de Deus — murmurou, afastando os cachos que caíram sobre a testa e sentando-se na cama.

— Há quanto tempo está acordada?

— Tempo suficiente para jogar algumas partidas de tênis esta manhã e depois almoçar. Agora os homens saíram para caçar, e nós vamos ao shopping, então é melhor você se levantar.

— Shopping? Por quê? — respondeu Tally, afastando o edredom.

— Isso diz tudo, Tally. Não há um *porquê* quando se trata de compras! — disse Cosima. — Há uma grande festa aqui hoje à noite, e você não pode usar aquele vestido barato de novo. E eu quero algo novo também.

— Sobre ontem à noite... — começou Tally sem jeito.

— Não faça um sermão — pediu Cosima com um olhar duro. — Mas eu lhe devo um pedido de desculpas, pois este quarto é uma espelunca.

Tally percebeu a careta de Cosima ao olhar para as paredes desbotadas e para o mobiliário usado, considerados adequados para os empregados, mas não para os convidados, e riu.

— Não é tão ruim assim. O que aconteceu com Chaz ontem à noite?

Cosima se colocou na defensiva ante a pergunta sobre seu namorado.

— Ele não apareceu porque não conseguia... ele se perdeu — disse com um ar de desafio que sugeria que alguns de seus amigos já poderiam não ter acreditado nessa desculpa.

Tally se viu sendo arrastada para fora da mansão e acomodada num utilitário de luxo que pertencia a um dos amigos de sua irmã. Como não tivera chance de comer nada, seu estômago roncava. Durante a viagem de volta para Londres, tentou fazer Cosima falar sobre Chaz, mas sua irmã estava decepcionantemente relutante em partilhar qualquer informação.

A fazenda Westgrave estava apinhada de funcionários agitados e fornecedores quando Tally voltou de táxi no fim da tarde, já que a irmã e as amigas decidiram ficar para fazer tratamentos de beleza. O pai telefonara para saber como estava indo o fim de semana. Tally não contara nada a ele sobre a noite anterior e aproveitou a oportunidade para perguntar o que ele tinha contra o namorado de sua irmã.

— Charles Roberts tem condenações por uso de drogas. Ele é uma pessoa inescrupulosa, e eu não o que-

ro em nenhum lugar perto de minha filha — admitiu Anatole Karydas severamente.

Tally usou o banheiro da suíte de Cosima, como ela recomendara, para tomar banho, lavar e secar o cabelo. A tarde fora divertida. Sua irmã insistira em comprar-lhe um vestido novo e, embora o minivestido de cetim azul-turquesa com adornos no decote tivesse um comprimento menor do que Tally normalmente costumava usar, sentira-se incrível nele, amando a cor brilhante e a forma como iluminava seu rosto. Não fazia ideia de quanto custara e não tinha intenção de perguntar.

O jantar fora servido num bufê. Morrendo de fome como estava, Tally se serviu e, em seguida, ao ver a cabeça orgulhosa de Sander a distância, abandonou o prato para que ele não pensasse que era uma gluttona e encheu outro prato com coisas mais frugais. Como um relâmpago, sentiu a excitação dele mesmo estando do outro lado da sala e mal conseguiu acreditar na imaturidade de suas reações, mas seu coração já estava batendo tão rápido e violentamente que sentiu como se estivesse em sua garganta e não conseguia comer.

Um homem de cabelo escuro sorriu para ela.

— Beba um pouco de champanhe. Eu não me lembro de já termos nos encontrado — murmurou ele com gentileza. — Sou Robert Miller.

— Tally Spencer. Deus, isso é complicado. — Riu, lutando para controlar o copo, o prato e os talheres, sem mencionar a bolsa de noite pendurada em seu pulso.

Ele segurou o prato para ela e se apressou em encontrar uma mesa.

Tomado de fúria, Sander observou o garoto prodígio, designer de programação, Robert Miller, avançando sobre Tally. Ela *parecia* incrivelmente sexy em seu vestido turquesa, o decote enfeitado com joias, ressaltando sedutoramente a superfície cremosa de seus seios enquanto o comprimento da saia revelava muito mais de suas pernas bem torneadas do que fora exibido na noite anterior.

Quando Cosima passou, agarrada ao braço de um homem alto com o cabelo loiro, sujo e espetado, Tally chamou o nome dela. Sua irmã parou relutante para fazer a apresentação. Enquanto Cosima anunciava que seu namorado tinha uma reserva no clube da moda para mais tarde naquela noite, Tally desconfiou instantaneamente de Chaz, com seus olhos azuis calculistas, exercendo um forte controle sobre a garota.

Com pelo menos 30 anos, era muito mais velho do que ela esperava e muito maduro para alguém de 17 anos, pensou preocupada.

— Vou sair cedo com Chaz para ir ao clube e provavelmente não me preocuparei em voltar para cá — anunciou a adolescente. — Mas você não deve contar ao papai...

Com o coração arrasado, Tally levantou o queixo.

— Eu não quero mentir para ele, Cosima.

A raiva ressentida ardia nos olhos de sua irmã.

— Mas você *tem* que...

— Eu não tenho que fazer nada — respondeu Tally, com um gentil pesar. — E nem você. Eu acho que você deveria terminar o fim de semana aqui com seus amigos.

A mulher mais jovem sussurrou algo muito rude e se afastou. Estremecendo, Tally se voltou para seu acompanhante.

— Desculpe por isso, mas eu deveria estar cuidando dela.

— Ela parece ser bem difícil — comentou Robert com o sorriso de um homem capaz de manter uma adolescente mimada sob controle.

— É a filha de Anatole Karydas, não é? Você trabalha para ele?

Desconfortável com essa mentira inventada por Cosima, Tally virou a cabeça.

— Mais ou menos...

Seu olhar inquieto passeou pela sala e localizou Sander, que a observava do outro lado. Mesmo àquela distância, os belos olhos escuros e profundos dele podiam fazê-la tremer com uma impotência consciente e retesou seus mamilos em dolorosas ferroadas debaixo de suas roupas.

Um garçom se aproximou dela com uma taça na bandeja.

— A srta. Karydas envia isto com seus cumprimentos.

— Ah... — Tally olhou brevemente para o coquetel colorido e olhou em volta procurando por sua irmã, mas não conseguia vê-la. Era esse o jeito de Cosima desculpar-se? A taça foi colocada em sua frente.

— Se você não comer, sua comida vai esfriar — disse Robert Miller.

Desviar a atenção de Sander Volakis exigiu cada partícula de autodisciplina que Tally possuía. Ela *adorava* olhar para ele, e a tentação de fixar os olhos na perfeição masculina esculpida de seu rosto a atraía com uma persistência embaraçosa. Sentou-se, olhou para a comida e percebeu que seu apetite desaparecera. Em vez disso, deu um gole na bebida que fora enviada a ela. Era muito frutado e muito mais ao seu gosto do que o álcool normalmente era.

— Tally... — murmurou Sander, projetando uma longa sombra escura sobre a mesa com sua impressionante postura. — Robert...

Olhando para cima ao encontro do ouro cintilante dos olhos dele e sentindo a insatisfação e a raiva que Sander lutava para esconder em seu sorriso perfeito e seus dedos cerrados, Tally começou a levantar-se. Foi uma reação visceral à consciência imediata de que ele não gostara de vê-la na companhia de outro homem. *Sander estava com ciúme*. Nenhum homem fora possessivo com Tally antes.

Eleni Ziakis se juntou a eles e começou uma conversa fútil. Em meio a isso, Sander corajosamente segurou a mão de Tally para afastá-la dali. Parando apenas para lançar a Robert um olhar de desculpas, Tally pegou sua bebida colorida e não fez nenhuma objeção a Sander fechar um braço em volta dela, numa demonstração que fez brilhar de aborrecimento os olhos negros de

Eleni. Resgatada por Sander e momentânea e mentalmente decidida a reviver a urgência de sua boca sobre a dela na noite anterior, Tally estava extremamente feliz, mas levemente tonta.

— Esta noite você vai ficar comigo — informou Sander.

— E amanhã? — desafiou Tally, sorvendo um pequeno gole de sua bebida para saciar a sede.

Sander fez uma pausa, olhou para ela e levantou a mão bronzeada para afastar uma mecha de cachos loiros para trás de sua orelha, num gesto de carinho confiante. Seus olhos dourados estavam colados ao seu rosto anguloso, e ela não poderia libertar-se daquele abraço nem que sua vida dependesse disso.

— Amanhã você ainda estará comigo, *glikia mou* — afirmou ele, a outra mão fechando-se sobre o quadril dela para trazer seu corpo pequeno e curvilíneo mais para perto. E, mesmo pelas roupas, ela podia sentir a rigidez da ereção dele, e uma oculta excitação tomou conta dela.

— O que você está bebendo? — perguntou Sander com a voz rouca.

— Eu não sei... Cosima enviou-me isto. Eu fiquei surpresa, porque tivemos um desentendimento, e ela estava brava comigo. — Tally franziu a testa um pouco, porque podia ouvir suas palavras tornando-se indistintas.

— Do que você discordou?

— Ela queria sair com o namorado, e eu disse que não a acobertaria com o pai. O namorado tem condenações por uso de drogas — sussurrou com a voz densa, sua lín-

gua sentindo-se muito grande para sua boca e batendo em seus dentes.

– Deixe-me pegar algo para você comer – insistiu ele.

– Não estou com fome... Na verdade, estou me sentindo um pouco estranha – confidenciou Tally, porque sentiu seus membros inferiores estranhamente separados do resto do corpo e desajeitados e precisava de um grande esforço para fazer seus lábios e sua língua pronunciarem as palavras corretamente.

– Quanto você bebeu?

– Apenas uma... Eu *juro* – acrescentou com veemência quando ele lhe lançou um olhar desconfiado. – Eu não posso acreditar que estou me sentindo assim depois de apenas uma bebida.

Segurando o braço dele para equilibrar-se em suas pernas que pareciam geleia, Tally ficou aliviada quando Sander a acomodou atrás de uma mesa, e ela pôde desistir da luta para ficar em pé. Sua cabeça se sentia muito pesada para seu pescoço, e ela apoiou o queixo em sua mão voltada para cima. Sentia-se péssima, como se o mundo se fechasse ao redor dela.

– Sander... Eu sinto muito... Acho que vou lá para fora...

Quando ela começou a cair, Sander fez um sinal para Cosima, que os observava fixamente. Ele levantou o copo.

– Entrego isto para a polícia?

– A polícia? – Tally se esforçou para sentar-se novamente, murmurando em estado de choque.

– *Polícia?* – gritou Cosima horrorizada.

– Você colocou drogas na bebida de Tally.

– Não... polícia... – Tally conseguiu articular com uma ênfase obstinada, vislumbrando o rosto acometido pela culpa de sua irmã. – *Polícia não.*

– Ela estava atrapalhando sua diversão? Bem, você está atrapalhando a minha! – completou Sander duramente enquanto Tally caía em seus braços sobre o tampo da mesa. – Não foi uma boa ideia, Cosimã. Agora você tem que me contar o que colocou naquela bebida, e eu vou decidir o que fazer em seguida. Enquanto isso, seu namorado vai embora. Eleni não quer ninguém batizando bebidas em sua festa.

Cosima observava Sander como uma serpente observa seu encantador, e o medo e a fúria estavam estampados no rosto adorável dela. Tally piscou sonolenta e finalmente fechou seus olhos pesados com alívio. Nem mesmo um alarme de incêndio a despertaria de seu estado letárgico.

CAPÍTULO TRÊS

TALLY SE sentiu maravilhosamente confortável ao abrir os olhos lentamente para se concentrar no elaborado dossel de seda acima dela...

Mas, de repente, se deu conta. Aquele não era o quarto dela. A luz da manhã se infiltrava pelas cortinas e iluminava os ricos contornos de um grande quarto decorado com antiguidades. Também não era o quarto de Cosima. Sua atenção recaiu sobre as roupas masculinas sobre uma cadeira próxima e imediatamente se desviou para seu próprio corpo debaixo dos lençóis. Estremeceu ao reconhecer o vestido azul-turquesa que usara na noite anterior jogado no chão formando uma pilha com seus sapatos e bolsa de noite e ficou aliviada ao constatar que ainda usava sua roupa de baixo. As últimas lembranças da festa vieram à tona, antes de ouvir o som inconfundível de água corrente além da porta que estava entreaberta do outro lado da cama. A porta que dava para um banheiro?

Tally ficou desconcertada quando Sander Volakis entrou no quarto com apenas uma toalha em volta de seus quadris.

– Ah... você está acordada – disse ele incrivelmente calmo.

– Como eu cheguei aqui? O que aconteceu? Você também dormiu aqui?

– Claro, este é o meu quarto – informou Sander.

– Então o que eu estou fazendo aqui?

– Não havia ninguém para cuidar de você. Depois que o médico a examinou...

– O médico? – engasgou Tally, de repente, dando-se conta de que seu cabelo provavelmente estava bagunçado e sua maquiagem borrada. Ela quis pular para debaixo da cama e esconder-se, mas se forçou a ficar sentada ali, sentindo-se desconfortável com a constante observação dele. – Que médico?

– Eleni e eu achamos melhor chamar o clínico geral local para examiná-la, caso fosse necessário você ir para o hospital. Cosima jurou que colocou apenas uma pílula para dormir em sua bebida, que conseguiu com um amigo, *não* com o namorado, segundo ela – explicou Sander. – O clínico geral pediu o vidro, consultou um colega por telefone e decidiu que era improvável que você sofresse danos permanentes. Então deu uma aula para Cosima sobre os riscos de dar medicamentos sem prescrição a terceiros que a deixou histérica.

– Ah, meu Deus – gemeu Tally, encolhendo-se diante da quantidade de confusão e drama que seu

desmaio causara. Mas estava realmente perturbada por sua irmã tê-la feito ingerir uma substância perigosa e resolveu ter uma conversa séria com Cosima. No entanto, naquele momento, tinha uma preocupação mais urgente: a presença de sua roupa de baixo sugeria que nada íntimo ocorrera entre Sander e ela, mas queria ter certeza.

– Percebi que... hã... Não fizemos nada na noite passada, não é? – perguntou ela, seu rosto queimando.

– Prefiro minhas mulheres acordadas. Acordadas, dispostas e consentindo. Jamais me aproveitaria de uma mulher inconsciente.

– Sinto muito. Não tive a intenção de insultá-lo, mas ainda não entendo por que passei a noite em seu quarto.

– Cosima não se ofereceu para ajudá-la e optou por deixá-la nas mãos dos funcionários. Nenhum deles a conhecia. Eu quis ter certeza de que você estava bem.

– Obrigada.

Era impossível continuar sentada lá por mais tempo, precisava ir ao banheiro. Tally pulou da cama enrolada no lençol e correu para o banheiro como um corredor para a linha de chegada.

Divertindo-se em olhar para seus seios exuberantes saltando com o apoio insuficiente de um minúsculo sutiã preto e calcinhas, Sander apenas riu quando a porta se fechou atrás dela. Ele adorava aquele corpo pequeno, e ela era tímida, ao que ele estava ainda menos acostumado. Tímida, possivelmente até um pouco pudica, que para ele seria uma característica ainda mais

estranha no sexo feminino, reconheceu ironicamente, uma vez que as mulheres com quem ele dormia não se importavam com a nudez. Ele precisara tomar um banho gelado no meio da noite para apagar as chamas de excitação causadas pelas curvas seminuas de Tally contra ele.

Tally gemeu horrorizada ao ver seu reflexo desganhado nos vários espelhos ao seu redor. Era um banheiro infernal, decidiu ela, nervosa com o número de reflexos atingindo-a por todos os ângulos. Pegando um pente masculino, começou a colocar ordem em seus cachos, lutando para controlar o arrepiado. Depois de lavar o rosto e usar uma das escovas de dentes novas que estavam ali, ela entrou no chuveiro. Ainda estava envergonhada pela maneira desajeitada como fugira do quarto. Afinal de contas, naquelas circunstâncias, Sander Volakis se comportara muito bem para um homem com a reputação de mulherengo rico e mimado. Embora ele mal a conhecesse e o relacionamento deles se reduzisse a um ou dois beijos apaixonados, na noite anterior, ele se importara e cuidara dela. Muitos homens apenas se afastariam e dariam as costas àquela cena lamentável. O fato de ele não ter escolhido o caminho mais fácil realmente a impressionou.

Vestindo o roupão branco atrás da porta, Tally colocou sua lingerie no bolso e voltou para o quarto.

— Está com fome? — perguntou Sander, enquanto ajeitava as bandejas de café da manhã, certamente trazidas por algum empregado. Vestindo apenas uma ca-

miseta branca e um par de jeans azul-claro que moldava seus quadris estreitos e suas coxas longas, ele estava extremamente atraente.

– Não, obrigada. É melhor eu voltar para o meu quarto.

– Por que você sempre quer fugir de mim?

– Eu não estou fugindo – disse ela com um sorriso tenso.

– Você sente a mesma vibração que eu.

Era verdade, porque quando ele estava perto, ela ficava tão tensa que mal podia respirar. Quando ele se aproximou e a puxou pela faixa do roupão, Tally não fez nenhuma objeção. Na verdade, riu com um sentido lúdico de liberdade que era novo para ela.

– Quero você, *moli mou* – sussurrou ele com seu sotaque sexy.

– Você não pode me ter – disse ela com ousadia.

– Apenas uma pequena amostra antes de você ir – disse Sander, segurando-a contra ele e depois abaixando a cabeça negra para brincar com os lábios cheios e rosados dela numa investida lenta e sensual.

Quando ele sugou seu lábio inferior, seu rosto queimou, e ela estremeceu. Uma fração de segundo depois, ele aumentou a pressão, e seu pulso saltou como trapezistas num fio de alta tensão, abrindo a boca para que a língua dele a explorasse, a excitação fluindo por ela como uma chuva de faíscas. Era mais do que uma amostra, era um banquete. Sua firme mão masculina fechando-se ao redor da suave elevação de seus seios

arredondados, o polegar deslizando pela ponta do mamilo intumescido, fazendo-a ofegar sob sua boca, todos os seus sentidos lutando para aproveitar ao máximo cada nova sensação. *Vá, a mente dela ecoava num curioso refrão. Ir... aonde?* Ela não queria ir a qualquer lugar que significasse ter que se separar dele. Com um abraço firme, Sander a ergueu do chão sem dificuldade e sem parar de beijá-la. O braço que passara em torno de seus quadris a pressionou, o contato revelando sua potente excitação. Quando a levou para a cama, a excitação a deixara mais zozna que o remédio da noite anterior. Tinha uma sensação de estar fora de controle que deveria assustá-la, mas em vez disso, se sentiu feliz com a grandiosidade da resposta de seu corpo e da sintonia entre eles. Ele se parecia com o homem que ela secretamente desejara encontrar há tanto tempo e, enquanto uma vozinha no fundo de sua mente a alertou de que acabara de conhecê-lo, ele já ganhara sua confiança.

E confiança era tudo para Tally.

— Você tem seios lindos, *glikia mou* — disse Sander abrindo o roupão para revelar os círculos volumosos que moldou em suas mãos, os longos dedos morenos tocando seus mamilos protuberantes. — Tenho fantasias com eles desde que nos conhecemos...

Ela corou, seus olhos verdes muito brilhantes, pois não sabia o que dizer e estava extremamente desconfortável com a visão de seu corpo à luz do dia. Mas antes que pudesse reagir, Sander inclinou a cabeça para tomar um tenro seio rosado entre seus lábios e tocá-lo

com a língua, causando uma explosão de calor em sua pélvis, espalhando o mesmo estímulo por seu corpo inteiro. Pela primeira vez na vida de Tally, o desejo a tomava, e ela não podia acreditar no quanto era poderosa e firme a maneira como ele a segurava. Ele a beijou novamente, e ela parou completamente de pensar, suas mãos deslizando impacientemente sobre a pele acetinada de seus ombros largos e seus dedos espalhando-se contra os pelos ásperos de seu peito.

– Você vai ficar? – perguntou Sander com a voz grossa, com seu sotaque sexy.

Por um instante, sem fôlego e com seu corpo queimando de desejo, ela não podia entender por que ele faria aquela pergunta. Sander passou um dedo provocante por seus lábios vermelhos.

– Quero você. Quis você desde o primeiro momento em que a vi, mas gosto de jogar limpo. E também quero sua garantia de que está totalmente recuperada da noite passada.

– Claro que estou.

Eu quis você desde o primeiro momento em que a vi... Sim, ela gostou de como aquilo soou, tão perfeitamente igual a como ela se sentira quando o vira pela primeira vez. Ela olhou em seus brilhantes olhos escuros, e as batidas de seu coração aceleraram, os músculos em sua pélvis se contraíram numa resposta que veio tão facilmente quanto sua próxima respiração. Mas esse impulso insano de desejo tornou quase impossível que pensasse com clareza. Iria dormir com ele? Ela que-

ria. Sabia que, se pensasse um pouco, poderia pensar em, pelo menos, vinte razões pelas quais não fazer isso, mas, apenas uma vez, Tally estava se rebelando contra seu lado cauteloso e sensato. Sander era bonito, sexy e surpreendentemente atencioso, e ela estava lisonjeada de que ele a achasse tão atraente. Estava convencida de que nunca iria encontrar um homem mais adequado a ser seu primeiro amante.

— Tally... — Sander sorriu para ela.

E porque já estava com medo de estar pensando demais e diminuindo sua recém-encontrada confiança e espontaneidade, ela o puxou para baixo e o beijou com toda a paixão feroz que sempre suprimira.

Sander se encantou com seu entusiasmo. Ela era como uma tocha em seus braços e tinha o corpo de uma deusa. Ele chegou até embaixo e a encontrou molhada e pronta para o próximo passo. Colocou um preservativo fácil e apressadamente, pois estava muito excitado. Depois a puxou para baixo dele e pressionou os joelhos dela para trás.

Tão ansiosa quanto ele para o ato final, o desejo pulsando em sua pélvis com cada vez mais intensidade, Tally não fez nenhuma objeção. Mas quando sentiu a firmeza de sua ereção aprofundar-se nela, o nervosismo a deixou subitamente tensa e quando, num impulso, penetrou-a profundamente, Sander a machucou. Ao som de seu grito de dor e da cara que ela fez, Sander teve que lutar para controlar o prazer dentro de seu corpo morno, apertado, delicioso. Congelou momentanea-

mente e praguejou, afastando-se dela num movimento abrupto.

– Que droga! – exclamou Sander.

Tomada por um enorme constrangimento quando percebeu a reação dele ao seu grito, Tally respirou fundo e disse:

– Você não precisa parar.

Sander franziu a testa como se ela estivesse falando em outro idioma.

– É claro que preciso. Eu a machuquei.

– Eu não sabia que poderia ser tão... hã... desconfortável na primeira vez – murmurou ela desculpando-se. Quando Sander se afastou ainda mais, ela notou uma mancha de sangue nas fibras brancas do roupão sobre o qual estava deitada.

– Primeira vez? Você está dizendo que era virgem?

Tally observou seus fortes ombros bronzeados e muito tensos.

– Hã... sim.

Sander se afastou dela e rolou para fora da cama num movimento defensivo.

– Então qual é a sua? – perguntou ele antes de desaparecer dentro do banheiro.

– Como?

Confusa, Tally colocou novamente o roupão em volta de seu corpo exposto e se sentou. Ela estava totalmente mortificada pelo fim desprezível de sua intimidade. Sander parara de repente, claramente não tinha intenção de continuar e também estava com raiva. Ele

reapareceu e pegou sua cueca boxer para vesti-la novamente. Lançou-lhe um tórrido olhar de desconfiança.

— Qual é o seu jogo? Você era virgem. Não quero problemas.

Embora, por um lado, Tally quisesse desaparecer pelo colchão, por outro, estava ficando irritada com a atitude dele.

— Qual é o *seu* problema? Talvez fosse melhor eu ter avisado...

— Claro que você devia ter me avisado! Se eu soubesse, teria tomado cuidado!

Corando, Tally amarrou a faixa em seu roupão e saiu da cama.

— Bem, não vamos fazer um drama disso. Entendo que você esteja surpreso, mas não vejo nenhuma razão para que esteja tão irritado comigo.

— Eu não gosto de surpresas. As mulheres normalmente fazem planos com relação a mim...

Tally desviou o rosto enquanto se abaixava rapidamente para pegar seu vestido e os sapatos.

— Meu plano poderia ser... ficar longe de você o mais rápido possível? — perguntou ela, lutando contra seu sentimento de humilhação com todas as suas forças.

— As mulheres não costumam perder sua virgindade num encontro casual.

— Desculpe se me desviei do padrão e assustei você. Não sabia que você só flertava com mulheres experientes. Com que tipo de mulher você está acostumado? Ou essa é uma pergunta indiscreta?

Sander não conseguia lembrar-se de ter conhecido uma mulher com a inocência de Tally Spencer. Mesmo quando era adolescente, suas companhias do sexo feminino eram tão naturais e desinibidas com relação ao sexo quanto ele mesmo. No mundo em que vivia, todos eram sexualmente vividos e nem mesmo passara pela cabeça dele, apesar da timidez que notara, que ela pudesse ser diferente.

— Você é minha primeira virgem — admitiu Sander, fechando seu jeans e examinando-a com tensão. — Ouvi dizer que quanto menos experiente uma mulher é, mais ela espera de um homem.

— Você ouviu errado, o que não me preocupa, de qualquer forma. Eu posso ter quase nenhuma experiência, mas não espero nada de você, muito menos um discurso sobre perder minha virgindade num encontro casual! — disse Tally sem rodeios, inclinando o queixo, os cachos em forma de saca-rolhas reluzindo ao redor do rosto corado, evidenciando o verde brilhante de seus olhos.

— Eu não teria escolhido fazer amor com você se soubesse que seria seu primeiro amante. Você deve ter alguma razão para ter esperado tanto tempo para fazer sexo.

— Eu não sou exatamente uma velha senhora. Nem sou tão incomum como você pensa. Nem todas as garotas perdem a virgindade cedo. Demorei o tempo que precisei.

— Mas por que você me escolheu? Ou é uma pergunta idiota? — perguntou Sander clinicamente.

– Uma pergunta idiota? – perguntou Tally da porta do banheiro, porque estava planejando vestir-se, mas não na frente dele.

– Talvez trabalhar para a filha de Karydas tenha lhe dado uma amostra do estilo de vida dela, e você esteja esperando que eu lhe dê isso – ridicularizou Sander.

– Ah, então agora você pensa que eu sou uma caçadora de ouro... Meu Deus, você é tão obcecado por dinheiro quanto Cosima! – condenou Tally furiosamente, indignada com as suspeitas dele sobre seu caráter. – Cresça, Sander! Fizemos sexo, mas eu não estou esperando nenhum tipo de compromisso! Na verdade, seria muito bom se nunca mais o visse depois desse fiasco!

Em minutos, Tally tirou o roupão e vestiu sua roupa. Ela surgiu do banheiro e empurrou Sander com força ao passar ele.

– Tally...

– Deixe-me em paz! – respondeu Tally com raiva enquanto saía do quarto e subia as escadas diretamente para o seu. Após vestir roupas casuais e arrumar as coisas para ir embora, pegou seu celular para verificar os horários dos trens locais e então telefonou para seu pai. Não era uma ligação que gostaria de fazer, mas sentia que seria o certo contar a ele o que acontecera com Cosima. Anatole Karydas ficou chocado e um pouco quieto e foi com o coração apertado que ela desceu as escadas para enfrentar sua irmã.

– Ah, é você... – Envolvida num quimono de seda colorido, Cosima, com uma expressão contrariada, re-

lutantemente deixou seu quarto. — Suponho que esteja esperando para me dar uma bronca, mas você devia ter se metido com sua própria vida ontem à noite. Mesmo Chaz não tendo nada a ver com o que aconteceu, ele foi expulso da festa. Sem dúvida, você está satisfeita com isso!

— Neste exato momento, eu não poderia estar menos preocupada com você ou com seu namorado. Graças a você, desmaiei em público e fui deixada dependendo da bondade de estranhos enquanto estava inconsciente — lembrou Tally à irmã, a acusação em seus olhos brilhantes, magoada com a falta de preocupação de Cosima. — Como você pôde me fazer passar por isso? Foi uma coisa muito perigosa e uma experiência muito desagradável. Vou embora, Cosima. Vejo você em outra ocasião. Ou não.

Sua irmã a seguiu até a porta, só então reparando na pequena mala que Tally deixara no corredor.

— Aonde você está indo?

— Tenho um trem para pegar.

— Mas você deveria ficar e cuidar de mim!

— Eu gostaria de ir para casa agora. Tudo de bom, Cosima — disse Tally sinceramente e partindo em seguida.

CAPÍTULO QUATRO

SANDER ACABARA de sentar-se para, finalmente, tomar seu café da manhã e ler a seção financeira de um dos jornais de domingo quando viu Tally carregando sua mala em ritmo acelerado pela entrada de automóveis. Pensando no que poderia ter acontecido para que ela fosse embora de repente da fazenda Westgrave, Sander se levantou com uma careta e desceu para tirar a história a limpo.

Não que lamentasse o que dissera para Tally. Se pudesse escolher, nunca dormiria com uma virgem. Não que ainda estivesse sequer interessado nela, não estava. Sander gostava que sexo fosse simples, e seu encontro totalmente frustrante com Tally o convencera de que, ao variar seu tipo usual de companhia feminina, cometera um grande erro. Em vez de experimentar uma noite com uma garota "comum", acabara com uma virgem, mal-humorada e ingrata, a propósito. Aluno inteligente que era, aprendera que, no futuro, ficaria com as mulheres experientes e sofisticadas com as quais estava acostumado.

Tally olhou para cima quando ouviu o ronco do carro esporte passando lentamente por ela, mas quando viu Sander, corou e levantou o queixo na defensiva.

— O que você quer?

Seu cabelo loiro-escuro estava voando com a brisa numa cascata espetacular de cachos. Seus olhos verdes vívidos estavam arregalados e resistentes acima de sua pele cremosa, e seus lábios cheios e macios, que tinham gosto de morangos maduros, estavam ligeiramente abertos e úmidos. A crescente reação familiar em sua virilha enfureceu Sander, e ele a observou com atenção, perguntando-se o que havia com ela que despertava tamanho desejo a todo momento.

— Vou lhe dar uma carona — disse ele.

— Obrigada, mas estou indo para a estação e é logo depois da estrada — disse Tally com frieza, convencida de que ele só a seguira porque sentira pena dela. Os traços de seu corpo magro e bronzeado eram tão incrivelmente bonitos que aquela constrangedora necessidade de olhar e olhar novamente para ele já estava tomando conta dela.

Sander desceu do carro como se ela não tivesse falando nada e colocou a mala dela no banco de trás.

— Vamos lá — insistiu ele impaciente.

Decidida a não discutir com ele em frente à mansão, Tally comprimiu seus lábios generosos e deslizou para o banco do passageiro, sentindo-se extremamente desconfortável.

— Aquela criança chata e mimada demitiu você? — perguntou Sander acelerando o carro. Ele estava lutan-

do para não reparar em como o suéter realçava seus seios e a calça jeans definia suas coxas arredondadas ou lembrar-se daquele corpo deslumbrante deitado nu à sua frente, num convite que terminara muito mal.

— Hã... não. Nós apenas teríamos que seguir nossos caminhos separadamente mais cedo ou mais tarde — defendeu Tally, evitando mentir ou marcar Cosima como uma mentirosa. Sentiu-se desconfortável com isso, mas contar-lhe a verdade seria impossível. Ele nascera e fora criado na Grécia, como sua irmã, e frequentara os mesmos círculos sociais.

— Aquela garota está fora de controle. Ela cometeu um crime ontem à noite — observou Sander enquanto saía da estrada principal.

— Ela é jovem. Sem dúvida, passou dos limites.

— Quantos anos você tem?

— Vinte.

— Você aparenta ser muito mais madura. — Sander ficou surpreso e não muito feliz em saber que ela acabara de sair da adolescência.

— Mas não madura o suficiente para afastar você esta manhã! — respondeu Tally, mal disfarçando a amargura.

— Não encare dessa forma — disse ele, lançando um olhar para seu perfil tenso enquanto estacionava numa rua na estrada tranquila do lado de fora da estação de trem. Tally olhou-o com aversão.

— Como você espera que eu encare? Foi apenas uma experiência ruim, e ainda por cima você me insultou!

Tally desceu do carro e se virou para pegar sua mala, mas Sander foi mais rápido. Ele corou ante a menção da palavra "ruim" e, com uma inesperada antipatia, lhe entregou a mala e estendeu seu braço para ela à frente do carro. Sander estava divertido e intrigado. As mulheres nunca lutavam com ele e ainda mais raramente o criticavam, e ela não parecia alguém que faria isso, tão pequena e macia, com curvas arredondadas, uma aparência extremamente feminina. Ele estava tentado a tomá-la em seus braços e provar-lhe que podia transformar "ruim" num delicioso orgasmo, e isso o irritou porque não teria a oportunidade.

— Você poderia sair para jantar comigo uma noite dessas — murmurou Sander.

— Você deve estar brincando! — disparou Tally.

— Você não sabe o que está perdendo, *glikia mou*.

— Não sei? Já lhe disse como me sinto a seu respeito! E não me chame de querida. Eu não sou sua querida coisa nenhuma!

— SÃO ABSOLUTAMENTE lindas! — exclamou Binkie, afundando seu nariz no perfumado buquê de rosas que haviam acabado de entregar.

— Meu Deus do céu — observou Tally, juntando-se a ela na cozinha. — Será que algum dos amantes de minha mãe acha que ela já chegou de Portugal?

— Não são para sua mãe, são para você! — disse Binkie, virando os olhos com um brilho de satisfação para Tally.

— *Para mim?* — Tally arrancou o cartão das mãos de Binkie.

Rasgando o envelope, leu apenas duas palavras no pequeno cartão e um número de telefone.

Jantar? Sander.

— Ah — murmurou ela, deixando cair o cartão como se tivesse queimado suas mãos, enquanto se perguntava por que Sander Volakis mandara aquela mensagem tão conflitante. E ele realmente pensava que poderia mandar-lhe algumas flores e ela iria telefonar como uma garotinha obediente, agradecendo pela atenção e ansiosa para esquecer como fora ofendida? Apenas cinco dias antes, Sander deixara dolorosamente claro que não queria mais nada com ela, e sua insinuação de que dormira com ele porque era rico a ofendera profundamente.

No entanto, ele a convidara para jantar uma hora depois, ao deixá-la na estação para pegar o trem de volta para Londres. Ela deixara claro que não estava interessada, então por que agora ele mandava flores? Um extravagante buquê de rosas muito caro e realmente lindo também. Binkie queria saber tudo sobre quem enviara as flores, e Tally teve que admitir que encontrara Sander na fazenda Westgrave e contar tudo o que sabia sobre ele. Relutando em deixar Binkie chateada, não contou os acontecimentos desagradáveis que envolviam Cosima. Corando descontroladamente sob a avaliação atenta de Binkie, Tally se concentrou em falar sobre a má reputação de Sander com as mulheres. O brilho de esperança romântica nos olhos de Binkie começou a recuar.

Enquanto Tally ajudava a arrumar as rosas e colocar o vaso em seu quarto, pensava que não tinha a menor intenção de fazer uso do telefone de Sander Volakis. Num momento de fraqueza, fizera uma busca pelo nome dele na internet e fora imediatamente recompensada com razões ainda melhores para mantê-lo a distância. Sander evidentemente era especializado em mulheres de belas pernas, modelos famosas, celebridades e socialites. Ele saía com mulheres que usavam vestidos muito curtos e biquínis e era flagrado ao lado delas dançando em festas, deixando discotecas ou posando em iatês. Pensando nisso, Tally aceitou que era errado passar a noite inteira acordada pensando no volúvel grego e seu rosto inesquecível. No entanto, fizera sexo com ele, reconheceu mortificada. Tudo fora muito excitante até certo ponto e depois uma dolorosa decepção, lembrou ela com uma careta, perguntando-se se teria sido melhor se ele tivesse continuado. Em seguida, repreendeu-se por sua persistente curiosidade. Aprendera uma boa lição, disse a si mesma em vez disso. Ter intimidade com um estranho não era uma boa ideia.

Cosima telefonara naquela mesma manhã e confienciara que Sander a telefonara para pedir o endereço de Tally.

– Você está saindo com ele?

– Não, mas ele me mandou flores – admitiu Tally para satisfazer a curiosidade da irmã.

– Papai ficou muito impressionado quando contei a ele.

– Você não devia ter contado. Não está acontecendo nada.

– Talvez Sander tenha feito isso por causa de alguma aposta ou algo assim. Por que mais ele procuraria você?

– Eu não sei, mas você parece ter mais ideias a respeito disso do que eu – disse Tally.

CRYSTAL VOLTOU, naquela noite, de um longo mês que passara numa quinta em Portugal, com seu atual namorado. Muito bronzeada e usando joias de ouro, Crystal viu o trabalho de sua filha em seu último projeto de design de interiores para a faculdade sobre a mesa da sala de jantar e suspirou.

– Você não se cansa nunca de ser tão sensível, Tally?

– O que você quer dizer com isso? – quis saber Tally, perguntando-se o que imprimira sombras que pareciam hematomas abaixo dos belos olhos de sua mãe.

– Peter decidiu que quer dar um tempo – revelou ela com um encolher de ombros que tinha claramente a intenção de ser descuidado, mas que não atingiu o objetivo. – Acho que estava ficando muito sério. Bem, estávamos praticamente morando juntos nos últimos seis meses.

Tally percebeu a fragilidade na admissão de sua mãe e saiu de sua cadeira para abraçar a esbelta e atraente loira. Crystal podia ter uma vida amorosa confusa e ser displicente com dinheiro, mas Tally amava a mãe e odiava vê-la sofrendo.

– Ah, mamãe, eu sinto muito!

– Eu fui dispensada. Fui uma tola. Pensei que Peter ficaria comigo por muito tempo...

Tally deu um reconfortante abraço em sua mãe.

– Não importa. Você vai conhecer outra pessoa.

Realmente, depois de alguns poucos dias de tristeza, Crystal recuperara sua alegria e, munida de sua extensa rede de contatos, arranjara convite para passar alguns dias com uma amiga num sublime castelo escocês.

No início da semana seguinte, Binkie foi para a Polônia, visitar seus parentes. Na mesma noite, a campanha soou às 19h. Tally atendeu à porta e quase desmaiou de surpresa ao ver Sander Volakis parado bem na sua frente.

Uma parte dela queria fechar a porta, mas principalmente por se dar conta de que não penteara seu cabelo desde a hora do almoço e mal usava maquiagem. Sander raramente vira curvas tão exuberantes numa mulher. Consciente de que ela corara e arregalara seus olhos verdes ao vê-lo e então tentara esconder sua expressão, uma desconhecida sensação de possessividade se apoderou dele.

– Tally – ronronou ele como um gato selvagem à espreita, examinando-a debaixo de seus pesados cílios pretos e gostando muito do que via. – Não me convida para entrar? – insistiu.

– Não – murmurou Tally, a mão agarrada à porta e empurrando-a um pouco mais para fechá-la.

– Você tem medo do que poderia acontecer?

– Nada iria acontecer.

– Nós mal começamos. – Sander lutava vigorosamente, frustrado pela recusa dela em aceitar essa realidade.

– A minha escolha agora é não levar isso adiante, Sander.

– Mas você está fazendo a escolha *errada* – disse ele com confiança inabalável. – As mulheres não costumam discutir comigo.

– Bem, você definitivamente não quer perder seu tempo comigo, Sander. Acho que sempre iria discutir com você.

Aquilo provocou uma risada espontânea nele

– Você me desafiou.

– Você iria me tolerar por... cinco minutos inteiros? Sabe qual é o seu problema? Você está entediado. Essa é a única razão pela qual está desperdiçando seu tempo me mandando flores e aparecendo onde não é bem-vindo.

Por uma fração de segundo, Sander ficou atordoado pela percepção de que ela estava certa em sua avaliação. Ultimamente, as mulheres que levava para a cama haviam se tornado muito previsíveis e desinteressantes.

Na verdade, não conseguia lembrar-se da última vez que uma mulher despertara seu interesse e se perguntou se era possível que a resistência dela fosse o seu maior atrativo. Apenas por uma vez, uma mulher não estava caindo em seus braços como uma ameixa madura e fazendo um enorme esforço para bajulá-lo. Na verdade, Tally Spencer não se importava muito com ele e não tinha reservas em fazê-lo saber a verdade.

— Fui muito franco e a ofendi. Isso é tudo o que você tem contra mim?

— Não, não é. Você é rico e mimado e acha que merece tratamento especial. Nós não temos nada em comum, Sander.

— Exceto *isto*, que você não pode negar...

E antes que Tally pudesse sequer imaginar sua intenção, ele já dera um passo à frente para unir sua boca com a dela, num beijo que foi lançado por seu corpo despreparado com uma carga de profundidade para explodir em contato. Tremendo, lábios inchados e formigando pela pressão dele, Tally sentiu as pernas bambas. Sander levantou a cabeça novamente.

— Jantar amanhã à noite. Pegue você às oito.

E com aquela confiança intensa que era parte da personalidade dele, Sander saiu sem aguardar resposta. Aquele beijo ardente, que ainda estava fazendo seu coração bater acelerado, não tinha nada a ver com a inteligência e inutilizara todo e qualquer pensamento racional que ela pudesse ter.

Ela brincou com a possibilidade de não estar lá quando ele viesse buscá-la, mas decidiu que estava sendo covarde. Mais tarde, caiu na cama entorpecida, seu cérebro em guerra com suas convicções, mas com um desejo irresistível de vê-lo novamente.

CAPÍTULO CINCO

TALLY SAIU para jantar vestindo seu melhor jeans combinado com uma blusa vermelha que mostrava suas costas.

Recusava-se a endividar-se comprando uma roupa nova pela qual não podia pagar. Nada realçava tão nitidamente as diferenças entre eles quanto a sua falta de roupas refinadas, de alta-costura, mas não ficaria constrangida com isso, disse a si mesma com firmeza. O que a deixava menos orgulhosa era o fato de ter precisado vasculhar a gaveta de maquiagem de sua mãe para complementar a sua própria coleção escassa de cosméticos. Usara delineador apenas pela segunda vez em sua vida.

— O que você fez hoje? — perguntou Sander, a atenção um tanto dispersa pelo prazer de contemplar os seios pontudos de Tally sob o tecido fino da blusa. A convicção de que ela não usava nada por baixo provocou um incêndio de expectativa em sua virilha. A imagem

de Tally gravada em sua mente interferira em sua concentração ao longo de todo o expediente, um desdobramento bastante incomum para um homem acostumado a manter sua vida sexual trancada em segurança dentro de seus momentos de lazer.

— Experiência de trabalho com uma empresa de design em Putney — revelou ela, optando por não acrescentar que, até agora, fora mantida bem longe dos clientes e definitivamente em segundo plano, enviando mensagens e solicitando suprimentos. Estava ansiosa pela oportunidade de utilizar seus talentos criativos. — Meus exames finais acontecerão daqui a dois meses, então já estou começando a me candidatar a empregos também.

— Você está estudando? — Sander franziu as sobrancelhas surpreso. — Onde seu trabalho com Cosima Karydas se encaixa nisso?

Tally estremeceu diante daquela questão, compreensível, e considerou que nunca seria uma boa mentirosa.

— Ah, aquilo foi apenas uma coisa temporária do tipo experiência única — murmurou desconfortável. — Na verdade, estou estudando design de interiores na faculdade, e este é meu último ano.

— Não sabia que você era estudante.

Sander mencionara interesses em propriedades, produtos farmacêuticos, negócios de turismo, hotelaria e confessou que estava sempre à procura de novas possibilidades de investimento. Enquanto ela só poderia ficar impressionada com as longas horas que ele evidentemente trabalhara e sua ambição, percebeu que nunca

estava satisfeito com suas conquistas e imaginava o motivo.

Acompanhando-o a um edifício georgiano com um magnífico saguão de entrada, imaginava o restaurante exclusivo para onde imaginou que iriam a seguir, mas, em vez disso, viu que entravam num elevador.

— Onde está o restaurante? — perguntou ela.

— Não há um. — Sander ficou para trás para que ela o precedesse na saída do elevador. Em seguida, enfiou uma chave na fechadura da porta do outro lado. — Vamos comer aqui...

A frustração imediatamente invadiu Tally, pois não previra uma refeição privada na casa dele, teria preferido jantar num lugar público. No entanto, a visão de seus domínios a deixou sem fala durante os primeiros minutos.

O acabamento de alta tecnologia, pisos de madeira e mobiliário discreto eram muito masculinos. A mesa de jantar já estava posta, com velas cintilando em prontidão para a refeição.

— Eu teria preferido jantar fora — disse ela com franqueza.

— O que isso significa? — Sander franziu a testa enquanto uma mulher num avental apareceu com um par de bandejas e parou ao ouvi-los discutindo, sem saber se deveria continuar. Ele se dirigiu a ela em grego, dizendo-lhe para ir em frente e servir a refeição.

Tally se sentou constrangida e desfraldou o guardanapo.

– Explique o que você quis dizer – pediu Sander, de forma ríspida.

O antepasto parecia muito atraente, mas a tensão na atmosfera deixara uma sensação desconfortável na boca do estômago de Tally.

– Você planejou fazer a refeição aqui porque espera que eu durma com você esta noite – disse ela.

– Você é muito atrevida! Eu a quero sim. Devo pedir desculpas por isso?

– Não, mas... – Tally hesitou e então se forçou a dizer o que lhe vinha à mente. – Mas acontece que sou mais do que apenas um corpo. Sou uma pessoa e não quero estar aqui com você se tudo em que você está interessado é sexo!

Sander não pôde conter uma necessidade instintiva de retrair-se diante da falta de tato e sofisticação dela. Ele se perguntou que possível resposta ela esperava receber naquele estágio tão inicial de seu relacionamento.

– Eu gostaria que você passasse a noite aqui. Comigo. Isso é algo natural e normal para mim, e eu não me sinto constrangido. Você tem o direito de dizer não.

– Não seja condescendente comigo! – irritou-se Tally.

– Você muda de humor com muita facilidade. Sempre pronta e disposta a brigar comigo.

– Eu nem sei o que estou fazendo aqui com você! – exclamou Tally impotente.

– Ah, isso é fácil – disse Sander, enchendo o copo de vinho –, você está comigo pela mesma razão que estou com você. Não consegue ficar longe.

A verdade dessa afirmação atingiu Tally tão duramente quanto uma colisão frontal. Ela olhou para ele e era como se a tivesse enfeitiçado, pois era um desafio até mesmo *desviar* o olhar dele. O desejo cravara garras gananciosas em seu corpo, despertando hormônios e roubando sua liberdade de escolha. Ele a enfurecera e a insultara, e mesmo assim, Tally concordara em jantar com ele. De repente, ainda mais brava consigo mesma do que estava com Sander, ela empurrou a cadeira e se levantou.

— Eu não deveria estar aqui. Não se preocupe, vou para casa sozinha.

Sander se levantou lentamente, seus olhos escuros e insistentes parando no rosto dela, corado de pudor.

— Você é sempre tão impetuosa assim?

Tally empalideceu, pensando se era mais parecida com sua mãe do que gostaria, porque ele parecia despertar um lado de sua natureza com o qual não estava familiarizada: um lado ardente, caprichoso e inseguro, o que fez com que se sentisse extremamente vulnerável. De repente, estava agindo a um mundo de distância da moça estável, sensível e bastante emotiva que sempre imaginou ser. Ele a fazia querer ser irresistível, o tipo de mulher disputada pelos homens e amada à beira da insanidade.

— Você me torna impulsiva — admitiu a contragosto.

— Você tem um efeito estranho em mim também, Tally — confidenciou Sander com um gesto eloquente de duas mãos esguias e morenas. — Eu estava con-

vencido de que não a queria mais, mas, assim que a vi deixando a Mansão Westgrave, dirigi atrás de você e a convidei para jantar.

E a barreira de apreensão e insegurança de Tally caiu por terra. Por causa daquelas palavras aliviando sua preocupação e facilitando sua desconfiança. As palavras dele soavam como se ele realmente estivesse dizendo a verdade. Ele realmente parecia confuso com a forma como reagia a ela. Mais uma vez, ela se sentou, e o prato principal foi servido. Finalmente começando a relaxar, Tally comeu e fez perguntas sobre o apartamento, já que a combinação surpreendentemente eficaz de decoração contemporânea, aliada à elegância clássica, despertavam seus instintos criativos. Sander contou a ela que renovara o prédio inteiro antes de convertê-lo num conjunto de apartamentos, mantendo o mais espaçoso deles para seu próprio uso.

Ela falou sobre o seu curso universitário e baixou a guarda, antes de confidenciar que um dia desejava abrir sua própria empresa de design. Sander achou sua companhia surpreendentemente agradável. Não possuía nenhuma das vaidades e superficialidades às quais ele estava acostumado a encontrar nas mulheres. Estendeu a mão e tirou a taça de vinho da mão dela para pousá-la ao lado. Em seguida e sem cerimônia, inclinou a cabeça para brincar com os suaves lábios carnudos de Tally.

O magnetismo dele a deixou sem fôlego. Ele a beijara suavemente e depois com força, seus lábios apressados, a língua dele tão experiente, explorando o inte-

rior sensível de sua boca. Ela se agarrara a ele como se Sander fosse uma rocha na tempestade e ofegou, surpresa, em resposta quando ele fechou suas mãos famintas sobre seus seios redondos e perfeitos. Enquanto ele massageava as curvas e as suaves protuberâncias de seus mamilos com dedos hábeis, a excitação começou a percorrê-la, numa onda impossível de deter.

– Vamos continuar isso no quarto – implorou Sander.

Ela prendeu os braços em torno dele e o beijou de volta com a mesma paixão, adorando o sabor da sua boca forte e o cheiro de sua pele. Com um gemido gutural de satisfação, ele a ergueu em seus braços e a levou até o quarto.

Colocando-a sobre a cama, Sander preferiu esclarecer algo antes de continuar.

– Há algo que me esqueci de dizer – começou ele, os belos olhos presos ao rosto corado dela. – Eu não lido com exclusividade...

– Tudo bem – observou Tally sem sequer ter que pensar a respeito. – Você não lida com exclusividade. Eu não lido com sexo.

Sander congelou e lentamente tirou as mãos dela.

– Você não pode estar falando sério.

Olhos muito verdes o encararam.

– As outras mulheres aceitam essa bobagem de “eu não lido com exclusividade”?

– Com tantas opções por aí, quem quer ficar amarrado? Elas se contentam com isso – afirmou Sander.

Tally suspirou e balançou a cabeça.

– Eu não – disse ela, notando a protuberância por baixo do jeans dele.

– Você me tem... na palma da mão...

– Ou, neste caso, na cama? – Tally sugeriu, lutando para resfriar o calor de seu corpo não apenas com força de vontade, mas teimosia despreparada para ceder. – A escolha é sua.

– Isso é ridículo.

– Não vou compartilhar uma cama com você enquanto você continuar a dormir com outras mulheres.

Tally plantou cada palavra como um pé sólido enfiado em concreto recém-despejado e então deslizou seus próprios pés para fora da colcha sobre onde ele a colocara e começou a procurar seus sapatos.

– Isso é chantagem – lançou Sander em aflição, com algo semelhante à descrença absoluta, momentaneamente nublando seus deslumbrantes olhos escuros enquanto a observava. – Você é muito exigente!

– Você é um bom professor. – Tally quase riu da expressão dele, mas não havia suavidade nela no que se referia à fidelidade e seria preciso um longo tempo para que esquecesse a experiência cruel de sua sedução em Westgrave. Naquela ocasião, ficara tão empolgada que não sabia o que estava fazendo, mas desta vez, estava tentando cuidar de si mesma e identificar os perigos com antecedência. E as armadilhas de envolver-se com Sander Volakis, ela refletiu com pesar, poderiam ser enormes se não tivesse cuidado.

– Vou chamar um táxi – disse-lhe Tally, despreocupadamente.

Mais tarde, ele não se lembrava de ter se movido, mas devia tê-lo feito, pois quando o tempo misteriosamente se adiantou, ele a tinha presa contra a porta, todo seu corpo ávido comprido contra as deliciosas curvas dela, as bocas unidas, ofegantes.

– Sander... – murmurou ela, com a voz trêmula, quando ele permitiu que ela respirasse novamente.

– Enquanto eu desejar você, não haverá mais ninguém – disse ele em tom rude.

Sander tirou a camisa, os músculos delgados e firmes flexionando-se abaixo de sua pele bronzeada e de pelos ásperos. Ela estava chutando os sapatos novamente enquanto ele despia sua blusa e teve que puxá-la em seus braços para impedi-la de desequilibrar-se e cair para trás. Ele a colocou na cama, os olhos dourados-escuros queimando enquanto passeavam sobre as curvas de seus seios com apreciação, sem vergonha nenhuma. Enquanto desabotoava seus jeans e os despia, Tally ficava quase tonta com a sensação de sua própria ousadia. O desejo de estar mais perto dele e a pulsação de necessidade em sua pélvis eram fortes demais para que ela lutasse. Ela estava tentando vencer com graça a timidez que tornava um desafio estar ali com ele, nua, a não ser por uma minúscula calcinha.

O ar entrou com força em seus pulmões com um suspiro quando ele acariciou os montes macios já tesos de desejo e pegou um bico pulsante e rosado entre os lá-

bios, atacando a ponta intumescida com a língua. Suas mãos, esvoaçando, se fecharam sobre seu cabelo curto, mantendo-o contra ela, lançando-se contra a extensão de seus ombros fortes, quando ele se ergueu e procurou a boca dela. Ele tirou as calças e a cueca num gesto impaciente e apressado.

A sensação do calor líquido entre as coxas dela aumentou quando sentiu o impulso do quadril de Sander contra o seu. A memória de sua primeira experiência dolorosa não diminuía sua expectativa ou a ascensão de sua gula quando ele a tocou delicadamente. Ela se sentia tão sensível que, constrangedoramente, estava ciente do que tinha sido sempre uma parte privada do seu corpo. Puxando-a para perto, Sander enganchou a mão na cintura de sua última peça de roupa e a removeu.

— Farei com que seja maravilhoso, *glikia mou* — prometeu Sander enquanto ela ficava ali, tensa por um momento, a incerteza acesa em seus expressivos olhos verdes.

Pronta para ser convencida, e mortificada porque ele podia lê-la tão facilmente, Tally fechou os olhos. As mãos dele deslizavam sobre ela numa exploração leve de sua pele suave, acariciando cada curva e ondulação. Sua abordagem agradável garantiu que sua apreensão desaparecesse, substituída pelo calor da antecipação do prazer. Ele passou a língua pelo vale entre os seios, fez uma pausa para brincar com os mamilos inchados e, em seguida, desceu até sua barriga retesada e até a carne delicada entre suas coxas, que estremeciam.

– Não – disse ela, muito constrangida, juntando seus tornozelos e os travando para negar-lhe o acesso.

Sander deslizou até ficar com seu olhar preso ao dela novamente e passou um dedo reconfortante ao longo da linha esticada de seu lábio inferior.

– Quero dar a você o máximo de prazer possível – sussurrou ele. – Quero reescrever nossa história.

– Você não pode. O que aconteceu, aconteceu – Tally protestou firmemente enquanto ele abria seus tornozelos com uma torção de seu joelho e seu pé e seus dedos hábeis deslizavam sobre o interior de suas coxas tensas.

– Confie em mim.

No primeiro toque íntimo, seus olhos se fecharam e as mãos se apertaram em punhos fechados, pois tinha um medo instintivo de perder o controle. Ele pressionou a boca sobre a depressão de seu umbigo, e as pernas se abriram com facilidade. Seu coração bateu mais forte com a espera ávida pela excitação, um desejo impotente pelo desconhecido.

Com a língua e os dedos, ele sondou, explorou a carne, ensinando a ela sobre terminações nervosas que ela nem mesmo sabia que tinha, até que ela ficasse absolutamente aturdida sob o ataque das suas carícias. Enquanto sua excitação aumentava, seu quadril começou a contorcer-se no colchão e, em seguida, a erguer-se em resposta aos dedos longos que lhe davam prazer. Ele estendeu a mão para acariciar seus mamilos protuberantes, e a tensão do encontro quente em sua pélvis foi aumentando sem parar, até um atingir um pico, e o

prazer quente a atravessou, como um relâmpago. Ela gritou em choque, enquanto ondas de felicidade a engolfavam, todo o controle arrancado dela.

Os tremores do orgasmo ainda estavam viajando por ela quando Sander a puxou para debaixo dele e soltou um gemido de fome diante da apreciação de seu corpo macio e bem torneado. No rescaldo desse clímax de fazer a terra tremer, Tally ainda estava tão sensível que gritou novamente, não de dor, mas com um prazer quase agonizante, enquanto Sander mergulhava para dentro dela lenta e profundamente.

A fome a dominou novamente assim que ele começou a acelerar os movimentos. As ondas de prazer começaram a formar-se de novo com a fricção deliciosa, e ela rebojava debaixo dele, selvagemmente excitada. Ele empurrou as pernas dela para trás a fim de subir mais sobre ela, seu rosto moreno, febril e impulsivo. A intensidade da sensação enviou espasmos de prazer por ela. Suas contrações fizeram com que ela se apertasse ainda mais em torno dele. Ele gemeu de prazer apenas alguns segundos antes de sua empolgação atingir um pico insuportável e arremessou sua cabeça de volta para as brumas quentes de prazer.

Cheia de admiração com o que acabara de experimentar, Tally estava tímida e ficou imóvel, enquanto as ondas de doce êxtase recuaram, lentas, para deixá-la outra vez consciente.

Sander nunca experimentara emoção tão intensa com uma mulher. Ela correspondera ainda melhor do

que ele esperava. Ele a abraçou, seu coração ainda batendo de seus esforços. Ele já estava ficando excitado novamente.

– Você foi incrível – murmurou com voz rouca. – Sabia que juntos seríamos pura magia, *glikia mou*.

– Tenho muito a aprender – murmurou ela, confusa.

– Eu sei e estou muito ansioso para ajudá-la.

Com um sorriso malicioso, Sander fechou a mão sobre o peito firme, encobrindo-o totalmente, esfregando um bico ainda cor-de-rosa suave entre o polegar e o indicador.

– Portanto, este não é um romance de uma noite só – Tally resumiu com um pequeno arrepio, o calor subindo no seu estômago, como uma piscina aquecida de mel derretido.

– Esses eu deixei para trás quando era adolescente.

Sander guiou a mão dela até sua virilha, luxuriantes cílios pretos emoldurando seus olhos numa expressão sensual enquanto ele mostrava a ela silenciosamente como dar-lhe prazer.

Um sentimento novo e surpreendente do poder tomou Tally de assalto enquanto ela observava como ele era suscetível ao toque dela. Mas também descobriu que excitá-lo igualmente a excitava, e poucos minutos depois, ele virou seu corpo, puxando-a outra vez contra ele e mergulhando nela novamente. Ela descobriu que não havia limite para seu prazer, pois mais uma vez o mundo se desintegrou ao seu redor, e seu corpo subiu às alturas, de uma forma que jamais sonhara.

Depois ficou mais cansada do que jamais ficara em sua vida.

– Acho que é hora de levá-la para casa – sugeriu Sander, cobrindo-se com o lençol para ir até o banheiro e ligar o chuveiro.

No caminho de volta pelas ruas calmas, ele disse baixinho:

– Posso dar um conselho a você, sem que se ofenda?

– Depende do conselho – disse-lhe Tally, sonolenta.

– Não me leve a sério. Nós tivemos um ótimo sexo, e eu gosto da sua companhia, mas não estou à procura de uma parceira para a vida, uma esposa ou até mesmo uma namorada séria.

– Ah, pelo amor de Deus – exclamou Tally, perdendo a cor diante de tanta sinceridade.

– Agora que o disse, não vamos interpretar mal um ao outro – retrucou Sander sem desculpar-se. – Também pode ser uma boa ideia considerar alguma forma de contracepção segura.

Tally revirou os olhos e suspirou.

– Isso é problema meu.

– Não, isso é problema nosso enquanto partilharmos a cama – replicou Sander.

– Não vou engravidar – declarou Tally, adivinhando a fonte de sua preocupação. Embora ele tivesse tomado todas as precauções quando eles fizeram amor, ela já decidira visitar seu médico e tomar medidas por si mesma.

– Já vi amigos sendo arrastados por essa experiência. E não importa como eles lidem com o problema, tudo parece sempre terminar mal – comentou Sander sombriamente. – Nunca me faça passar por isso, Tally.

Tally o assustou, rindo espontaneamente.

– Você sempre se concentra na pior das hipóteses?

Sander descansou os magnéticos olhos escuros sobre ela, sua expressão grave e aborrecida.

– Bem, nesse assunto em particular, sim.

CAPÍTULO SEIS

— ANDE LOGO — Sander pediu impaciente pelo telefone.

— Estou estacionado em fila dupla!

— Estou quase lá — arfou Tally, ficando sem fôlego enquanto passava pelas lojas e ia até a brilhante Ferrari prateada que a aguardava.

Balançando a pasta de arquivos à sua frente, desabou no banco do passageiro. Toda a sua atenção se dirigiu ao homem de uma beleza de tirar o fôlego que estava ao volante. Sander passara a semana anterior em Atenas, e ela sentira muitas saudades dele enquanto estivera afastado.

Esse era o motivo de ela estar matando aula para encontrar-se com ele na parte da tarde, quebrando uma de suas regras mais sagradas. E agora, enquanto olhava para ele com os olhos verdes brilhando, o bom-senso e a calma eram as últimas coisas que passavam por sua mente.

Pelo retrovisor, Sander observou um guarda de trânsito pronto para aplicar uma multa de estacionamento,

mas quando Tally caiu dentro do carro, usando sua roupa habitual de ir à faculdade, jeans e uma túnica de cores vivas, ele se esqueceu momentaneamente da multa e não tirou seus olhos escuros dela. Ergueu a mão para fechar os dedos em seu emaranhado de cachos desgrehados e tocar-lhe o rosto.

Como de costume, ela borbilhava com conversas, começando frases confusas e sem fim, sua excitação ao vê-lo novamente espontânea como a de uma criança. Seu calor e naturalidade tinham tanto apelo para Sander, que era filho de pais frios e reservados, quanto a clareza de seus olhos, pele impecável e aqueles lábios rosados e carnudos tão suculentos que ela possuía. Sem hesitar, ele baixou a cabeça e buscou aquela boca tentadora num longo beijo, antes de arrancar com o carro. Quando o guarda terminasse de digitar os seus dados de registro do automóvel, Sander já estaria longe dali.

Tally estava atordoada. Um olhar para o tecido das calças moldado em torno da ereção dele informava a ela que o desejo era mútuo. Ela temia que ele pudesse buscar consolo sexual em outros lugares, enquanto estava longe, mas o calor revelador de sua libido poderosa a tranquilizou, ainda que ela soubesse que não havia garantias.

Sua reputação, idade e as muitas diferenças entre eles quanto à posição social e grau de riqueza faziam com que ela não ficasse muito otimista com um relacionamento em longo prazo. Mas, independentemente desses fatos, eles já estavam juntos por sete semanas,

e o calor da atração entre ambos ainda não mostrara qualquer sinal de arrefecimento.

Binkie conheceu Sander muito brevemente quando ele fora buscar Tally uma noite e sentenciara que era “encantador”, enquanto Crystal, que atualmente estava na Espanha com um viúvo recente, fizera terríveis previsões sobre o futuro da ligação de sua filha com um empresário grego.

– O máximo que você conseguirá com Sander Volakis será um romance *caliente*, antes que ele fique entediado e passe para outra mulher – afirmou Crystal com um riso cínico em seus lábios. – E lhe digo isso para o seu próprio bem. Se você estiver preparada, vai doer menos.

– Eu sei que Sander não é apaixonado por mim – admitiu Tally firmemente, embora ainda mantivesse um sorriso preso ao seu rosto. – Isso não significa que eu não possa ser feliz enquanto durar.

– Contanto que você aceite que não tem um futuro com ele.

– Aceitei isso desde o início – observou Tally. – Nós dois somos jovens e solteiros, então é claro que não vai durar para sempre.

Tendo dito tudo diretamente e esclarecido as coisas, Tally se tornara consciente de que, a partir daquele dia, ela não estava realmente enganando ninguém, muito menos a si mesma. Ela adorava Sander, simplesmente o adorava. Apenas o som de sua voz ao telefone melhorava o seu dia, e um olhar de seus profundos olhos

escuros poderia paralisá-la. Ela ardia de saudade dele. Mesmo que não tivesse a intenção de se apaixonar loucamente por ele, não pudera resistir.

Ficou aliviada por Sander ainda não haver conhecido sua mãe, pois Crystal nunca superara sua amargura pela forma como o pai de sua filha a tratara, e Tally não confiava que a mãe não fizesse algum comentário desdenhoso e embaraçoso sobre as origens gregas dela. Sander ainda não sabia que o pai de Tally era Anatole Karydas, mas ela não via razão pela qual devesse contar, pois que diferença faria? Seu pai não tinha qualquer interesse em sua vida nem se preocupava em manter contato regular com ela.

Correndo para o elevador para acompanhar as passadas longas de um Sander impaciente, Tally sentiu vertigem enquanto o elevador zunia até o apartamento dele. Já não era a primeira vez que se sentia desconfortável nas últimas semanas e mais uma vez pensou em visitar seu médico quando conseguisse encontrar tempo. Havia começado a tomar a pílula anticoncepcional para se proteger de gravidez, mas agora suspeitava de que não estava se adequando à marca usada.

Sander tomou sua boca assim que entraram na sala, enquanto suas mãos percorriam o corpo dela, alisando abaixo da túnica para encontrar as curvas de seus seios deliciosos. Um gemido visceral de apreciação escapou enquanto ele tirava o sutiã dela e a acariciava.

- Eu poderia tê-la aqui mesmo...

— Também senti a sua falta — confidenciou Tally, empenhada em livrar-lhe de sua jaqueta, que caiu no chão.

— *Skase!* Cale a boca — disse a ela, cobrindo-lhe a boca com sofreguidão novamente. — Você está falando demais...

Enquanto a beijava até que ficasse sem fôlego, alimentando as chamadas de excitação que já tremulavam por ela, Sander a puxou até o quarto. Sua ânsia de fazer amor com ela entusiasmou Tally e fez com que se redimisse de outras omissões. Ainda tinha que apresentá-la a todos os amigos, com exceção daqueles que haviam encontrado acidentalmente quando saíam. Nunca lhe pedira para passar a noite inteira com ele. Também nunca a convidara para sair com mais de 48 horas de antecedência ou disse qualquer coisa que pudesse permitir que ela presumisse que eles ainda estariam juntos dentro de algumas semanas.

Sander ficou ao lado da cama despindo-se de seu terno. Estava tão excitado que tinha dor e mal dormira na noite anterior. Ele nunca se relacionara com uma mulher tão maravilhosa e amava o fato de que Tally não conhecera nenhum de seus amigos ou seus rivais antes dele. Ela fora exclusivamente sua, de uma forma que nenhuma outra mulher jamais conseguira ser. Ele estava convencido de que era por isso que gostava tanto de estar com ela e por isso ainda não se aborrecera.

Observando o amante se despir, Tally ficou de joelhos. Ela tomou o nível de sua excitação como um elogio. Sentiu um gemido de desejo, em resposta, abaixo

em sua pélvis, um formigamento, amortecendo e inchando entre suas coxas. Ela inclinou a cabeça para acariciá-lo com a língua e os lábios e um som de puro prazer escapou antes que ele afundasse os dedos em seu cabelo e a puxasse para trás.

— Preciso ter você, estar dentro de você, meu bem — disse ele. — E já estou com pressa, *latria mou*. — Sander a tranquilizara com um check-up de saúde recente. E tendo em conta o fato de que ela começara a tomar a pílula anticoncepcional, Tally concordara em fazer amor com ele sem usar preservativo. Ela sabia que sua confiança nele era espelhada pela confiança dele nela, porque Sander admitira que nunca confiara o suficiente numa mulher antes de dispensar aquela barreira de segurança adicional.

Ele a aconchegou na cama ao lado dele e fechou os lábios sobre um mamilo inchado, sugando-o profundamente entre os lábios, enquanto seus dedos acariciavam o tecido suave entre as coxas dela para deixá-la pronta. Um gemido escapou dos lábios dela enquanto ele a acariciava. Seus quadris se ergueram, e, em seguida, ela se contorceu e arqueou as costas, enquanto ele a sondava com um dedo explorador. Com um gemido faminto, ele se embainhou no calor do mel dela, esticando as paredes delicadas de seu corpo com sua espada dura e espessa. Ela gritou, preenchida pelo corpo dele, desejando-o cada vez mais, puxando-o para si com suas mãos frenéticas enquanto uma explosão de emoção poderosa tomava conta de

seu ser e ele começava a acelerar os movimentos em seu canal apertado.

A excitação de Tally era tão intensa, que ela se contorcia sob ele. A paixão de ambos resultou num clímax que fez Tally balançar e gritar enquanto o magnífico corpo dele estremecia sobre o dela. No mesmo instante glorioso da liberação, ele derramou sua força de vida dentro dela com um grito de satisfação desinibido.

Após um momento de recuperação, Sander pousou os olhos escuros ardentes no rosto corado dela.

— Fiquei muito empolgado. Eu a machuquei?

— Não, é claro que não — Tally declarou ofegante, os olhos brilhando e seu corpo pesado com a sobrecarga de prazer, enquanto o envolvia com ambos os braços num abraço terno.

— Eu nunca esqueci totalmente a primeira vez, *latria mou*. — Passando os longos dedos pelos cabelos negros despenteados, Sander tolerara ser abraçado e até gostava de suas demonstrações de afeto. Ela era uma menina doce, que se derretia quando se tratava de animais, crianças e histórias tristes, e ele adorava sua natureza suave, naturalmente feminina.

— O que você fez em Atenas?

— Não quero falar... Quero dormir — brincou Sander.

— Você não *pode*, ficou longe por uma semana! — reclamou Tally, sentida. — Então, e Atenas?

— Meu pai quer que eu volte a morar em sua casa e que me envolva em sua companhia. E minha mãe quer

que eu me case com uma boa jovem grega, quatro das quais me foram apresentadas num grande jantar.

Nenhuma dessas informações foi totalmente bem-vinda, mas ela continuou sorrindo levemente, pois estava consciente de que pedira e deveria ficar grata por ele ter respondido com honestidade.

– Gostou de alguma delas?

– Não, e também não gostei da ideia de me casar – Sander confidenciou, colocando a mão sobre um seio farto e massageando o bico rosado que enrijeceu com a sensibilidade; sorrindo quando sua coluna começou a arquejar em resposta e um som pouco sussurrante escapou de seus lábios entreabertos.

– Por que eu iria querer alguém quando tenho você? Sabe, acho que seus belos seios estão ficando maiores.

Tally ficou vermelha.

– Acho que são as pílulas que estou tomando.

– Eu não estou reclamando. Amo seu corpo. A propósito, vamos sair hoje à noite. Um amigo está dando uma festa privada numa casa noturna – disse Sander, puxando-a para fora da cama. – Hora do banho, preguiçosa.

Tally ficou entusiasmada por finalmente estar prestes a conhecer alguns dos amigos dele.

– Vou precisar ir para casa para trocar de roupa.

– Não, você não vai – afirmou Sander. – Já cuidei disso.

– Do que você está falando?

– Você vai ver...

Puxando-a sob a água com ele, Sander a esfregou com gel de banho, concentrando-se mais em seus seios. Os mamilos haviam se tornado incrivelmente sensíveis e, em sintonia com seus arquejos, não demorou muito para que se tornasse óbvio que banho também era a última coisa na mente de Sander.

– Você me quer? – murmurou ele, acariciando os botões inchados dos seios dela com seus dedos experientes.

– Muito – grunhiu ela entre dentes cerrados de tensão, sentindo-se zozza com o desejo que ele reacendera.

Dobrando seus quadris para fora da parede, ele a ergueu levemente e a trouxe para baixo antes de virar seu corpo para abraçá-la contra os azulejos. O que se seguiu foi enérgico, objetivo e incrivelmente emocionante e, como consequência, ela ficou tão exausta que se encostou contra ele num emaranhado de membros espalhados, lutando para recuperar o fôlego.

Envolta numa toalha, Tally finalmente descobriu por que ele dissera que não haveria necessidade de ir para casa se trocar. Carregando uma pilha de caixas, Sander reapareceu no quarto depois de breves momentos.

– Roupas nova! – disse-lhe alegremente.

Tally congelou, desconcertada.

– Você me comprou roupas?

– Se eu tiver que levá-la mais uma vez com aquele vestido preto ou com aquele de decote cheio de bordados chamativos, vou rasgá-los em dois! – reclamou Sander. – Você precisava de uma roupa nova e aqui está.

Ele abriu a primeira caixa, puxando o conteúdo para fora, de modo que um tecido verde-esmeralda caro deslizasse para cima da cama. Foi preciso apenas um vislumbre da etiqueta de grife famosa para que ela se retraísse.

— Esse vestido deve ter sido caríssimo... Não posso aceitá-lo!

Foi a primeira vez que Tally realmente irritou Sander, e ele teve que engolir uma resposta irônica. Ele sabia o quanto as aparências contavam para seus amigos e enquanto apreciava o fato de que, ao contrário da maioria de suas predecessoras, ela não esperava receber continuamente presentes caros, lamentava que Tally valorizasse a independência muito mais do que o conforto. Com determinação silenciosa, ele abriu as caixas e outros itens caíram sobre a cama. Tally corou quando notou a lingerie fina, meias e sapatos que acompanhavam o vestido. Ergueu o queixo em desafio.

— A minha falta de um guarda-roupa de designer lhe causou constrangimento?

— Não, mas sei o suficiente sobre as mulheres para saber que você ficará constrangida se não usar uma dessas esta noite — completou ele suavemente.

Mortificada por sua franqueza, Tally desviou o olhar e desejou que o dinheiro não fosse assunto tão constrangedor. Aquela era a primeira vez que causara problemas entre eles. Seu orgulho lutou contra a relutância em face de um dos principais argumentos sobre

um presente que muitas mulheres teriam agradecido e aceitado alegremente.

— Eu estou ainda mais embaraçada do que você por fazer isso — confidenciou Tally apressadamente —, mas posso ver que você pretende ser gentil e generoso e até preocupado, e eu não quero ser ingrata. Mas por favor, nunca mais me compre roupas novamente.

— Eu não quero que você fique deslocada ou sinta-se desconfortável com os meus amigos — admitiu Sander.

Ela deixou os dedos percorrerem o material caro do vestido.

— É uma cor linda — admitiu rigidamente, oferecendo uma trégua.

— No instante em que o vi, eu sabia que você iria ficar maravilhosa nele — confidenciou Sander, tomando-a nos braços e olhando para ela com intensidade lisonjeira.

E ali então ela o perdoou completamente, mesmo que seu cérebro ainda estivesse dizendo que estava errada em deixá-lo comprar roupas caras.

— Você ficará chateado se ele não me servir?

— Essa não é a primeira vez que eu compro um vestido para uma mulher — disse Sander. — Vai servir.

— Informação demais — murmurou Tally, desaparecendo no banheiro para domar e secar o cabelo molhado.

— Também comprei brincos de esmeraldas e diamantes para você.

Tally entreabriu os lábios pálidos.

– Eu não os quero.

Na porta, Sander soltou os braços num gesto que expressava sua frustração.

– Qual é o seu problema? Gosto de estar com você, Tally. Por que é errado que eu lhe mostre o meu apreço?

– Aceitar presentes caros vindos de você simplesmente não parece certo – declarou ela.

– Não seja difícil – censurou Sander. – Você nunca deve questionar minha generosidade.

Ela pensou nas moças gregas que a mãe escolhera para ele em Atenas e mordeu o lábio. Se não tivesse cuidado, pensou com tristeza, amar Sander a faria covarde e ficaria tão concentrada em mantê-lo feliz que se perderia. Era um pensamento assustador e, enquanto secava seu cabelo e se maquiava, jurou para si mesma que nem mesmo o amor faria dela um capacho, não a faria aceitar e dizer coisas nas quais não acreditava.

Tally ficou muito elegante no vestido, que serviu perfeitamente, como se tivesse sido feito especialmente para ela. Sander lhe deu uma caixa, de onde ela tirou brincos cintilantes em formato de estrelas, com uma esmeralda no centro.

– Eles me lembram de seus olhos...

Sabendo o quanto seus olhos brilhavam ao lado dele, Tally riu e os experimentou. Os brincos eram lindos, captando e refletindo a luz como lustres em miniatura. Na verdade, o efeito combinado das joias com o vestido era impressionante, reconheceu a contragosto, querendo e precisando que ele se orgulhasse dela mes-

mo que isso significasse engolir seu orgulho próprio e independência.

Sander a levou a uma boate refinada de Londres, conhecida por atrair as celebridades. No caminho até sua mesa, foi saudado por todos os lados com acenos e chamadas, e era óbvio que era um cliente regular. Ele pediu champanhe, mas Tally estava ligeiramente enjoada novamente e pediu água mineral, em vez de correr o risco de piorar a náusea. Sander se levantou para falar com amigos e a apresentou brevemente para moças que mal reconheceram a existência de Tally ao lado dele. Ela viu uma moça colocando algo no bolso dele e quando ficaram brevemente sozinhos, insistiu em saber o que era.

Sander tirou um cartão com um número de telefone e uma mensagem pessoal e o rasgou antes que ela pudesse inventar de ler o que estava escrito.

— Isso acontece o tempo todo — disse com desdém, enquanto Tally olhava para o cartão em choque diante de comportamento tão ousado. — Algumas dessas mulheres matariam para conseguir um homem rico. Eu ignoro esses convites.

Tally ficou perturbada com o número de abordagens que ele recebeu mesmo estando com ela, sentada bem ao lado dele. Garotas em opulentas saias e vestidos minis e micros que revelavam muito mais do que escondiam aproximavam-se dele durante toda a noite. Por fim, para ficar livre das constantes interrupções, Sander levou Tally para outra mesa na área VIP, que

era guardada por seguranças corpulentos. Lá, ironicamente, surgiu a única mulher que realmente incomodou Tally. Ele a apresentou a uma moça grega, delicada e elegante.

– Oleia Telis, uma velha amiga minha... Tally Spencer...

Oleia era tão pequena que fazia Tally sentir-se um elefante. Ela conseguiu manter um sorriso brilhante enquanto lançava a Tally um olhar glacial de hostilidade. Falou com Sander exclusivamente em grego e pareceu tê-lo divertido, porque ele riu bastante.

Com a música ao fundo, Tally não podia ouvir a conversa, e em poucos minutos, Oleia tinha deslizado sua figura minúscula entre Sander e Tally e colocara a mão possessiva sobre a coxa esguia e musculosa dele. Quando a morena sedutora o arrastou para dançar, Tally foi até o toalete, onde ficou chocada ao se afastar dos lavatórios e ser confrontada por três jovens mulheres a quem ela reconheceu como amigas de Oleia da área VIP.

– Por que você não vai para casa? – exigiu uma delas em tom venenoso. – Sander está dançando com Oleia. Eles não precisam de você pendurada em torno deles.

– Sander trouxe-me aqui com ele esta noite – Tally respondeu, erguendo a cabeça, determinada a não ser intimidada por essa abordagem.

– Ele conhece Oleia desde sempre. Você não está no mesmo nível que ele. Por que não aceita nosso conselho e desaparece? – perguntou outra das garotas maliciosamente.

Com o rosto em chamas, Tally passou pelo trio desagradável e voltou para a área VIP, pairando à beira da pista de dança só para ver Oleia encostando-se contra Sander, com os braços envoltos firmemente em torno do pescoço dele. Sander não afastou Oleia. Tally deu as costas para esse espetáculo angustiante e tirou seu telefone celular para enviar uma mensagem de texto para Sander.

– Não vou ficar para ver você beijando outra mulher. Está tudo acabado entre nós. Vou para casa.

Um sujeito chamou um táxi, e ela embarcou, tomada por uma sensação confusa de descrença, mesmo enquanto aguardava, na vaga esperança de que ele poderia imediatamente ler a mensagem e segui-la. Como *poderia* terminar assim? Sem qualquer aviso? Sem que ele demonstrasse primeiro alguma evidência de sua perda de interesse por ela? É claro que, possivelmente, a morena encantadora tinha simplesmente provado ser mais uma tentação à qual Sander não pudesse resistir.

Tally colocou seu telefone ao lado da cama e ali ficou acordada, esperando que Sander respondesse à sua mensagem de texto. Mas não houve resposta, seja imediatamente ou na manhã seguinte. Ao acordar, entendeu finalmente que o silêncio de Sander confirmava que seu relacionamento acabara.

Sua tristeza era evidentemente demais para seu delicado estômago. Ela sofreu seu pior ataque de náuseas até o momento e, em seguida, correu para o banheiro, onde passou terrivelmente mal. Seus seios estavam

desconfortavelmente sensíveis também. Na verdade, tudo parecia errado em seu mundo. Não importava o jeito que ela olhasse para o que acontecera, não poderia perdoar Sander ou desculpar seu comportamento com Oleia Telis. Ainda sofrendo de uma dor de cabeça horrível, foi para a aula e marcou uma consulta com o médico naquela mesma tarde, porque imaginava que já passava da hora de ver o que significavam aqueles problemas digestivos. A consulta foi breve. Uma vez que ela relatara suas preocupações, o médico começou a discutir formas alternativas de contracepção, mas, uma vez que seu relacionamento com Sander terminara, Tally não via razão para continuar tomando pílulas e disse que iria simplesmente parar de tomá-las. O médico sugeriu que ela fizesse um exame de sangue, que uma enfermeira conduziu. Em seguida, Tally voltou para a faculdade. Quando chegou em casa, Binkie lhe disse que haviam telefonado do médico para marcar uma segunda consulta para ela no dia seguinte. Binkie também deu a notícia de que a mãe de Tally estaria voltando de volta da Espanha mais tarde, naquela noite.

Tally abriu os olhos na manhã seguinte sentindo-se pessimista. O silêncio total de Sander era absolutamente insultante, pensou com raiva, recusando-se a reconhecer a dolorosa sensação de perda e desilusão que estava reprimindo.

Da maneira com que Sander a estava tratando, ela poderia muito bem ter sido um caso de uma noite! Evidentemente, nunca tinha significado muito para ele, e

os laços que acreditara estarem se desenvolvendo existiam mais em sua imaginação do que na realidade.

Apenas o reconhecimento de que já não podia nem mesmo enviar uma mensagem de texto para Sander fez com que Tally se sentisse vazia. Acabara, *realmente* acabara, refletia dolorosamente enquanto esperava para ver seu médico.

O médico a saudou com um sorriso um pouco tenso, e ela se sentou bastante ansiosa.

— Pedi para que você viesse a essa consulta, pois o exame de sangue que você fez ontem revelou que está grávida — explicou o médico.

Tally empalideceu.

— Mas isso não é possível... Quero dizer, eu estava tomando pílulas anticoncepcionais.

— É que essa é uma pílula de baixa dosagem hormonal. Você teve o cuidado de tomar outras precauções durante as primeiras três semanas? — perguntou o médico. — Esqueceu-se de tomar algum comprimido? Ou você esteve doente, em qualquer fase? Notei que você estava tomando antibióticos para uma infecção durante a segunda semana. Qualquer uma dessas coisas poderia ter interferido na eficácia de seu anticoncepcional.

Tally abriu a boca e depois a fechou de novo com a mesma rapidez. Ela *esquecera* completamente de tomar uma pílula e tinha certeza de que Sander parara de usar preservativos antes do fim da terceira semana. Quanto ao risco adicional de tomar antibióticos ao mesmo tempo, não tinha nem ideia de que o me-

dicamento poderia interferir com a sua contracepção. Cambaleando com o choque, ela se submeteu a um exame antes de perguntar em voz baixa há quanto tempo estava grávida.

– Eu estimo cerca de seis semanas.

Seus conselhos sobre repousar e fazer uma dieta saudável passaram despercebidos pela mente de Tally, porque ela não estava conseguindo pensar direito. Ela teria um bebê de Sander, e eles já estavam separados.

Tally ignorou sua aula da tarde e foi para casa contar seu segredo para Binkie.

Binkie não conseguia esconder seu espanto e preocupação.

– Ah, Tally – suspirou infeliz. – O que você vai fazer?

Tally fechou as mãos.

– Eu vou ter o bebê. Mamãe me teve em circunstâncias semelhantes.

– Seus pais estavam envolvidos, e sua mãe ainda tinha esperanças de que haveria um casamento.

– Sander e eu não estamos mais juntos – admitiu Tally relutantemente.

– Mas você vai ter que contar a ele sobre o bebê...

– O que vocês duas estão cochichando? – perguntou uma terceira voz. – Que bebê?

Tally quase se esquecera de que a mãe voltara de viagem.

– Tally está grávida – explicou Binkie muito calmamente enquanto se levantava da mesa. – Vou deixar que você conte.

– Grávida! – exclamou Crystal furiosa. – De Sander Volakis?

Tally balançou a cabeça.

– Eu ainda não contei a ele.

Crystal estremeceu.

– Ah, querida, você é tão ingênua. Você não verá nem a poeira dele quando contar.

Tally sacudiu os ombros duramente.

– O bebê é dele também, e ele deve saber. Infelizmente, não estamos mais juntos.

– Espere até seu pai saber disso! – Crystal quase parecia saborear a ideia de dizer ao pai de Tally sobre a condição da sua filha, seus olhos verdes brilhando com um toque de malícia.

Tally franziu a testa.

– Por que você diria ao meu pai? – questionou envergonhada. – Não quero que ele saiba. Não é da sua conta.

Quando pensou nisso, Tally não sentiu nenhuma preocupação de que Crystal desse a notícia de sua gravidez. Tanto quanto Tally sabia, a hostilidade de Anatole com relação à mãe de sua filha ilegítima não diminuiria nem um pouco ao longo dos anos, e seus pais muito raramente falavam com o outro.

– Você é muito jovem para ter um bebê – Crystal suspirou. – Pense em fazer um aborto.

– Vou considerar todas as minhas opções – murmurou Tally apenas para apaziguá-la. Subiu para seu quarto e enviou uma mensagem de texto para Sander

dizendo-lhe que precisava vê-lo com urgência. Não havia nenhuma maneira diplomática de dar tais notícias e quanto mais cedo isso fosse feito, melhor, pensou infeliz.

Ele ficaria furioso, ela já sabia disso, graças à sua franqueza no início de seu caso. Mas lá no fundo, nutria um pouco de esperança de que sua reação ao anúncio fosse mais generosa do que ele havia lhe dado motivos para esperar.

CAPÍTULO SETE

SANDER RESPIROU fundo, tentando controlar a irritação quando sua assistente avisou que Tally chegara. Estava satisfeito por ter dito a ela que viesse vê-lo em seu escritório. O ambiente manteria o encontro breve e objetivo. Afinal, o que havia para ser dito? A saída dela da boate o ofendera. A mensagem de texto num tom definitivo que enviara, julgando-o sem sequer escutar o que tinha a dizer, deixara-o indignado.

Tally vestira calças justas, sandálias e uma longa camiseta cor de cereja para enfrentar Sander. Queria parecer natural, não como se tivesse se arrumado especialmente para encontrá-lo. Mesmo assim, perdera mais de uma hora com seu cabelo e sua maquiagem e trocara de roupa três vezes. Finalmente se olhou no espelho e admitiu que nenhum poder no mundo a deixaria com as proporções delicadas de Oleia ou seu rosto perfeito. Sabia que estava com ciúme, e aquilo a fazia sentir-se envergonhada.

– Eu não sei o que você está fazendo aqui – murmurou Sander cruelmente, porque acreditava que ela o procurara porque pensara melhor sobre sua decisão teimosa de afastar-se dele.

– Bem, não tem nada a ver com o que aconteceu na boate naquela noite – disse Tally, fazendo questão de ressaltar isso por causa de seu orgulho. – Você se comportou mal, e não tenho nada a acrescentar ao que já disse!

Uma onda de raiva inundou os olhos de Sander.

– Você se comportou como uma colegial idiota.

– Não, seu comportamento não me deu escolha. Uma colegial teria feito uma cena. Eu escolhi não fazer – disse Tally, olhando para ele, percebendo a raiva em seu rosto, quase incapaz de acreditar que o desafiara novamente.

Forte e orgulhosa, Tally era totalmente incapaz de ignorar o beijo que Sander trocara com Oleia Telis, a não ser que ele se desculpasse ou explicasse de alguma forma, mas era óbvio que não fazia parte do temperamento dele oferecer qualquer tipo de explicação sobre sua conduta. No entanto, a lembrança de seu comportamento ainda cortava Tally como uma faca, ferindo-a de um modo infernal.

– Você se afastou de mim só porque Oleia estava flertando comigo. Ela estava longe de estar sóbria e é uma de minhas amigas mais antigas.

– Eu não vi você a afastando.

– Eu não sou um eunuco, e você não é minha dona.

– Não, não sou – concordou Tally numa tentativa de acabar com aquele clima hostil, que não favorecia nenhum dos dois. – Mas não foi por isso que eu pedi para você me receber...

– Você me quer de volta – disse Sander com uma inabalável autoconfiança.

– Não, *não*, eu não quero – insistiu Tally, mas sabia que estava mentindo porque, apesar de tudo, mesmo estando furiosa com ele, ela o *queria* de volta.

– Então o que você está fazendo aqui? – perguntou Sander com o ar irritante de quem sabia exatamente onde ela queria chegar. Por um instante, Tally se sentiu culpada, como se a gravidez fosse responsabilidade só dela.

– Vou direto ao ponto. Fui ao médico ontem e descobri que estou grávida.

O silêncio que se seguiu se propagou como mancha de óleo, pesado, sufocante e escuro.

– Como assim grávida? – Sander finalmente perguntou de uma forma brusca.

– Cerca de seis semanas – continuou Tally, sem fôlego.

Sander olhou para ela, branco, a palidez do choque visível em seu rosto bronzeado.

– Claramente, cometi um erro ao confiar tanto em você.

– Eu não quis que isso acontecesse, Sander! – protestou Tally, seus olhos verdes cheios de preocupação e angústia. – Sou culpada por achar que não havia risco de gravidez a partir do instante que começasse a tomar pílulas anticoncepcionais. Confesso que nem li a bula, achei que já soubesse de tudo. Meu ginecologista ex-

plicou que certas coisas podem reduzir a eficácia da pílula e...

– Você está gastando seu latim. Se você está grávida, posso tirar minhas próprias conclusões – ridicularizou Sander, a indignação impressa em seu rosto e em seu tom de voz. – E também acho que você está planejando ter esse bebê.

– Sim.

– Claro.

– E o que significa seu tom irônico, Sander?

– Que criar meu filho lhe dará uma desculpa para viver à minha custa por boa parte dos próximos vinte anos, então naturalmente você vai querer ir em frente e dar à luz – continuou Sander, mal disfarçando seu desprezo. – Conceber o meu filho foi um movimento financeiro astuto, um investimento certo no futuro.

O rosto dela se inflamou como se ele tivesse lhe dado um tapa. Havia desprezo e cinismo em cada palavra que ele pronunciara.

– Nós dois assumimos riscos, Sander. Acredite, não planejei isso e abomino a ideia de viver à sua custa pelos próximos vinte anos – respondeu ela, olhando para ele com ressentimento.

– Um homem rico sempre é alvo desse tipo de golpe...

– Isto não é um golpe. Pela última vez, esta não é uma tentativa de golpe contra você e seu precioso dinheiro! – disse Tally furiosa. – Foi um acidente, e neste exato momento, eu não estou mais feliz por ter engravidado do que você. Afinal, este bebê vai ter um impacto muito maior na minha vida do que na sua.

— Eu confiei em você — irritou-se Sander, deixando claro que não aceitara uma palavra do que ela dissera como verdade. — Devia ter pensado melhor. Uma garota do meu mundo teria muito mais classe em vez de aplicar um golpe como esse!

— Quem você pensa que é para falar assim comigo? — Havia tanto ressentimento e tanta raiva em Tally que ela mal podia contê-los. Aquele comentário esnobe sobre sua condição humilde foi a gota d'água. — Suas suposições sobre mim são completamente erradas. Meus pais se separaram enquanto minha mãe estava grávida, e eu nunca tive um relacionamento de verdade com meu pai porque havia muita mágoa entre eles. Eu sou a última mulher no mundo que iria querer ter um filho nas mesmas circunstâncias, porque sei os danos que crescer sem um pai me causou.

— Obviamente eu vou ser correto com você e a criança e amparar os dois. Claro que vou.

— Maldito seja... — suspirou Tally, magoada, seu coração trespassado pela atitude prática dele frente a uma questão profundamente pessoal como o futuro filho deles. — Não tem que ser assim entre nós. Você deveria me conhecer bem o suficiente para saber que eu nunca planejava isso.

— Deveria? Eu não pensei que você fosse me surpreender com uma notícia como essa, mas estava errado. O que mais eu poderia ter errado a seu respeito?

Devastada por aquela admissão de desconfiança, Tally sentiu os olhos arderem e os arregalou para conter as lágrimas.

– Apenas alguns dias atrás, nós estávamos felizes.

– E agora não estamos. É a vida. – Sander a interrompeu com uma crítica sarcástica que rasgou seu comentário sentimental em pedaços. – Preciso que você tenha vindo aqui me dar essa notícia pessoalmente. Mas se já disse tudo o que tinha para dizer, eu não vejo mais nada que tenhamos para discutir neste momento. O escritório de advocacia que uso aqui em Londres vai cuidar disso para mim. Vou passar seus dados, e eles entrarão em contato.

Tally estava arrasada pela atitude dele e pelo fato muito óbvio de que ele estava determinado a mantê-la a distância.

– Eu pensei que conhecesse você melhor.

– Você sabia que eu não queria uma criança nem mesmo uma namorada séria desde o início do nosso caso – lembrou Sander sem hesitação.

– Às vezes, a vida dá voltas... Às vezes, não é culpa de ninguém quando as coisas não saem como planejado – respondeu Tally, furiosa porque ele a estava culpando por algo que ela nunca teria escolhido voluntariamente.

– Mas o inesperado, o bebê, só será um desastre se nós encararmos assim...

– Guarde seus clichês baratos para alguém que vá ouvi-los. Meu advogado entrará em contato com você.

Pálida como a morte, Tally caminhou até a porta.

– Eu não gostaria de ser tratada como algum tipo de aproveitadora.

— E eu não gostaria de ser forçado a me tornar pai — respondeu Sander.

UMA SEMANA depois daquele encontro, Sander se surpreendeu ao saber por sua assistente que Anatole Karydas exigira uma reunião com ele. Embora seu pai muitas vezes fizesse negócios com Anatole, por ele ser um renomado e influente empresário, Sander o encontrara apenas de passagem e não gostava do que sabia sobre os métodos duvidosos dele. Anatole, entretanto, era um homem de negócios muito influente. Também era um valentão notoriamente mal-humorado, temido por seus funcionários e concorrentes por nunca deixar passar um erro ou um ponto fraco.

— Volakis... — grunhiu Anatole em reconhecimento quando entrou, uma pequena figura imponente, com afiados olhos escuros e um ar inconfundível de quem sabia quão poderoso era. — Acredito que você tenha conhecido minha filha na fazenda Westgrave, alguns meses atrás.

— Eu dei carona a Cosima uma noite — reconheceu Sander com cuidado, perguntando-se onde Anatole queria chegar com aquela conversa fiada.

— Tally me contou que você bancou o bom samaritano — comentou Anatole, observando Sander franzir a testa surpreso àquela referência. — Apesar de eu não fazer alarde sobre isso, Tally Spencer também é minha filha.

Sander olhou fixamente para Anatole, convencido de que entendera mal.

— Desculpe, Tally é... sua *filha* também?

— Nunca me casei com a mãe dela, claro, e minha esposa e Cosima não querem que eu a reconheça. Para ser franco, nunca tive muito contato com Tally. Eu não suporto a sanguessuga da mãe dela — revelou Anatole. — Mas ainda assim, Tally é meu sangue, e eu não vou me calar e permitir que você destrua a vida dela.

Se Tally estivesse ali naquele instante, ele a teria estrangulado por ter ocultado sua verdadeira identidade dele. De fato, desde o momento em que se conheceram, ela deliberadamente o enganara, fingindo que trabalhava para sua meia-irmã, Cosima. Estava começando a perceber que nunca conhecera Tally Spencer completamente.

Desacostumado a ser pego de surpresa, Sander se sentiu incendiar debaixo de sua superfície controlada.

— Obviamente você já sabe que Tally está esperando um filho meu. Espero não ter arruinado a vida de ninguém. Eu não vou virar as costas às minhas responsabilidades, Anatole, e vou apoiá-la de todas as formas possíveis.

— Você engravidou minha filha, vai se casar com ela. Que eu saiba, qualquer outra forma de apoio é um insulto para mim e para o nome de minha família.

Embora estivesse chocado com esse discurso, Sander podia sentir uma onda de autocontrole fluindo por dele, provocada pelos genes astutos e cautelosos de seus antepassados aristocráticos. A vulgaridade de Anatole e sua tentativa de interferir eram desagradáveis, mas não

era surpreendente que um homem que se julgava tão importante escolhesse considerar a situação de Tally como uma afronta pessoal à sua dignidade.

— Não tive a intenção de insultar ninguém.

Já cansado daquela conversa, Anatole deu um passo à frente e balançou um ameaçador punho fechado.

— Ou você se casa com minha filha ou eu puxo o tapete de seu pai.

Sander congelou.

— O que você está dizendo?

— Isso que você ouviu. Seu falecido irmão gastou demais numa negociação comercial em meio a uma crise econômica. Seu pai precisa assinar o contrato com a TKR para manter a empresa de sua família livre da falência. Se eu disser uma palavra no lugar errado, o contrato será assinado com outras empresas, e a Transportes Volakis vai quebrar.

Sander examinou Anatole com repulsa. No financiamento para uma expansão na hora errada, seu falecido irmão, Titos, assumira riscos demais num mercado onde a concorrência era feroz e os preços competitivos. Sander não tinha dúvida de que Anatole poderia arruinar o contrato TKR com apenas um boato de que a Transportes Volakis seria uma escolha arriscada. A culpa o assaltou. Ele ignorara sua suspeita de que seu pai, Petros, estava lidando com mais coisas do que era capaz, e esse senso de responsabilidade só aumentou quando reconheceu o quanto seu azar no caso com Tally poderia custar à sua família.

– Eu preciso pensar sobre isso.

Sander expirou por entre os dentes cerrados, sua autodisciplina por um fio, a um passo de dar um soco no rosto presunçoso de Anatole.

– Tally contou ao senhor que está grávida?

– A mãe dela me contou – admitiu Anatole. – Tally não faz ideia de que eu estou aqui.

Anatole se despediu. Sander estava pasmo, as bases de seu mundo desmoronando. Ele teria que se casar com ela? Casar com Tally Spencer... Karydas? Sander queria dar um soco na parede. Sentiu-se... *aprimado*. Ele não queria se casar. Certa vez, quando era um adolescente ingênuo, quisera se casar com Oleia, mas aquele sonho desaparecera e nunca voltara. Aprendera muito com aquela desilusão, embora não tanto quanto acreditara, admitiu amargamente. Tally fizera um ótimo trabalho ao enganá-lo. Uma garota comum? Ele suprimiu uma risada desdenhosa. Evidentemente, não havia nada comum em Tally, que dera um jeito de esconder sua verdadeira filiação dele. Mas não demorara muito para mostrar as garras e apontar as armas na forma da brutalidade de seu pai. Como alguém poderia esperar que ele acreditasse que ela não informara Anatole pessoalmente sobre sua condição? Uma gravidez acidental? Como poderia acreditar naquela história agora? Anatole Karydas fora tão astuto e calculista quanto um homem poderia ser. E parecia que Tally herdara mais do que sua falta de altura dos genes paternos.

Anatole Karydas o estava chantageando.

Case-se com Tally ou então...

E Sander teria ignorado a ameaça de Anatole se não fosse pelo fato de que seriam seus pais, em vez dele mesmo, que pagariam o preço por sua recusa em atender à exigência de Anatole. Ele já estava desconfortavelmente ciente de que, nos últimos anos, fora menos do que um filho obediente. Embora nunca tivesse sido próximo de seus pais, ainda os amava e se preocupava com o que aconteceria a eles.

Sander sabia que poderia sobreviver à queda da Transportes Volakis ileso. Ele não dependia de apoio, nem de seus pais nem dos negócios da família. Mas estava dolorosamente consciente de que seis gerações de sua família haviam dado sangue e lágrimas para transformar esse negócio numa linha de navegação de renome mundial.

Os pais de Sander ficariam arrasados se perdessem a empresa, sem mencionar o estilo de vida confortável e a posição social a que estavam acostumados. De jeito nenhum Sander poderia permitir que isso acontecesse a eles naquela altura da vida... de jeito nenhum. Era filho deles e havia laços que nem mesmo o mais convicto dos rebeldes poderia negar. Não podia ficar parado e assistir à queda da Transportes Volakis simplesmente para manter sua própria liberdade e independência.

E Tally realizara, isso tinha que ser dito, todas as fantasias dele na cama, pensou ele com calor reflexivo. Aquilo era um bônus, apesar de o bebê que ela estava esperando ser um ponto negativo.

Sander mal podia acreditar que correria um risco tão grande simplesmente para desfrutar da liberdade de fazer sexo sem proteção. Por que, diabos, ele fizera isso? Afinal, odiava a ideia de se tornar pai, nunca tivera esse desejo. Bebês choravam, sujavam fraldas e cheiravam mal, e ele sempre os via como uma opção nada atraente. Quando cresciam e se tornavam crianças, faziam birra e exigências incessantes, e seus hábitos desagradáveis só se tornavam mais pronunciados e perturbadores com a idade. Pior ainda, ele observara que as esposas tendiam a concentrar suas energias em seus filhos e não nos maridos.

Um bebê... só de pensar numa criança perturbando sua vida despreocupada, Sander gelava. Mas uma boa babá, uma equipe de boas babás, faria toda a diferença na vida deles, disse a si mesmo em crescente desespero.

Casamento... Sander se serviu de uma forte bebida. Sabia que iria ficar embriagado antes de ir ver Tally no dia seguinte. Ele não se atreveria a mencionar a visita do pai dela. Suprimindo sua raiva sobre essa questão, lembrou-se de que fora brutalmente sincero quando ela lhe contara sobre o bebê, agora tinha que consertar isso. Também tinha uma proposta honrada para fazer em resposta ao mais desprezível ato de chantagem.

CAPÍTULO OITO

NÃO SENDO particularmente fã de dramas, nem mesmo os pessoais, Tally deu a si mesma 24 horas para lidar com a rejeição de Sander. Ele não mentira para ela, admitiu Tally, lutando para ser justa, apesar de a reação dele à notícia ter partido seu coração. Desde o começo, Sander fora claro sobre o que pensava a respeito de compromisso e de sua aversão a uma gravidez não planejada. Mas, ainda assim, sua raiva amarga e sua desconfiança foram uma surpresa desagradável. A determinação dele em não querer mais nada com ela fez com que se lembrasse de que o filho deles seria apenas uma responsabilidade financeira que ele não seria capaz de evitar. Sander planejava se comportar como o relutante pai dela se comportara? Será que o filho deles, por sua vez, se tornaria o erro juvenil de Sander e seu segredinho sujo? Será que ele realmente acreditava que Tally estava ansiosa para viver à custa dele? No entanto, não fora isso que, de muitas formas,

sua própria mãe fizera? Uma voz dentro da cabeça de Tally não parava de falar sobre isso, e ela quase se encolheu ante aquela profundamente embaraçosa, mas inevitável, comparação. Era fato que Crystal desistira de qualquer pretensão que tivesse de trabalhar para viver, depois que o tribunal finalmente concedera o direito à pensão para a criança. Também não podia negar que existiam mulheres dispostas a engravidar na tentativa de prender um homem ou para ter uma renda. A diferença mais óbvia entre mãe e filha era que Crystal planejava sua gravidez pensando que o pai da criança se casaria com ela. Infelizmente a decepção dolorosa de sua mãe com o fato de que suas esperanças e sonhos não haviam se concretizado não diminuía com o passar do tempo, e Tally não queria compartilhar daquele sentimento. Quando chegasse à casa dos quarenta, não queria estar sofrendo por uma rejeição que sofrera na juventude.

Reconhecer o fato, no entanto, fizera Tally chorar até seus olhos ficarem inchados. Perdera o homem que amava e, ao mesmo tempo, fora forçada a aceitar que ele mal podia esperar para bani-la de sua vida.

A falta de cuidado e preocupação dele, sem mencionar as suspeitas sobre seu caráter, magoaram-na profundamente.

— Vamos ser realistas — disse Crystal de forma brusca na semana seguinte, quando Tally estava calma o suficiente para conversar —, o que mais você esperava de Sander Volakis quando foi vê-lo?

Tally olhou para a mãe por sobre a mesa do café da manhã e comprimiu os lábios.

— Eu realmente pensei que ele se preocupasse comigo... Não esperava amor verdadeiro, mas, você sabe, eu esperava que ele se *importasse* — ressaltou, com dor genuína em seus olhos tristes. — Mas quando contei sobre o bebê, ele me tratou como qualquer garota com quem tivesse dormido uma noite e depois esquecido.

Crystal franziu a testa.

— Você foi muito ingênua, Tally. Se pensar bem, Sander só estava com você para se divertir. E pouquíssimos homens, talvez nenhum, veem um bebê como um bônus. Não era isso que ele queria.

— Acho que não — admitiu Tally ríspidamente, resistindo ao impulso perigoso de admitir que não era o que ela queria também. Ela não queria mais ouvir Crystal falando sobre adoção ou aborto como possíveis alternativas para o seu dilema.

Sua mãe dissera que a apoiaria independentemente do que escolhesse fazer. Embora Tally apreciasse esse apoio, já estava com medo suficiente do futuro sem ouvir Crystal dizer-lhe mais uma vez o quanto ter um filho impactara na vida *dela* e a arruinara, roubando sua liberdade e afugentando seus pretendentes. Tally ficou surpresa de que ela e a mãe pudessem ter lembranças tão diferentes de sua infância.

— Mas, pelo menos, Sander não tentou fugir à responsabilidade e já prometeu que vai cobrir as despesas. Ele está muito à frente de seu pai nesse aspecto — disse

Crystal com um nível de desprezo por Anatole que fez com que sua filha se assustasse.

Com as provas finais da faculdade chegando, Tally não podia se dar o luxo de sentar e conversar ou de ficar se lamentando. Foi para o seu quarto estudar, ciente de que, com uma criança a caminho, era ainda mais importante que tivesse a qualificação necessária para encontrar trabalho. Foi no fim daquela semana que seu telefone tocou, e ela se assustou ao perceber que era Sander ligando para ela outra vez.

— Precisamos conversar um pouco mais. Vou buscá-la às 20h e...

— Não — interrompeu Tally apressadamente, empenhada em assegurar-se de que ele não conhecesse sua mãe, mas nem mesmo hesitando sobre se concordava ou não em vê-lo de novo. — Não há necessidade, irei ao seu encontro. Onde?

Ele sugeriu seu apartamento, e, embora ela preferisse um lugar que não lhe trouxesse lembranças de momentos mais felizes, sabia que só poderia discutir sua gravidez com privacidade.

Mas o que Sander poderia querer falar a respeito do assunto? A postura que adotara durante o encontro deles em seu escritório fora tão imprópria, tão definitiva, que não havia espaço para concessões. Sua curiosidade era enorme, mas ele não dera pistas do porquê queria vê-la novamente durante o telefonema breve, quase profissional.

A porta da frente estava aberta, e ela respirou fundo, nervosa, secando as mãos na camiseta fina que usava

com uma saia curta. A única preocupação que tivera com sua aparência fora esconder as evidências de que havia chorado e passado a noite insone. Mas mesmo assim, com todas as suas defesas em alerta e a cabeça erguida, seu coração batia tão rápido que ela queria pressionar a mão em seu peito para fazê-lo desacelerar.

Sander tinha apenas um objetivo em mente: fazer o que precisava ser feito e seguir adiante. Ele já lidara com problemas delicados em outras ocasiões e, com facilidade para assumir o controle de situações difíceis, sempre seguira corajosamente em frente. Mas, quando viu Tally, sua reação foi outra. Percebeu sua expressão controlada e sua entrada cautelosa. O brilho de felicidade e o sorriso que estava acostumado a receber haviam desaparecido. Agora que conhecia os fatos que ela nunca deveria ter escondido, poderia tentar reconhecer nela os traços de seu pai. A hostilidade fluía por ele quando se viu instintivamente ligando sua falta de altura e nariz ligeiramente proeminente ao fato de ela ser filha de Anatole Karydas. Tally se concentrou na figura ponderosa de Sander e engoliu em seco. Ela sentiu uma terrível falta de ar. O rosto bronzeado dele estava tenso. Era um homem devastadoramente bonito e ainda lhe provocava reações que ela não poderia suprimir.

— Gostaria de uma bebida? — perguntou ele educadamente.

— Não, obrigada. — Em seu esforço para parecer controlada, Tally se sentara num sofá de couro, seus joelhos unidos, a bolsa a seus pés.

Por um momento, o olhar escuro e frio de Sander pôs sobre as curvas voluptuosas sob o tecido fino de seu sutiã, e uma fome que ele desprezava o atacou. Rapidamente, redirecionou sua atenção para os olhos verdes ansiosos que o encaravam. Sander não se surpreendia por ela estar preocupada. Contara mentiras e guardara segredos, e ele não estava totalmente convencido de que não o escolhera como um bode expiatório para sua gravidez. Desde a visita de Anatole, fizera investigações e descobrira o suficiente sobre Tally para se maravilhar com as coincidências entre as circunstâncias de seu nascimento e sua condição atual. E Sander nunca acreditara em coincidências inocentes.

— Você disse que precisava conversar comigo — disse Tally firmemente, quebrando o silêncio tenso.

— Na semana passada, você me pegou de surpresa e temo não ter reagido bem à notícia — disse Sander lentamente.

Perguntando-se qual era o objetivo daquele diálogo, Tally fechou os dedos trêmulos para firmá-los.

— Não, não reagiu — concordou Tally. — Mas sei que o que eu tinha a dizer foi um choque para você.

— Mas, como você disse, não acho que a vinda de uma criança deva ser vista como um desastre — disse Sander, usando o álcool para forçar-se a expressar sentimentos falsos.

Ele tinha 25 anos e não estava pronto para um bebê em sua vida. Não tinha nada contra bebês, só não queria ter um naquele momento. Além disso, não tinha o hábi-

to de mentir. Contar a verdade seria muito mais natural, mas não queria correr o risco de confrontar Tally com suas suspeitas antes que estivessem seguramente casados. Não podia se arriscar a comprometer o futuro da Transportes Volakis. Rangeu os dentes brancos, convicto de que não tinha escolha quanto ao que fez em seguida. Anatole Karydas suprimira sua liberdade de escolha e colocara a lealdade à família em primeiro lugar.

– Seria muito melhor se pudéssemos agir como pessoas civilizadas sobre esta situação – comentou Tally, pensando no rancor amargo que ainda existia entre seus pais, mesmo após tantos anos.

– Tenho toda a intenção de fazer o melhor que puder por você e pelo bebê – afirmou Sander. – Isso talvez a surpreenda depois da forma como me comportei.

– Não, não me surpreende – interrompeu Tally com uma sombra em seu sorriso antes ensolarado, procurando dissipar a tensão. – Você não é uma pessoa irresponsável, é apenas volátil e estava com raiva. Eu entendo isso.

Desconcertado com a maneira como ela julgara seu caráter, com uma familiaridade que nenhuma outra mulher jamais se atrevera a utilizar, Sander esvaziou o copo e o colocou sobre a mesa com uma pressão decisiva.

– Eu quero que você se case comigo – disse, e porque *precisava* que ela se casasse com ele para salvar a Transportes Volakis, a proposta saiu de seus lábios como se fosse a mais perfeita verdade.

Tally arregalou os olhos, espantada. Estava profundamente chocada, porque aquela proposta era a última

coisa que esperava ouvir. Paralisada, olhou para ele com os olhos escuros como esmeraldas e cheios de confusão e incerteza.

– Você está falando sério?

– Não seria algo muito estúpido para dizer se eu não estivesse?

Constrangida, Tally corou. Estava nervosa e tentava descontroladamente esconder isso. Com um esforço, endireitou os ombros e olhou para ele novamente.

– Mas você sabe que não quer realmente se casar comigo, Sander. Então seria a coisa errada a fazer.

Surpreso por essa resposta inesperada, Sander franziu a testa.

– Eu *quero* me casar com você – disse ele novamente.

Tally umedeceu os lábios. A excitação fez parecer que as batidas de seu coração estavam na garganta. Queria agarrar a proposta com as duas mãos. Afinal, ela o amava, e ele estava lhe oferecendo seu sonho mais secreto, o de um relacionamento para sempre, que até agora acreditara só existir em sua imaginação. Mas ainda parecia mais sonho do que realidade, e a última coisa que ela queria era que Sander a pedisse em casamento motivado apenas por sua gravidez, porque um casamento feito a contragosto e que tirasse sua liberdade jamais sobreviveria.

– No fim das contas, o bebê não vai se importar se somos casados ou não – disse ela gentilmente. – E nós não estivemos juntos tempo suficiente para estarmos falando em casamento. Você só sugeriu isso porque estou grávida.

Sander a desafiou, os olhos escuros brilhando.

– Há algo errado nisso? Na minha família, nós casamos *antes* de termos filhos e qualquer outra solução é inaceitável para mim.

Tally corou até a raiz do cabelo ante aquela resposta. Ele sabia que seus pais não eram casados e deixou claro que sua família era um pouco mais convencional.

– Só não quero que você me peça em casamento por causa do bebê. Isso não é suficiente para sustentar uma relação e não é seu estilo também. Você gosta de sua liberdade.

Sander se perguntou se ela estava deliberadamente zombando dele ou se deveria ficar impressionado e comovido diante da relutância dela em tornar-se sua esposa naquelas circunstâncias.

– Claro que gosto da minha liberdade. Mas decidi que gostaria ainda mais de ter você em minha cama todas as noites.

Aquela admissão enviou uma onda de calor escalante pelo corpo de Tally. Encontrando os olhos ardentes dele, Tally sentiu a pulsação do desejo em sua pélvis e reconheceu o formigamento entre suas pernas.

– Mas, há apenas dez dias, parecia ser Oleia quem você queria em sua cama – lembrou ela.

– Faz mais de cinco anos que dormi com Oleia pela última vez, e não tenho a intenção de retomar essa relação – declarou Sander sem hesitação.

– Mas, obviamente, você ainda a acha atraente – respondeu Tally, desanimada com a evidência de que seus

laços com a morena esbelta vinham de muito tempo e uma vez foram, de fato, tão íntimos quanto ela temia.

— Não, *ela* ainda me acha atraente — corrigiu Sander com arrogância. — É mais como um jogo teimoso que jogamos. Deixe-me explicar. Quando eu tinha 20 anos, era muito apaixonado por Oleia, mas ela se envolveu com outro homem, e eu terminei tudo. Oleia tenta me reconquistar desde então, mas eu nunca poderia perdoar o que ela fez.

Tally sentiu o impacto emocional do que ele estava dizendo, reconhecendo a verdade em suas palavras. Ele amara Oleia, e ela o traía. A infidelidade o ferira gravemente. Tally conhecia o temperamento difícil dele bem o suficiente para compreender que o comportamento impetuoso de Oleia iria recorrer ao desejo dele para acertar as contas e acalmar seu ego masculino.

— Assim, você se diverte deixando que Oleia o beije — comentou Tally.

Sander olhou para ela.

— Eu nunca pensei nisso. Não foi nada, não significou nada, não levou a lugar nenhum. Eu não sabia que você estava observando cada movimento meu ou que seria tão tacanha!

Tally cerrou os punhos em defensiva. Finalmente tivera uma explicação sobre Oleia e não queria perder tempo entrando numa discussão sobre isso. Ele dissera a verdade desagradável sobre Oleia, e ela apreciara isso, mas as coisas mudaram e havia outras mais importantes com que se preocupar. E o bebê que ela esperava era a maior delas.

— Se eu sou tacanha, é por uma boa razão — rebateu Tally fortemente. — Eu só não aprovo pessoas sendo fáceis e se oferecendo quando se trata de sexo. Isso é basicamente porque cresci sem um pai.

— Mas Anatole ainda a considera como filha...

Tally congelou, surpresa.

— Você já sabe que Anatole Karydas é meu pai? Eu nunca vi realmente a necessidade de mencionar isso, porque ele tem tão pouco contato comigo. Mas como você descobriu?

— Ele me contou.

Aliviada pelo segredo ter sido revelado, mesmo estando surpresa que seu pai tivesse contado a ele, Tally murmurou:

— Cosima não quer que ninguém saiba a verdade. Ela insistiu em fingir que eu trabalhava para ela naquele fim de semana em Westgrave. Como você conheceu Anatole?

— Seu pai faz negócios com o meu.

Como não estava em posição de desafiar sua história ou revelar seus verdadeiros sentimentos, Sander comprimiu os lábios e voltou ao seu objetivo.

— Quero me casar com você o mais rápido possível.

— Mas *por quê?* — perguntou Tally. — Você não me ama.

— Eu quero você mais do que quis qualquer mulher há muito tempo, e essa conexão física é importante para mim. — Sander respirou fundo, examinando-a com um calor sexual que ela podia sentir. — Neste momento, eu só quero acabar com toda essa conversa tola e levar você para a cama...

Os mamilos dela se destacaram sob a roupa, e Tally corou, reconhecendo o poder do desejo que ainda os atraía, mesmo que ela tentasse negar.

– As pessoas não se casam apenas para compartilhar a cama.

– Por que não? Nós nos casamos, e eu cuido de você e do bebê. O que poderia ser mais normal?

Ter alguém que cuidasse dela era uma proposta sedutora para uma mulher jovem que tivera que lutar para conseguir atenção de seus pais quando era criança.

– Mas isso seria o suficiente para você?

– Por que não deveria ser? – perguntou Sander. – Por que você está tornando isso tão complicado?

– Eu não quero que qualquer um de nós cometa um engano – confidenciou Tally com tristeza, lutando contra seu desejo de dizer sim e deixá-lo arrastá-la para a cama. – Quando nos encontramos em seu escritório, você pareceu não querer nada comigo nem com o bebê.

– Mas agora eu me acostumei com a notícia e reconheço que esse bebê é meu filho também – rebateu Sander no mesmo tom.

Aquela declaração a impressionou.

– Mas você estava tão bravo comigo.

– Aquilo foi injusto. – Sander deu de ombros num gesto de desprezo. – Como eu não usei preservativos, sou tão culpado disso quanto você.

– Se você realmente acredita que eu posso ser a esposa que você quer, eu me caso com você – disse Tally desajeitadamente, desejando poder atirar-se em seus

braços e perguntando-se por que ainda se sentia tão desconfortável com a proposta. Parecia bom demais para ser verdade que ela o amasse, tivesse ficado grávida e ele quisesse se casar com ela?

— Tudo bem, então vamos entrar logo com os papéis — disse Sander impaciente, sem se preocupar em selar a ocasião com palavras ou gestos. — Na próxima semana estaria bom para mim...

— *Próxima semana?* — repetiu Tally em total descrença. — Estou prestes a começar minhas provas finais, e isso vai levar umas duas semanas.

— Eu não acho que demore muito para organizar uma cerimônia civil discreta.

Tally endureceu e lhe lançou um olhar triste.

— Eu preferia me casar numa igreja, Sander. Ainda que fosse pequena e discreta.

Sander comprimiu os lábios com uma impaciência que não conseguia esconder.

— Se você quer assim. Eu realmente não me importo em como vamos fazer isso, só quero que seja feito logo.

Tally lera que os homens raramente se entusiasmavam com preparativos de casamento. Mas por que tanta pressa? Seria bom se fosse algumas semanas antes de sua condição tornar-se óbvia. Ele estava envergonhado com a possibilidade de uma noiva visivelmente grávida? Ou de um bebê que nasceria antes de terem passado nove meses do casamento? Sander era muito seguro para que ela pudesse acreditar naquela possibilidade.

– Olhe, talvez fosse melhor nós passarmos alguns dias pensando sobre isso antes de nos precipitarmos – sugeriu Tally, seu bom-senso vencendo sua relutância em permitir que ele tivesse outra oportunidade para reconsiderar sua posição.

Sander franziu a testa, seus olhos escuros como a noite piscando com uma raiva intolerante.

– Mas você disse que se casaria comigo.

– Sim, e eu, com certeza, *quis dizer* isso! – disse Tally com uma veemência apaixonada que não conseguia conter. – Mas isso é uma completa reviravolta para você e me preocupa que esteja com tanta pressa.

Sander respirou fundo.

– Eu não sei o que mais você quer de mim.

Tally se perguntou se estava sendo extremamente injusta e insensata. Afinal, ela queria o coração dele, e isso não estava sendo oferecido. Oleia evidentemente pisara naquele órgão com um delicado, porém destrutivo, salto agulha, quando ele estava numa idade muito impressionável, e as mulheres que se seguiram colheram a desconfiança, cinismo e o desgaste emocional que ela semeara.

– Preciso saber que você realmente quer uma vida comigo e com nosso filho e que isso não é um impulso louco do qual você vai se arrepender em alguns meses.

A boca de Sander se inclinou em sorriso irônico.

– Você acha que eu me conheço assim tão pouco? Ou simplesmente está ofendida porque não armei uma cena romântica para fazer o pedido?

— Faz apenas uma semana que você me disse para pegar meus clichês baratos e sair de seu escritório! — rebateu Tally enquanto pegava sua bolsa e se levantava, ansiosa para ir embora antes que suas emoções a traíssem.

Impaciente e frustrado, Sander a puxou contra ele, observando seu rosto corado e infeliz. Ele moveu os quadris, e ela ficou tensa quando sentiu a urgência de sua excitação mesmo pelas roupas.

— Vamos esquecer o que eu falei. Esta conversa não está nos levando a lugar nenhum. Venha para a cama — inspirou ele profundamente.

E o desejo quente que se espalhou por Tally como uma chama em resposta àquele convite não deixou nenhuma parte de seu corpo intocada. Seus mamilos ficaram pontiagudos, seus seios incharam, e o calor e a umidade se uniram entre suas coxas. Ela queria dizer sim, queria tanto dizer sim que a palavra estava em seus lábios, porque sabia que a intimidade sexual iria aliviar aquela terrível tensão e permitir que se sentisse próxima dele novamente.

— Acho que seria melhor se eu fosse direto para casa esta noite — disse Tally, afastando-se dele com os olhos tensos, lutando contra o desejo que ele sempre despertava nela. Ela não sabia como explicar os sentimentos que a afligiam, só sabia que não queria adicionar uma sessão de sexo selvagem a uma situação que já era volátil. Ela estava com muito medo de que o sexo só a fizesse sentir-se usada, pois o que ela realmente queria dele eram palavras tranquilizadoras e sentimentos, em vez da emoção irracional do ato sexual.

Afastando-se dela ao receber aquela rara rejeição, Sander murmurou.

– Achei que iríamos comemorar.

– Meus hormônios estão descontrolados neste momento – murmurou Tally se desculpando. – A última semana foi muito traumática, e eu preciso de um tempo para pensar e estudar para minhas provas finais.

– Eu só não sei como você consegue...

– Vamos marcar a data do casamento – interrompeu Tally, em crescente desespero e se aproximou para beijar-lhe o canto da boca em gesto suave de carinho. Infelizmente o gesto não conseguiu fazer sua mágica. Sander enterrou a mão na cascata de seus cachos e a segurou rapidamente enquanto tomava sua boca com uma necessidade que a atingiu como um relâmpago. Mesmo assim, ela não se rendeu ao seu desejo e se afastou, os lábios vermelhos e inchados. Ele olhou para ela mal-humorado e notou, com uma inesperada sensação de satisfação, que quando Tally sorriu para ele, as covinhas estavam lá novamente.

– Daqui a três semanas – disse Tally, ansiosa para suavizar a tensão. – Daqui a três semanas nós nos casaremos... Tudo bem?

Quando ela foi embora no táxi que ele chamara e pagara, Sander lembrou a si mesmo de uma forma sarcástica que, ao menos, de alguma forma, conseguira o que queria. Seria muito cínico suspeitar que ela resolvesse suspender as delícias voluptuosas de seu corpo até que tivesse um anel em seu dedo? A garota autêntica e

angelical que ele conhecera só existia em sua imaginação? Era uma suspeita deprimente.

EXTRAORDINARIAMENTE, CRYSTAL saiu da cama para ver a filha quando ela chegou em casa, e Tally não perdeu tempo em contar-lhe a novidade.

— Sander me pediu em casamento, e estamos pensando em marcar a data para daqui a três semanas se possível.

O rosto de Crystal se iluminou, como se alguém tivesse ligado um holofote dentro dela, e abraçou a filha numa rara demonstração física de afeto.

— Isso é maravilhoso, querida! Vai ser um desafio organizar um casamento tão rápido, mas concordo que seria imprudente esperar mais tempo. Veja o que aconteceu comigo!

Tally resistiu à tentação de observar que a mãe fora a principal responsável pela própria queda e silenciosamente pegou as xícaras num armário para fazer chá.

— Se Sander mudar de ideia, não vou ficar contra ele. Casamento é um grande passo.

— Você vai ter um bebê. Por que Sander *deveria* mudar de ideia? — perguntou Crystal enquanto pegava uma garrafa de vodca em outro armário. — Não, não faça chá para mim. Vou celebrar a novidade com algo mais forte.

— Você provavelmente pensa que eu estou sendo estúpida, mas realmente não quero que Sander pense que *tem* que se casar comigo só porque estou grávida — confidenciou Tally.

– O que isso importa? – perguntou Crystal impaciente. E então um sorriso felino iluminou seus lábios novamente. – Ah, querida, eu não posso *acreditar* que você realmente conseguiu!

Tally franziu a testa.

– Consegui o quê?

– Você agarrou um multimilionário e vai ser uma respeitável mulher casada. Eu nunca consegui ser uma esposa! – disse Crystal amargamente. – Também nunca tive um grande casamento. Mas você terá...

– Sander não quer um grande casamento e não quer que ninguém saiba sobre o bebê ainda – interrompeu Tally, sentindo-se desconfortável, desejando que a mãe não estivesse tão impressionada com a fortuna de Sander, mas tocada por seu entusiasmo. – Mamãe, fiquei mesmo chocada quando Sander fez a proposta e estou preocupada que ele realmente não tenha pensado nisso o suficiente.

Por um instante, Crystal ficou estranhamente quieta e desviou seus olhos.

– Isso é bobagem. Por que você sempre procura por problemas?

– Eu só acho que não sou bonita ou importante o suficiente para me casar com alguém como Sander – disse Tally, com dolorosa honestidade. – Ele é lindo, rico e muito bem-sucedido...

– E é o pai do seu filho, então você *merece* um anel! – interrompeu Crystal. – Por que você deveria se sacrificar por anos para criar uma criança sozinha?

– Muitas mulheres fazem isso.

– Espero que você tenha o que eu nunca tive! – disse Crystal.

Nos dias que se seguiram, Tally se concentrou em seus estudos para as provas finais. Ficou confusa por Sander ter embarcado numa viagem de negócios para o Brasil e apenas raramente telefonar para ela. Percebeu, consternada, que seu casamento estava se transformando no sonho realizado de sua mãe.

Uma vez que fora informado sobre a cerimônia, o pai de Tally confirmou que pagaria todas as despesas, mesmo que não fosse estar presente no casamento da filha. Crystal contratou um profissional renomado para organizar o casamento e entrou em ação. Daquele momento em diante, cada extravagância de noiva parecia ser essencial. Em vão, Tally protestou contra os preparativos elaborados que seus pais teimosos estavam fazendo.

– Eu não sabia que você estava de volta a Londres.
– Ela gostaria de ter sido avisada de que ele viria, porque foi mortalmente desconfortável cumprimentá-lo vestindo velhas calças confortáveis e um moletom disforme.

Como era de se esperar, Sander estava incrível num terno de grife azul-marinho bem cortado e uma camisa branca listrada. Seu olhar estava irado.

– O que há de errado? – perguntou Tally instantaneamente, a tensão tomando conta dela.

– Não posso acreditar que você tenha enviado um convite e um pedido de uma lista de convidados de duzentas pessoas aos meus pais na semana passada. Eles sequer sabiam que eu ia me casar! – disse ele furioso.

Tally olhou para ele chocada.

– Você ainda não contou aos seus pais sobre nós?

Em face à sua descrença, os músculos de Sander ficaram rígidos.

– Não, não é o tipo de notícia que se dá por telefone. Estou voando para lá esta noite para contar a eles.

– Você deveria ter contado a eles no minuto em que marcamos a data – respondeu Tally defensivamente, desmoralizada pela admissão dele de que não discutirá seus planos de se casar com seus pais. Estava com vergonha dela? Ou simplesmente estava tentando esquecer que, em breve, seria um homem casado, com uma esposa e um filho a caminho?

– Você não me avisou de que um circo virtual estava sendo montado aqui em Londres! – respondeu Sander com os dentes cerrados. – Eu disse que queria uma cerimônia simples e rápida.

– Considerando que você não demonstrou nenhum interesse por nada que tenha a ver com nosso casamento e não me fez uma única pergunta sobre os preparativos, eu não vejo por que isso teria tanta importância para você! – retrucou Tally, o ressentimento que sufocara para evitar brigas agora saltando para ficar frente a frente com o dele. – Você percebeu que faz cinco dias desde que você me ligou pela última vez?

— Bem, se você acha que eu vou ficar correndo atrás de você o tempo todo, vai ter uma grande decepção! — rebateu Sander, desafiador. — Não comece a me dizer o que eu deveria fazer!

— Alguém quer café? — perguntou Binkie calmamente da porta da cozinha.

— Para mim não, obrigado — disse Sander rigidamente. — Tenho que passar no escritório antes de ir para Atenas, Tally. Duvido que vá vê-la novamente antes do casamento.

Totalmente desapontada, mas determinada a não demonstrar, Tally cruzou os braços.

— Eu vou sobreviver.

— Tally! — censurou Binkie assim que ela fechou a porta. — O que há com você?

Tally engoliu em seco e desviou os olhos, sem responder. Não confiava em si mesma para falar. Seu sexto sentido estava enviando sinais crescentes de apreensão, mas ela se recusava a reconhecer seus medos secretos. Não queria ser forçada a questionar-se se deveria se casar com um homem tão desinteressado pelo casamento deles, como Sander aparentava ser...

Em vez disso, Tally ouviu a reconfortante convicção de Binkie de que poucos homens tinham paciência com extravagâncias de noiva, mas justamente no momento em que estava se apegando ainda mais profundamente às justificativas para a falta de entusiasmo do noivo, uma entrega especial foi feita. Curiosa, Tally pegou o cartão de presente com a assinatura de Sander antes de

abrir a embalagem pequena e tirar dela uma caixa de joia. Ela levantou a tampa para revelar um brilhante anel de diamantes. Surpresa, Tally o colocou em sua mão direita e depois telefonou para Sander, que já estava a caminho do aeroporto.

– Obrigada, ele é lindo – disse ela com sinceridade.

– Você deveria abandonar suas provas e ir para a Grécia comigo – respondeu Sander.

Essa sugestão significou ainda mais do que o anel para Tally, e ela sorriu com felicidade e alívio. Gostaria muito de acompanhá-lo e ter uma oportunidade de conhecer seus pais antes do casamento.

– Eu adoraria fazer isso, mas dediquei três anos de trabalho duro na faculdade e quero me formar este ano – disse ela com tristeza.

Estava tudo bem entre eles, convenceu-se Tally enquanto tentava pegar no sono. O anel fora um presente bem pensado, calculado para fazê-la se sentir como uma noiva normal. Precisava parar de se preocupar e se concentrar no que realmente importava. E o que realmente importava era que estava prestes a se casar com o homem que amava e cujo filho estava esperando, disse a si mesma, sonhadora...

CAPÍTULO NOVE

TALLY TOMOU para si a tarefa de escolher seu vestido de noiva. Crystal ficou responsável pelas demais decisões a respeito das bodas, reinando suprema nas outras áreas. Mas Tally reservara para si o direito de escolher o que vestiria sem nenhum tipo de interferência.

Por essa razão, seu vestido não era de marca conhecida, nem extremamente caro ou desenhado para causar espanto. Crystal compareceria à cerimônia usando roupas e acessórios de grifes conhecidas da cabeça aos pés, mas Tally escolhera um vestido rendado elegante, adequado ao seu porte. Tinha um véu curto, que ficaria perfeito com seu penteado simples, descomplicado.

Crystal tinha toda a cerimônia planejada. As damas de honra jogariam pétalas de rosa pela nave da igreja e depois disso, Tally entraria ao lado da mãe. Crystal planejava usar um vestido prateado exuberante. No fim da cerimônia, pombas brancas seriam soltas nos céus, e um grande banquete começaria.

Nenhum dos planos absurdos da mãe faziam com que Tally perdesse a calma. Seus exames na faculdade haviam acabado, ela estava feliz e iria se casar com o homem que amava. Tudo estava bem.

Conforme se aproximava do altar, mais incomodada ficava com os olhares gelados de seus sogros. Eles não pareciam nada felizes, e sua desaprovação era visível. Parecia que estavam num funeral e não no casamento do filho. Mas quando viu Sander, sentiu-se bem novamente. Em alguns minutos, ele seria seu marido. Ela mal podia acreditar na sorte que tinha. Apesar de quase não tê-lo visto desde o dia em que concordara em casar com ele, seus sentimentos não haviam mudado. Uma revista de negócios acabara de publicar uma reportagem sobre ele, citando sua competência empresarial, tanto em seus negócios pessoais, quanto gerindo a empresa de sua família. Ao ler o artigo, Tally ficou tão orgulhosa dele, que comprou vários exemplares da revista para distribuir entre seus amigos.

Esperando Tally no altar, Sander percebeu que ela exalava a mais pura felicidade ao caminhar em sua direção. Que bom que alguém está feliz com este casamento, ele pensou, lembrando-se da briga que tivera com seu pai, que queria que ele cancelasse tudo, para não ter seu único filho vivo comprometido pelos sagrados laços do matrimônio com alguém que ele chamava de "Karydas bastarda". Nem mesmo a ideia de um neto a caminho deixara a mãe dele menos infeliz com o sombrio futuro do filho. Na verdade, ela se referia ao

neto como “o mais velho truque de todos”, e à futura, nora como “pistoleira”.

Nem o pai nem a mãe de Sander suspeitavam que o filho estava sendo chantageado para se casar com a filha de Anatole. Sua rejeição ao casamento dos jovens se devia apenas às origens pouco recomendáveis da moça. Eles desconheciam totalmente os termos do contrato TKR, e Sander esperava que continuassem desconhecendo as exigências de Anatole. Não queria que a resistência deles quanto ao casamento aumentasse, não queria que eles transferissem toda essa mágoa para seu filho.

O nervosismo acumulado combinado aos hormônios da gravidez e às luzes dos flashes das inúmeras máquinas fotográficas presentes no evento deixaram Tally tonta conforme ela atravessava o corredor da igreja que a separava de Sander, no altar.

Ao se aproximar dele, ela teve uma vertigem e quase caiu. Instintivamente, Sander passou o braço pela cintura dela.

– Você está se sentindo bem?

– Estou só um pouquinho tonta – sussurrou Tally. Ela não queria que nada interferisse naquele dia especial.

Os olhos escuros de Sander não deixavam dúvida, agora que ela os via de perto, de que não desejava que nenhuma demonstração da parte dela lembrasse a seus pais de seu... bem... estado. Eles não receberam a gravidez como a melhor das notícias, e as coisas deveriam ser tratadas com delicadeza naquela área. Tally captou

impaciência em seu olhar e mais alguma outra coisa, da qual não estava certa.

A cerimônia foi rápida, e em pouco tempo, Sander e Tally estavam atravessando a igreja como marido e mulher.

— Você realmente precisa me apresentar aos seus pais — murmurou ela enquanto eles se acomodavam no bando traseiro da limusine. — Eles sabem que estou grávida, não sabem?

— Claro que sabem.

— É tão estranho que eu ainda não os conheça...

— Bem, entre seus exames da faculdade e minhas viagens de trabalho, não houve oportunidade. — Da janela do carro, Sander observava, sem acreditar no que via, a revoada de pombos concebida por Crystal. — Mas nos próximos meses, teremos mais chances de encontrá-los, e vocês poderão se conhecer melhor. Afinal de contas, viveremos em Atenas por alguns meses.

Tally não pôde deixar de se surpreender

— Como? Vamos viver lá? Você vai assumir o controle da empresa de seu pai?

Sander assentiu, sério.

— Não posso mais protelar isso. E acho que nem quero mais adiar. É a empresa de minha família, meu pai dedicou a vida dele a isso. Se meu irmão mais velho fosse vivo, ele tomaria conta da empresa, mas na falta dele, devo assumir o papel.

Ele nunca havia mencionado o irmão antes, e Tally ficou tocada por ouvi-lo falar dele no dia de seu casamento.

– Como Titos era?

– Ele era um sujeito muito divertido, mas não tinha jeito para o mundo dos negócios. Suas habilidades empresariais eram nulas. Nunca conseguimos trabalhar juntos em harmonia. Mas ele era o orgulho e a alegria de meus pais, o centro do mundo deles.

– Bem, mas eles ainda têm você – disse ela gentilmente.

Sander riu com amargura.

– Titos era o garoto dourado deles, não eu. A morte dele os devastou, e o fato de eu ter sobrevivido apenas faz com que se lembrem do que perderam.

Tally franziu a testa e desejou que ele estivesse errado naquela avaliação. Sander era um filho para fazer quaisquer pais orgulhosos e felizes. Ela não queria acreditar que os pais dele nutrissem menos que adoração por um filho tão bonito, bem-sucedido e correto.

Poucos minutos depois, Tally e Sander estavam de pé, na entrada do saguão do hotel onde seria a recepção de seu casamento, recebendo cumprimentos dos convidados.

Petros Volakis e sua mulher alta e elegante, Eirene, não fizeram nenhuma tentativa de acolher Tally no círculo familiar. A hostilidade que dirigiam a ela poderia ter sido cortada com a faca, mas Sander pareceu não perceber nada. Conversava com seu pai a poucos metros de distância dela, sem notar seu nervosismo.

Tally ainda tentou ser gentil com Eirene.

– Falo um pouco de grego, Eirene, caso você queira falar comigo nesse idioma.

– Bem, minha querida, ousou dizer que sua mãe lhe ensinou tudo o que sabia – disse Eirene com maldade e ironia na voz. – E você foi uma ótima aluna. Superou sua mestra, foi mais longe que ela.

Chocada com a hostilidade e a amargura da madrastra, Tally recuou, como se tivesse sido esbofeteada. Ficou tão feliz ao saber que o pai iria ao seu casamento, apesar de ter dito o contrário, e agora isso? Não conseguindo pensar em nenhuma resposta à altura da agressão de Eirene, murmurou:

– Minha mãe nunca aprendeu grego. – E se afastou.

Ao vê-la parecendo tão abalada, Crystal a pegou pelo braço.

– Meu bem, você não parece nada bem? O que aconteceu? O que ela lhe disse?

– Bem, creio que podemos afirmar que não estou na lista das pessoas que Eirene mais adora neste mundo, mamãe.

– Não deixe que ela a atinja, querida. Não permita que ela estrague seu dia – consolou Crystal, apesar de ela mesma estar pálida e parecendo aborrecida. Ficava claro que ela também ouvira coisas desagradáveis.

De longe, Sander viu que Tally estava sem cor, parecendo aflita, torcendo as mãos nervosamente, parecendo pouco à vontade e angustiada. E imediatamente suspeitou do motivo. Para sua surpresa, ficou furioso. Furioso com o fato de sua mulher estar sendo hostilizada e ridicularizada. Os pais dele talvez não estivessem muito felizes com aquilo tudo e talvez estivessem

se comportando com superioridade e arrogância, mas confrontar e agredir sua mulher era uma história completamente diferente. E ele não ia permitir que ninguém fizesse isso

– Minha mãe exagerou, não foi? – perguntou ele olhando em volta e avaliando o salão da recepção, com suas muitas flores, peças de cristal que refletiam a luz, toalhas, arranjos, luzes que piscavam. Parecia uma versão meio descontrolada da terra da fantasia de algum conto de fadas.

– Eu deveria tê-la controlado, Sander, desculpe, eu não consegui.

– Não tem importância – respondeu Sander com alguma delicadeza, perguntando-se quanto daquela demonstração de sensatez e modéstia era real, quanto era fingimento. Afinal, ela escondera deliberadamente a identidade de seu pai antes de envolvê-lo naquela trama que acabara levando-o ao altar. Será que ela o amava? Ele se perguntava isso sem parar. Por que ela teria se deixado engravidar? Teria sido um mero acidente? Teria sido planejado?

Sim, ele escolhera fazer amor com ela sem usar preservativos. Mas apenas depois que *ela* garantira que estava tomando anticoncepcionais, que era seguro. Se planejara apanhá-lo naquela armadilha, Sander deveria perdoá-la? Ele se sentia preso, como um animal apanhado de surpresa, confinado numa jaula, sem opções, sem saída, sem esperança.

A liberdade que sempre prezara tanto, de repente, estava completamente fora de seu alcance. O casamento deveria torná-lo feliz, deixa-lo cheio de esperança. E ele não se sentia assim

A recepção se arrastava, e houve muito pouca interação entre os amigos e familiares da noiva com os do noivo.

Sem ceder ou fazer qualquer tentativa de se aproximar da nora, os pais de Sander saíram cedo da festa. Tally pôde relaxar um pouco e dançou, apoiada nos braços fortes de Sander. Ele a mantinha bem segura, próxima ao seu corpo musculoso, deixando-a zonzinha com seu cheiro, a textura de sua pele, o brilho de seus olhos.

Sentindo cólicas repentinas, afastou-se dele e subiu para a suíte reservada para a lua de mel deles. Desesperada, viu que estava sangrando, mas não teve tempo de pensar em nada, porque sua mãe veio atrás dela e, quando viu o sangue, não perdeu um minuto. Ligou rapidamente para Sander, que pediu conselhos a seu primo, que era médico.

— Você precisa de atendimento médico imediato — disse Sander.

— Mas esta é nossa festa de casamento! — protestou Tally.

— Bem, essas coisas acontecem — respondeu Sander, tentando mantê-la calma, como seu primo lhe dissera para fazer.

UMA HORA e meia depois, Tally, internada numa clínica particular, era examinada por uma equipe médica. A festa de casamento estava definitivamente terminada.

Crystal fora deixada na recepção para se despedir em nome da família dos convidados. A noiva não pudera jogar seu buquê, o que deixara muitas das convidadas decepcionadas.

Em um canto do quarto onde Tally era atendida, Sander tirara o paletó, arregaçara as mangas e afundara numa poltrona, o rosto sombreado pela barba sem fazer, o cabelo desarrumado, parecendo ainda mais bonito e perigoso, fazendo com que o coração dela disparasse, num misto de atração e ternura.

— Realmente eu sinto muito sobre isso tudo, Sander — sussurrou Tally.

Sander deixou a poltrona abruptamente e atravessou o quarto para tomar sua mão:

— Não seja boba, Tally — disse ele. — Essas coisas lamentavelmente acontecem. Nada disso é sua culpa.

Os olhos dela arderam, cheios de lágrimas, e ela piscou numa vã tentativa de impedi-las de rolarem.

— Você não precisa ficar aqui comigo, Sander. Volte para o hotel e fique com seus amigos.

— São duas da manhã — disse Sander num tom de voz gentil. — Não posso deixá-la aqui sozinha.

— Por que não? Eu vou dormir, você sabe.

Sander suspirou, expressando a preocupação com ela e seu estado, com o bebê e sua segurança, preocupação que ele não sabia como colocar em palavras. O médico

deixara claro que não havia nada mais a ser feito e que a natureza seguiria seu curso. Perder ou não o bebê, dependia do corpo de Tally e de sua própria resistência, e a medicina não poderia fazer nada a respeito. Não existia cura mágica. As próximas horas seriam decisivas.

Sander não sabia ainda como se sentia com a ameaça da perda do bebê, só sabia que não queria pensar a respeito. Não naquele momento. Sua maior preocupação era Tally. Queria que ela voltasse ao normal, que ficasse bem, que fosse de novo a menina animada e gentil de sempre. Queria que essa mulher pálida e assustada deitada na cama à sua frente desaparecesse para sempre.

— A equipe médica sabe onde encontrá-lo se for necessário — murmurou ela. — Por favor, vá embora. Vou me sentir melhor sabendo que você está bem acomodado.

Por fim, Sander concordou em deixar a clínica, garantindo a ela que estaria ali novamente em poucas horas. E apenas quando viu a poltrona onde ele estivera vazia, Tally se permitiu desafogar o peito, parando de reprimir o choro que mantivera preso na garganta por tantas horas. Aquela não era a forma como ela sonhara em começar sua nova etapa, sua vida de casada. Com o rosto enfiado no travesseiro, Tally chorou e chorou, até dormir, exausta, assustada, tentando dizer ao bebê dentro dela que era muito querido, muito esperado e que faria qualquer coisa para que ele se sentisse bem-vindo.

QUARENTA E oito horas depois, ainda grávida, sem qualquer sangramento e se sentindo mais fortalecida, Tally

deixou o hospital e foi direto ao aeroporto, onde sua bagagem já esperava por ela. Sander já estava a bordo do jatinho particular e passou a maior parte da viagem trabalhando freneticamente, dando-se conta de como estava desorganizada a empresa familiar que iria gerir sozinho a partir dali. Ele sabia que se quisesse impressionar o pai com suas habilidades empresariais, teria que trabalhar duro e incansavelmente e se dedicar quase que exclusivamente à empresa.

Sander era dono de um apartamento no centro, claramente projetado para ser a moradia de um homem jovem e solteiro. A cozinha era minúscula, a sala com mais itens de parafernália tecnológica do que Tally jamais vira em sua vida e um quarto apenas, moderno, bem decorado e com uma cama enorme.

Reconhecendo que a mulher talvez ficasse entediada durante as longas horas de trabalho que tinha pela frente, Sander sugeriu que ela, talvez, gostasse de visitar a mãe dele, passar algum tempo com ela, ser apresentada a algumas pessoas interessantes.

Tally, achando que ainda não era hora de impor sua presença na casa da sogra e de ter uma convivência tão próxima com a família do marido, resolveu não seguir o conselho dele. Em vez disso, resolvera comprar um livro de culinária e aprender a cozinhar, para poder preparar os pratos preferidos de Sander e assim, de alguma forma, tentar uma aproximação.

Infelizmente seus esforços culinários se provaram inúteis, já que Sander atravessava as noites no escritó-

rio; afundado em papéis e cálculos. Ele chegava em casa apenas ao raiar do dia, jogando-se na cama para três ou quatro horas de sono inquieto e leve, para depois levantar, enfrentar um banho rápido e voltar para a empresa.

Eles dividiam o apartamento platonicamente. Eram apenas colegas de quarto, já que desde a hospitalização de Tally, ele não parecia nutrir nenhum interesse pela esposa e não tocava nela por nenhum motivo que fosse. A situação deixava Tally aturdida. Sander nunca lhe parecera um homem frio. Pelo contrário, ele sempre se mostrara sensual e disposto, sempre buscando desculpas para tocá-la mais uma vez, beijá-la e tê-la em seus braços. E agora eles estavam se tornando praticamente estranhos, trocando não mais do que uma dúzia de palavras por dia, dormindo afastados na cama enorme, passando seus dias afastados. Parecia que nada os unia.

Depois de várias semanas vivendo nessa rotina estranha e sem sentido, Tally reuniu a coragem necessária para confrontá-lo. Em outra madrugada em que Sander chegara ao raiar do dia, enquanto ele se despia no escuro, Tally se sentou na cama e acendeu o abajur, disposta a conversar seriamente com ele.

— Sander?

— Ah, desculpe, acordei você?

— Bem que eu queria que você me acordasse. Parece que eu nunca vejo você. — Tally suspirou, buscando as palavras certas para falar com ele sem que parecesse uma esposa lamuriosa e resmungona. — Sabe, estou grávida, mas estou saudável também. Muito saudável.

E de acordo com o obstetra, em minha última consulta de rotina, é totalmente seguro que façamos amor...

— Tenho estado cansado demais, Tally, ocupado demais — disse ele de forma brusca, cortando o raciocínio dela e indo na direção do banheiro, onde entrou e bateu a porta.

Corando de vergonha na semiescuridão do quarto, Tally quase deixou um gemido escapar. Em vez disso, mordeu o lábio e tentou se controlar, organizando seus pensamentos. Talvez sua gravidez inesperada tivesse feito com que ele se desinteressasse de sexo. Talvez, com medo de machucá-la, Sander relutasse em iniciar qualquer coisa entre eles. De qualquer forma, ela não conseguia entender porque ele a estava expulsando de sua vida daquela forma. Ele sequer estava permitindo que as coisas se encaminhassem naturalmente e que eles formassem um casal. Seu interesse por ela e pelo bebê era nenhum. Sander não falava sobre os negócios com ela, nem sobre seu dia de trabalho ou as pessoas com quem se encontrava ou com quem falava. Também não fazia qualquer pergunta sobre o dia ou a saúde dela. Eram estranhos partilhando o mesmo teto. Bem, algumas horas por dia.

E, ainda pior do que tudo, pairava certo clima entre eles, um desconforto, como se, de alguma forma, abaixo da polidez distante com que ele a tratava, estivesse magoado ou irritado com ela. Havia rancor em algum ponto da relação deles, e Tally não conseguia entender por quê. Era como se algo entre eles estivesse sempre prestes a explodir.

Seria imaginação dela ou Sander realmente parecia o tempo todo irritado, evitando-a a todo custo? Ela achara ter visto algo mais que cansaço brilhando nos olhos dele na penumbra do quarto. Percebera um tom ressentido, irritado, quase agressivo na voz bem modulada do marido.

Não, Tally tinha certeza de que havia alguma coisa ruim, muito ruim, fermentando sob a superfície aparentemente bem educada e calma do marido. E isso não era nada bom.

Mas *o que* estaria deixando Sander tão irritado? O que o fizera perder completamente o bom humor? O que afastara a alegria de seus olhos? Será que o problema de saúde dela ter conturbado a cerimônia de casamento era a causa de tamanha irritação? Será que a gravidez era o motivo de sua raiva? A gravidez que tirava suas formas e que anunciava futuras responsabilidades? Será que a realidade, o dia a dia de um casamento, com todos os fatores envolvidos no cotidiano de um jovem casal, faziam com que Sander, até então um solteiro que podia viver apenas para si mesmo, se transformasse num homem ressentido e amargo? Estaria ele com saudades das festas e badalações que apenas um homem descompromissado pode frequentar? Ou será que apenas recentemente se dera conta de que não era com Tally que queria passar o resto de sua vida? Será que ele estava apenas esperando o nascimento do bebê para dizer a ela que eles não formavam mais um casal, se é que algum dia o fizeram? Não muito tempo atrás,

eles riam das mesmas coisas, trocavam segredos e impressões, falavam de seus dias um para o outro. Eles *dividiam* a vida com o parceiro. Além disso, havia um eterno clima de sedução no ar, como se a tensão sexual entre ele não passasse nunca, por mais que ficassem juntos, por mais que se enredassem um no corpo do outro, por mais que juntos alcançassem o êxtase de novo e de novo. E agora, de repente, a relação esfriara a ponto de Tally não reconhecer mais o marido e de se perguntar dia e noite onde havia errado, o que entre eles não estava bem. Parecia que ele não apenas não a achava mais atraente, parecia mesmo que Sander considerava a mulher repulsiva e que ela o desagradava tanto que nem ao menos poderia conversar com ela. Bem, talvez ele estivesse mesmo exausto. A vida dele também mudara subitamente, um bebê, uma esposa, seu antigo país, novas responsabilidades no trabalho... E era verdade, ele passava horas demais na empresa, num esforço sobre-humano para se superar, corrigir os erros do irmão, fazer com que o pai ficasse orgulhoso dele. E Tally suspeitava de que essa última parte não vinha acontecendo. O pai dele não parecia reconhecido e grato, pelo menos não o suficiente, por todo o seu esforço, por toda a sua entrega. A situação deveria mesmo ser muito frustrante, especialmente para um homem independente, resoluto, que sempre cuidara de si e gerira seus negócios como queria.

No dia seguinte, Tally enviou uma mensagem de texto para Sander, convidando-o para um jantar especial na casa deles às 20h. Depois disso, vencendo sua avassaladora timidez, foi ao shopping escolher lingerie numa boutique exclusiva, que tinha uma coleção maravilhosa. Comprou conjuntos maravilhosos, cheios de rendas e laços, peças delicadas e sensuais que, tinha certeza, fariam com que seu relutante marido pensasse duas vezes antes de dizer que estava cansado demais para prestar atenção nela.

Pouco antes do horário marcado, ela acendeu castiçais sobre a mesa, tentando dar uma atmosfera mais romântica àquele apartamento de linhas sóbrias, prático e masculino. Estudando-se no espelho, sorriu, percebendo que o traje que usava, se é que aquelas peças leves e transparentes podiam ser chamadas assim, revelava muito mais do que ela já ousara na vida. Tally vestia um conjunto creme de seda, meias de seda, saltos altos e um *négligée* também de seda, fluido e transparente, perturbadoramente sexy.

Não haveria como Sander não entender o convite que ela fazia de forma tão clara, apesar de sentir-se mortificada com a possibilidade de uma rejeição.

Tally amava Sander, pura e simplesmente. Aquela simples verdade tornava todo o resto menos e menos importante. Seu amor por ele a guiava, a embalava, nutria suas esperanças, dava-lhe coragem para continuar dia após dia, apesar das recusas e rejeições. Ela não podia mais viver daquela forma, perguntando-se o que

havia de errado, imaginando o que estava acontecendo, sofrendo em silêncio por causa de alguma coisa que ela nem sabia o que era. Aquilo precisava ser resolvido e logo. Seu futuro e sua felicidade dependiam daquilo. Se Sander queria sua liberdade de volta, se estava excluindo Tally de sua vida por estava ressentido e magoado, era melhor que isso ficasse claro de uma vez por todas. Afinal de contas, ela precisava pensar no filho que carregava. Se as coisas continuassem como estavam, eles acabariam odiando um ao outro, e aquilo não seria nada bom para o bebê, que merecia ser cuidado e amado por pais que se relacionavam em harmonia e concordância, ainda que não vivessem juntos. Pelo seu bem, pelo bem de Sander e pelo bem do filho deles, ela deveria resolver as coisas de uma vez por todas. Por toda a sua vida, assistira a seus pais, Crystal e Anatole, digladiando-se, tratando com total falta de respeito e carinho. Tally não permitiria que seu filho passasse pela mesma coisa, tivesse o mesmo exemplo dentro de casa. Ela faria qualquer coisa para tornar o relacionamento entre ela e Sander minimamente civilizado. Ela faria qualquer coisa por seu filho.

Conforme as 20h se aproximavam, ela tomava as providências finais no jantar que preparara.

Às 20h30, já estava preocupada. Quando Sander completou uma hora de atraso sem nem ao menos se dar o trabalho de telefonar para avisar, ela estava chorando de ódio. Nunca imaginara que um dia se sentiria tão só que passaria seu tempo consultando o relógio a

cada poucos minutos, esperando por alguém que nem ao menos queria estar com ela. Ela não iria mais chorar por ele e não iria beber também, pois não podia, por causa do bebê.

Às 22h, Tally guardou a louça fina, colocou a comida na geladeira e se refugiou no quarto.

Sander chegou depois das 2h. Tendo passado grande parte da noite bebendo vodca com os novos parceiros russos com quem assinara um novo contrato, estava tão bêbado quanto cansado. Havia uma luz acesa na cozinha e, ao entrar no cômodo para pegar uma água e apagar a luz, ele viu a comida guardada em recipientes adequados dentro da geladeira. Sempre lhe parecia estranho, nas madrugadas em que chegava em casa depois de casado, verificar que houvera movimento na cozinha. Aquelas demonstrações de vida doméstica sempre o atingiam, pois lembravam a ele que, bem, *ele tinha uma esposa*. Em sua luta para manter a empresa da família viva, Sander quase se esquecia de que também tinha uma família. Desistindo da água e esticando o braço para apanhar a jarra de suco de laranja recém-espremido em meio à geladeira extraordinariamente bem abastecida, algo chamou sua atenção na comida que Tally guardara. Era comida *demais*. E então, subitamente, ele se lembrou de que ela o convidara para jantar. Sander apanhou seu celular e releu o convite. Ah, meu Deus. Ela o convidara, e ele, mesmo tendo programado um lembrete automático, esquecera. Esquecera completamente. Preocupado em entreter os

russos e celebrar o novo contrato, tudo o mais ficara em segundo plano. Ele pensara em telefonar para ela, várias vezes, mas não o fizera. E agora, subitamente, a culpa o cortava como uma faca

No quarto, Tally acordou quando ele bateu a porta da geladeira. Sander estava em casa então. Finalmente ele se dera ao trabalho de voltar. Ela saiu da cama, onde pegara no sono por cima da colcha, ainda usando seus saltos altos. Muito irritada, abriu a porta do quarto e seguiu na direção da sala.

Sander viu Tally assim que ela entrou e ficou paralisado. Tally nunca usara lingerie sexy, e ele não podia acreditar em como ela estava linda e desejável. Seus belos seios estavam destacados pela moldura de seda e rendas e o *négligée* floral e transparente, revelava suas curvas ao mesmo tempo em que avivava sua memória. Seu corpo reagiu involuntariamente ante aquela visão maravilhosa, e ele quase deixou seu copo cair no chão. Mas a consciência de que agira mal o obrigou a tirar seus olhos daquelas curvas deliciosas e dizer com a voz grave e suave:

— Devo-lhe desculpas, *moli mou*. Eu deveria ter telefonado para você. Por favor, desculpe-me.

Os olhos dela, fixos nele, transbordavam insatisfação.

CAPÍTULO DEZ

AS PALAVRAS ditas por Sander ofereciam pouco consolo e estavam sendo ditas tarde demais para Tally. Depois de tudo o que ele a fizera passar, de como a fizera sentir-se, aquelas palavras não eram nem de longe o suficiente. Ela sabia que sua ameaça de aborto não fora o começo ideal para a vida em comum deles, que lançara uma sobra em seu relacionamento, mas de forma nenhuma, aquilo serviria de desculpa para o abandono e a forma negligente como vinha sendo tratada nas últimas semanas.

Tally se sentiu péssima por estar usando aquelas roupas tão reveladoras, por se mostrar e por se oferecer daquela forma para um homem que não a queria e que deixara aquilo bem claro. Um homem que sequer se dera o trabalho de telefonar com alguma espécie de explicação, um homem que vinha sistematicamente ignorando-a, deixando-a de lado, excluindo-a de sua vida.

Tally tinha consciência de que não fizera nenhum tipo de exigência, nenhum tipo de reclamação, aceitara tudo de forma estoica e silenciosa. Aceitara a solidão, a casa inadequada para se criar uma família, ficar longe das pessoas que amava, o isolamento e a falta de diálogo. Ela não se sentia como uma esposa. Ele não a tratara assim. Tentara ser companheira dele, tratar Sander com carinho, com compreensão, levando em conta a difícil situação em que ele se encontrava. E de nada adiantara. Nada. Ele não fizera a menor tentativa de deixá-la mais à vontade, de fazer com que ela se sentisse bem, menos solitária, menos isolada, mais feliz num país novo, numa casa nova, vivendo uma vida diferente e um tanto assustadora. Ele recompensara sua presença e seu apoio com silêncio, indiferença, ironias e falta de carinho.

Aquela noite fora a gota d'água. Aquela seria, Tally jurou a si mesma, a última vez que ele a faria sentir-se assim: inadequada, tola, infeliz. Não permitiria que ninguém, nem mesmo o homem que amava tanto, fizesse com que se sentisse dispensável. Controlando as lágrimas e a vontade de sair correndo, ela se virou para ele da forma mais articulada que conseguiu:

— Você me deve mais do que um pedido de desculpas por estas últimas semanas, Sander. Você me deve uma boa conversa, uma explicação.

— Uma explicação? Sobre o quê?

Os olhos verdes dela faiscavam.

— Você tem me tratado como uma mulher invisível todas essas semanas. Desde que nos casamos, desde

que chegamos aqui, aliás, desde a maldita viagem de avião para cá, tenho sido tratada com desprezo, indiferença. É como se você não me quisesse aqui, como se minha presença o enojasse, como se eu não existisse, como se eu não importasse. Por que você se casou comigo, Sander, se planejava comportar-se assim? Por que quis me transformar em sua esposa se não me ama, se não se preocupa comigo, se mal tolera minha presença? Qual é o motivo disso tudo?

Sander deu de ombros e depois suspirou.

— Tally, não. Esta noite não. Estou cansado demais para termos essa discussão agora. Amanhã nós poderemos falar sobre isso e...

— É provável que eu não o veja amanhã! — interrompeu Tally. — Ou você ainda não percebeu que tem voltado para casa todos os dias quando a madrugada já está quase acabando?

— Olhe, eu não estou com nenhuma vontade de discutir a...

— Não dou a mínima para a sua vontade, Sander. A mínima! — Tally tremia de nervosismo. — Eu tenho todo o direito de querer saber em que pé estamos! Tenho o direito de perguntar a você por que, diabos, nós nos casamos se era para vivermos assim, essa vida estranha e sem rumo, sem carinho, sem cumplicidade.

— Nem vamos começar com esse assunto, Tally, certo? Hoje não, agora não, não desta vez. Não é o momento, e eu não quero falar sobre nada disso. — disse Sander, esforçando-se ao máximo para se conter.

— Por que não? Diga-me, Sander, por que não?

— Porque você pode não gostar da resposta que tenho a oferecer! É por isso! Porque, no mundo real, as coisas são mais duras, mais difíceis e nem tudo é o que parece! Deixe esse assunto para lá, Tally. Deixe-me comer alguma coisa e depois ir para a cama! Meu dia não foi nada fácil!

— E se eu não deixar? — indagou ela aos gritos. — E se eu não quiser discutir isso depois, outro dia, outra hora ou simplesmente não quiser discutir? E se eu não quiser, mais uma vez, enterrar nossos problemas bem fundo e fingir que não há nada errado? E se eu não quiser continuar vivendo essa farsa?

— Olhe, admito que você tem motivos para reclamar, para se sentir infeliz e preterida. Realmente eu não tenho sido o mais atencioso dos maridos, não tenho dado a atenção que você merece e sei disso. Sei também que você está num país estranho, vivendo uma nova vida, sem conhecer quase ninguém. Sei disso tudo e lamento, Tally. Realmente lamento, por favor, saiba disso. Essa noite eu estava com novos clientes e perdi completamente a noção do tempo. Estava entreendo parceiros russos, clientes importantes, na verdade, fundamentais para essa nova fase da empresa. Assinei um contrato muito vantajoso com essas pessoas. Precisava papari-cá-los, levá-los para jantar e me esqueci completamente de ligar.

— Você não pode pedir desculpas como se sua atitude desta noite não fosse nada de mais, como se as últimas

semanas não tivessem acontecido. Você não pode mais se recusar a conversar comigo. Ou eu começo a participar da sua vida como sua esposa, Sander, ou minha voz começa a ser ouvida ou... Não sei. Não sei realmente o que estamos fazendo aqui.

— Eu não me recuso a conversar com você, Tally. Eu não me recuso a fazer nada. Eu simplesmente estava com clientes, eu simplesmente tenho trabalhado demais, tenho chegado cansado, exausto, esgotado. Tally, não é possível que você não entenda isso!

— Quero saber por que você se casou comigo!

— Bem, não foi pelo privilégio de ficar aos gritos com você às três da manhã, pode acreditar em mim. As respostas que você quer não seriam fáceis de dar, ainda que não fosse madrugada, ainda que eu não estivesse tão incrivelmente cansado, ainda que...

— Vamos, lá, Sander, termine a frase! Eu mereço a verdade!

— Amanhã, Tally — pediu Sander. — Estamos exaltados, vamos nos arrepender se falarmos demais. Eu vou me arrepender se magoar você.

— Não! Não, não! Agora! Por que você quis se casar comigo, Sander?

— Porque seu pai me procurou e me ameaçou, Tally! — explodiu ele cansado, abatido, os ombros curvados. — Ele disse que se eu não assumisse você, se não desse um sobrenome para você e para o bebê, se não me casasse com você, reparando meu erro, ele daria um

jeito de estragar todos os novos contratos da empresa de minha família!

Tally perdeu o ar.

— Como? Como assim? O que você disse? Meu pai? Meu pai ameaçou você? Meu pai? Você contou a ele que eu estava grávida?

— Não, é claro que eu não contei nada a ele! Quando ele veio até mim, já sabia de tudo sobre a gravidez. Acredito que sua mãe ou sua irmã tenham contado a Anatole sobre o bebê e contaram também sobre nosso relacionamento e que eu era o responsável. Ele foi até Londres, invadiu meu escritório e exigiu que eu me casasse com você no menor tempo possível. E ainda disse que, se eu me recusasse, faria de tudo para impedir que os novos contratos da empresa de meu pai fossem levados a termo. Seu pai é um homem de negócios influente na Grécia, Tally, muito influente. Ele sempre sabe tudo o que está acontecendo. Uma palavra dele pode ser a glória ou a ruína de qualquer empresa neste país.

Devagar, Tally foi se recobrando do choque e ligando os pontos.

— Cosima sequer sabia que eu estava grávida. Nós não temos contato, não somos amigas. Só pode ter sido uma pessoa. Minha mãe, minha própria mãe, foi a responsável por tudo! Ela contou ao meu pai!

Tally finalmente entendeu de onde vinha a raiva que ela sentia transbordar nele, de onde vinha o ressentimento velado que ficava visível nos olhos de Sander. A fonte da amargura dele fora, enfim, reve-

lada. Um casamento por obrigação, sem amor, sem carinho, involuntário.

Naturalmente, não havia nada que Tally pudesse ter feito para reverter a situação. Ele optara por manter aquilo tudo escondido dela, ela não sabia o que estava se passando.

Tomada por grande constrangimento, Tally não conseguia mais encarar o marido. Ela queria sair dali o mais rápido possível, desaparecer.

Sander fora chantageado para se casar com ela.

Aquilo era tão horrível, tão absurdo, tão abjeto, que ela mal conseguia respirar. Tally repassou cada dia, cada instante de seu casamento, sua festa, sua alegria, a escolha do vestido. Uma farsa. Tudo, tudo fora uma farsa.

Parecia inacreditável que um pai que mal conhecia, que nunca a quisera em sua vida, pudesse ter saltado em sua defesa, uma defesa que ela jamais pedira, para ameaçar um empresário sério, dono de uma empresa importante e conhecida. E mais inacreditável ainda, era inconcebível que Anatole não tivesse parado para pensar sequer por um instante que sua atitude, de alguma forma, teria os mais nefastos efeitos no casamento da filha. Será que o pai dela realmente acreditava que um relacionamento poderia crescer e se fortalecer baseado em ameaças? Em pressão? Ele não parar para raciocinar que um homem transformado em marido sob ameaças seria, sempre, um ressentido, um homem infeliz e frustrado?

— Meu pai não me ama — murmurou Tally, tomando consciência, de repente, que alguém que a amasse jamais a obrigaria a passar por aquela lamentável situação, por aquela humilhação. — Ele fez por mim o que a vara de família o obrigou a fazer. Ele me deu uma casa onde minha mãe pudesse me criar e pagou minha escola. Ele cumpriu as determinações do juiz. Mas nunca, nunca queria me ver. Nunca me telefonava para saber como eu estava indo no colégio, nunca pedia por fotos mais recentes minhas, nunca quis saber o nome dos meus amigos nem me consolou quando eu estava triste ou celebrou minhas vitórias. Não se importou comigo o suficiente para ir ao meu casamento. E como você pode ver, não pensou em mim antes de pressionar o homem que eu amava, antes de me obrigar a viver uma vida construída sobre ameaças e mentiras. Portanto, se ele nunca me amou e nunca se preocupou comigo, por que meu pai viajou até Londres e invadiu seu escritório, exigindo que houvesse um casamento?

— Para Anatole, toda essa história não passa de uma questão de princípios e reputação. Você estar grávida ainda sendo solteira é uma afronta *a ele*. À dignidade *dele* — explicou Sander. — Anatole Karydas preza demais sua própria imagem. É só nisso que pensa, só com isso que se preocupa.

— Foi por ele mesmo, então, que as ameaças foram feitas. Não por mim. Nunca por mim. Ele realmente tem tanto poder a ponto de prejudicar sua empresa, a empresa que seu pai construiu?

– Uma palavra dele no momento errado, e eu estaria em maus lençóis.

– Não fazia ideia de que ele era tão importante, Sander.

– Infelizmente meu irmão deixou a empresa muito vulnerável. Ele fez acordos ruins, expandiu quando não deveria, não lançou bases firmes para alicerçar os interesses da empresa. E apenas antes de nosso casamento, foi que entendi como a situação estava complicada – admitiu Sander. – Se eu não fosse tão teimoso e orgulhoso, teria oferecido ajuda a meu pai anos atrás, evitando toda essa crise. Se eu tivesse sido mais esperto, a coisa não teria chegado a esse ponto, Tally, eu sei disso. Infelizmente foi preciso a ameaça de seu pai, para que eu entendesse que o sangue acaba falando mais alto e que um negócio de família deve ser gerido por toda a família, não por um filho ou outro. Os métodos de meu pai não estão atualizados. O mundo dos negócios deste novo século é um mistério para ele.

Mas Tally não estava mais ouvindo o que ele dizia. Vendo-se, de relance, no espelho da sala, lembrou-se do que vestia e de sua aparência e sentiu-se afundar de vergonha. Aquela lingerie sexy a humilhava e a diminuía. Era o testemunho material de sua tentativa em tentar atrair um homem que não a queria, que nunca a quisera. Ela se retirou da sala apressadamente, enquanto Sander ainda falava e foi direto ao seu closet, onde tirou o *négligée* e os sapatos de salto que usava, substituindo-os por calças, uma blusa larga e sapatos confortáveis.

Enquanto se trocava, Tally pensava na mãe. Ah, ela deveria ter adorado poder esfregar o fracasso da filha na cara de Anatole.

Sacudiu a cabeça. De qualquer forma, não havia mais o que fazer. Sua vida fora alterada por causa daquilo tudo, e sua história com Sander terminara. Ele cedera à chantagem para proteger a empresa da família, deixando claro onde residia sua fidelidade. Mas o que mais ele poderia ter feito? E por que ela não suspeitara do que estava acontecendo? Em nenhum momento, ela parara para pensar que as coisas estavam indo bem *demais* e rápido *demais*? Afinal, depois de ter a reação que Sander tivera assim que recebera a notícia da gravidez, como ela pudera ter sido tão burra a ponto de acreditar que ele, de repente, mudara radicalmente de ideia?

— Tally... Você está bem?

— Claro que estou!

Ele a olhava do batente da porta, o cansaço e a preocupação estampados em suas belas feições morenas. Constrangida por ter sido apanhada num momento de fraqueza, Tally ergueu o queixo e rumou para o quarto.

Mas não adiantava. A verdade estava clara para ele. Ela estava pálida, parecendo muito abalada e tremendo levemente. Sander finalmente entendeu que ela não sabia de nada, nunca soubera e se arrependeu amargamente de ter agido com tanto rancor e impaciência.

Sander pegou a mão dela, que parecia tão pequena dentro da sua, e a puxou para junto de si.

— Você parece tão cansada quanto eu, Tally. É muito tarde para discutirmos todas essas questões complicadas. Vamos descansar e amanhã, prometo, falaremos mais a respeito. Falaremos sobre tudo o que você quiser.

Tally concordou como uma marionete, mas assim que ele fechou a porta do banheiro atrás de si, ela agiu rapidamente e, entrando mais uma vez no closet, encheu uma mochila com roupas a esmo. Seu rosto estava molhado de lágrimas e seu coração batia descontrolado, mas ela não se importou. Enquanto Sander ainda tomava banho, ela deixou o apartamento. O casamento deles, que mal começara, havia acabado e não muito bem. E quanto antes ela reconhecesse o fato e tomasse as devidas providências, melhor.

Ele não a amava. Nunca amara, nunca dissera que a amava. Estava claro agora que ele havia mesmo suspeitado de que ela fora capaz de usar seu pai para conseguir arrancar dele um casamento por obrigação. Sander nunca quisera se casar com ela. Quisera apenas proteger a empresa do pai, o futuro da família. Da família *dele*, não da família que poderia ter com ela. O porteiro chamou um táxi, e ela pediu para ir ao aeroporto.

Ao chegar ao aeroporto, Tally se amaldiçoou ao dar-se conta de que se esquecera da greve das linhas aéreas. As filas estavam imensas e havia pessoas sentadas em todos os lugares. Depois de uma longa espera, foi avisada de que teria que esperar oito horas pelo avião para Londres. Não quis passar esse período num hotel, então resolver andar.

Passeando pelas lojas do aeroporto para matar o tempo de espera, para sua surpresa, viu Sander caminhando resoluto em sua direção. Sem saber o que pensar ou fazer, ficou parada, esperando que ele a alcançasse.

Ao sair do banho e notar que ela não estava na cama, Sander procurou pela mulher na sala. Voltando ao quarto, percebeu que seu "sapo", um bichinho de pelúcia que ela levava a todos os lugares, mesmo aos exames em seu médico, desaparecera. No closet, notou que várias roupas haviam desaparecido e se desesperou. Não acreditou, não *queria* acreditar, mas parecia que Tally o abandonara. E foi, então, que percebeu que gostava dela. Gostava muito dela. Gostava de seu humor, de sua graça, de seu espírito esportivo, de sua generosidade. Gostava de estar com ela e, notava agora, gostava de tê-la em casa, em sua cama, esperando por ele. E se lembrou de como era sua vida em Londres antes de conhecer Tally. Vazia, solitária, sem sentido. Um desfile de mulheres em sua cama, nenhuma delas nem remotamente ligada a ele. Uma vida sem calor, sem entusiasmo, sem alegrias verdadeiras. Pela primeira vez, desde que a conhecera, Sander se deu conta de como eram vazias suas noites antes de ter Tally em sua vida. Como era sem sentido sua existência sem ela. Festas, bebidas, outras mulheres, nada daquilo fazia a menor diferença. Era ela apenas, sempre fora ela que dera graça aos seus dias. E havia, claro, o bebê. A ideia de um ser pequenino e indefeso, sangue de seu sangue, um pedaço dele

e de Tally para alegrar a vida deles e tornar seu mundo mais feliz começava a encantá-lo.

Com isso tudo em mente, Sander se vestiu rapidamente e, segundos antes de sair de casa, pegou uma caixinha no fundo de uma de suas gavetas, algo que comprara no começo daquela semana. Era algo pequeno, insignificante e barato, uma compra impulsiva, que o envergonhara, mas que também poderia ser encarada, ele esperava, como um gesto de aceitação, um comprometimento com o futuro.

O porteiro do prédio deu uma olhada para o rosto não barbeado de Sander, suas feições cansadas, sua pressa e soube do que se tratava a pressa com a qual sua jovem esposa saíra de casa momentos antes e, antes mesmo de ser inquirido, informou a ele o destino de Tally.

Sander não perdeu um segundo. Pensar no apartamento vazio o assombrava. Ele queria Tally com ele, queria voltar para aquela casa cheia de calor, de coisas bonitas, velas perfumadas no banheiro, comida feita com cuidado, toalhas macias, flores nos vasos, fotos nas estantes. Pela primeira vez em muito tempo, vivia num lar, não num apartamento de solteiro, e estava adorando. Ele queria o corpo dela, seu calor, seu cabelo dourado, sua pele macia, noite após noite em sua cama.

Sander queria Tally.

Tally era sua mulher. Era estranho que ele nunca tivesse pensado naquilo, mas ela era sua mulher, e ele lutaria por ela. Não era tarde demais. Sander estava pron-

to a admitir que a presença dela em sua vida significava muito mais do que ele pensara. Ele a tratara como a mulher invisível? Bem, sim. Ele tinha que admitir, ela estava certa. Não vinha sendo justo ou racional. Mas isso tudo iria mudar. Daria mais valor ao perfume dela que pairava no closet, à paixão dela por amendoins, à música que, às vezes, estava tocando quando ele chegava tão tarde em casa. Ele daria valor a ela, pensou, enquanto pagava o táxi e descia no aeroporto superlotado. E decidiu que eles construiriam uma vida juntos, apoiariam-se mutuamente, descobririam novas formas de convivência e...

– Tally...

Paralisada pela surpresa, Tally encarou a figura impressionante de Sander, que vinha em sua direção. Ela estava chocada, jamais lhe ocorrera que ele pudesse segui-la até ali.

– Sander. O que você está fazendo aqui?

Ele suspirou e correu seus dedos pelo cabelo escuro, impaciente.

– *Vim porque você está aqui*, Tally! – respondeu ele, como se aquela resposta esclarecesse tudo.

– Mas isso não explica coisa alguma, Sander! Por que você me seguiu? – insistiu Tally, buscando aqueles olhos profundos e doces, sentindo-se tonta, querendo se jogar em seus braços.

– Olha, não podemos conversar em paz aqui. Vamos nos sentar em algum lugar, pedir um café e...

— Olhe em volta, Sander, o aeroporto está lotado. As companhias aéreas estão em greve. Não há lugares disponíveis nem para um café. E, de qualquer forma, Sander, não consigo imaginar o que temos para discutir. Depois de tudo o que você me contou, tenho certeza de que conseguiremos uma anulação para nosso casamento.

— Uma anulação? Como você pode pensar em anular nosso casamento? Como poderíamos anular nossos votos? Você está carregando meu filho, Tally!

Tally ficou tão desconcertada com a resposta dele, com o fato de ele ter, pela primeira vez, citado o bebê com tanta intimidade, que não soube o que dizer. Ele tomou a mão dela e, colocando a mochila dela nos ombros, puxou-a até um café superlotado.

Eles esperaram um pouco e, assim que um grupo de jovens executivos fez menção de se levantar, ele se adiantou e segurou a mesa para eles, enquanto ela se aproximava com mais cuidado. Depois de vê-la instalada, Sander se afastou para pegar alguma coisa.

Você está carregando meu filho! foram as palavras dele.

Tally estava sinceramente transtornada com a aparição dele no aeroporto, com a decisão que demonstrava, com sua reação apaixonada ante a menção da anulação do casamento.

Sander voltou logo e trazia nas mãos um café grande para si mesmo e um chá para ela.

– Sander, obrigada, mas quero repetir: não consigo entender o que você está fazendo aqui.

– Eu não poderia deixá-la ir embora, Tally, jamais. Preciso de você. Quero você.

– Sander! Há semanas você se comporta como se eu não existisse! Seria muito mais fácil para nós dois se você simplesmente me deixasse ir.

– Não, não posso deixar você ir embora. Jamais.

– Sander!

– Tally, eu não quis magoá-la. Estava zangado, sobre-carregado, eu... Não sei muito bem o que fazer num relacionamento, Tally. Perdoe-me por ter sido um tolo. Eu estava tão confuso e... tão zangado... com tanta, tanta raiva!

– Eu sei, Sander, eu entendo.

– Eu atravessava meus dias cheio de raiva e frustração, tentando me adequar a um casamento que não queria, tentando lidar com os problemas de uma empresa que não é completamente minha. Nas últimas semanas, realmente não dei a atenção devida ao nosso casamento.

Tally entendia, ela realmente sabia do que ele estava falando. Os negócios vinham em primeiro lugar. Tinha que vir. Era a empresa dele e...

– Venha! Venha comigo! – disse ele, interrompendo os pensamentos de Tally.

– Ir com você? Ir com você para onde?

– Vamos nos hospedar num hotel aqui perto, é onde costumo hospedar os clientes que vêm de fora. É um

bom lugar, venha! – disse ele enquanto puxava Tally pela mão.

– Sander! Isso é impossível!

Ela sabia que um café no aeroporto não era o melhor lugar para uma conversa particular, mas estava relutante em ir com ele a um lugar privado.

Em resposta aos temores dela, Sander parou no meio corredor lotado, puxou-a contra seu peito e enlaçou pelo quadril para que ela pudesse sentir o quanto a queria. Ele abaixou a cabeça e a beijou ternamente. Ela ainda tinha aquele gosto de morangos frescos, aquele maravilhoso gosto que era só dela. Sander foi tomado por uma sensação antiga, deliciosa. Tally pertencia a ele, e ele a queria.

– Sim... sim, nós *precisamos* conversar! – exclamou Tally abruptamente, sentindo que não falar e usar o quarto de hotel para fins mais óbvios seria muito mais natural para ele naquele momento. – Mas isso é *tudo*!

Ela sabia que estava louca para deixar Sander tirá-la dali e colocá-la num táxi até um hotel próximo, mas sabia que não conseguira se controlar e rezava desesperadamente para que ele pudesse ter algo a dizer que a fizesse feliz. Estava com sua passagem para casa na bolsa e não havia nada que pudesse impedi-la de embarcar no avião, lembrou a si mesma.

Ao chegarem no hotel, foram instalados na suíte na cobertura, a única acomodação disponível. Assim que se instalaram, Tally se aproximou de Sander e falou com delicadeza:

– Entendo que você tenha passado os últimos meses lutando para manter a Transportes Volakis no mercado – admitiu ela. – Mas até eu ir embora, você não me contou nada sobre isso. Como podemos ter um futuro juntos quando você não divide comigo nem mesmo as coisas mais corriqueiras?

Sander ponderou a questão, e suas sobrancelhas se uniram.

– É fácil compartilhar as coisas quando elas estão indo bem, mas quando é o contrário, falar sobre isso me faz sentir... – Ele deu de ombros desajeitadamente. – Um fraco – admitiu ele finalmente, com completo desprezo.

– Então eu só posso ouvir boas notícias sobre os negócios? Sander... – Momentaneamente sua voz sumiu, expressando seu desapontamento, ignorando a reprovação nos olhos dele para dizer: – Você realmente acreditou que eu tivesse pedido a meu pai para chantageá-lo, para que você se casasse comigo.

Sander se adiantou.

– No instante em que vi seu rosto quando contei o que seu pai dissera, percebi que não era verdade!

Tally ficou aliviada por ele não ter mais essa suspeita.

– Mas como você pôde pensar que eu seria capaz desse tipo de manipulação?

– A culpa é do mundo em que eu vivo, *moli mou*. As pessoas com quem convivo usam qualquer tipo de arma que possam encontrar para vencer.

– Mas eu não sou assim, não é com isso que me preocupo – argumentou Tally.

– Eu acreditava nisso e, então, quando você ficou grávida, tive dúvidas. A chantagem de seu pai fez com que eu duvidasse ainda mais, mas não podia me arriscar a confrontar você antes do casamento para esclarecer a situação.

– Sentindo-se como você se sentiu por ter sido forçado a se casar, por que foi que você veio atrás de mim? – perguntou Tally, emotiva. – Por que simplesmente não me deixou ir embora?

– Porque eu *não posso!* – disse Sander sem hesitação. – Pensei em minha vida antes de conhecer você e não senti falta dela. Não quero a minha liberdade nem minha antiga vida de volta. Quero que você fique comigo.

– Você se sente mal pela forma como tudo aconteceu. Acho que é sua consciência falando.

– Se eu achasse que seria mais feliz se você deixasse a Grécia, não estaria aqui pedindo para você ficar – disse Sander. – Não sou tão tolo.

Exausta, Tally afundou numa cadeira.

– Você não me ama. Coloque-se no meu lugar. Por que eu ficaria?

Sander examinou sua forma pequena, porém determinada. Perguntou-se como poderia explicar por que ele a queria quando não conseguia explicar nem a si mesmo.

– Eu não a amo, mas há uma série de coisas que posso lhe oferecer, *pedhi mou* – argumentou ele com veemência. – Estarei sempre ao seu lado, especialmente

quando você se sentir sozinha, com medo ou doente. Não haverá qualquer outra mulher em minha vida. Não vou deixar que os negócios interfiram em nossa relação novamente. Vou reservar um tempo para ficarmos juntos todos os dias. Você será o centro do meu mundo, e eu vou mimá-la e ao bebê, prometo.

Tally estava impressionada e comovida. Ficou ainda mais emocionada ao ouvir a referência ao bebê. Sander estava se oferecendo para cuidar dela como uma vez Tally acreditara que ele cuidaria, e lhe passou pela cabeça que, se não fosse o efeito perturbador da chantagem do pai, ele nunca teria se importado com ela.

– Você nunca menciona o bebê – comentou ela.

Sander colocou a mão no bolso e tirou algo, que estendeu a ela.

– Comprei algumas semanas atrás. Eu o vi numa vitrine.

Tally aceitou a caixinha. Quando a abriu, tirou de lá um pequeno trem de metal. Seus olhos queimaram e se encheram de lágrimas. Era um brinquedo feito de componentes minúsculos e seria extremamente perigoso dá-lo a uma criança. Mas Sander não tinha noção desses riscos e sua intenção ao comprá-lo era o que realmente importava para ela.

– Quer dizer, meninas podem brincar com trens também, certo? – disse Sander, ansioso para deixar claro que não estava sendo machista.

– Claro que podem – concordou ela rapidamente, seus olhos ardendo.

Você será o centro do meu mundo. Isso era promessa de fidelidade suficiente para ela, refletiu Tally. Amor seria a cereja do bolo, faria tudo perfeito mas sabia que não vivia num mundo perfeito e ainda não desistira, ainda tinha esperança. Talvez um dia ele se apaixonasse por ela.

Sander a envolveu num abraço que quase a deixou sem ar, que demonstrava muito mais o estado perturbado e vulnerável de sua mente do que palavras.

– Eu quero que você seja a minha esposa, a minha companheira. Quero que você seja uma parte permanente da minha vida, *pedhi mou* – pediu ele. – E prometo que você não vai se arrepender se ficar comigo. Prometo!

– É melhor que eu não me arrependa mesmo – disse Tally, lutando contra a emoção que ameaçava paralisar suas cordas vocais, quando viu os belos olhos dele ficarem úmidos e percebeu que ele também estava lutando para controlar seus sentimentos. – Mas você vai ter que se comportar muito melhor, Sander. De verdade.

Sander sorriu.

– Se você soubesse como era difícil me manter distante, mas cada vez que eu me sentia tentado, pensava na chantagem e achava que estava sendo controlado por seu pai. Isso só fazia com que eu me enfurecesse outra vez – admitiu rispidamente.

– Mas você não está mais com raiva – disse Tally suavemente, a mão acariciando o belo rosto de seu marido, enquanto ele a deitava com ternura na cama do

quarto deles. Sander tirou o casaco e se deitou ao lado dela, e ela o abraçou apertado, o coração acelerado. Ele sentiu a terrível tensão se esvaír, trouxe-a para perto, a mão alisando seu cabelo.

— Eu tenho uma casa no sul da França. Ela pertencia a Títos, e ele a deixou para mim em seu testamento. Nós nunca tivemos uma lua-de mel, e acho que está na hora de consertar isso, *pedhi mou* — murmurou Sander. — Vamos ficar lá algumas semanas e ter um novo começo. Eu me *importo* com você. O último mês foi um borrão de reuniões até tarde da noite. Tenho sido muito egoísta. Eu sou muito egoísta, *matia mou* — concluiu ele.

— Eu sabia que você não era perfeito. Percebi há muito tempo — sussurrou Tally.

Sander olhou para ela.

— Apenas não desista de mim. Eu posso aprender, posso fazer tudo melhor.

Tally pousou um dedo em seus lábios.

— Não é uma competição.

— A concorrência desperta o que há de melhor em mim — suspirou ele.

O amor cresceu dentro dela, mas Tally o sufocou, recusando-se a dizer aquelas palavras. Declarações de amor sempre vinham associadas à expectativas, e ela não queria fazer isso com ele. Sander dissera abertamente, com sinceridade, que não a amava, mas que se importava. Ela prometeu a si mesma que aquilo seria o suficiente para fazê-la feliz por muito tempo. Ele beijou seus lábios, e ela vibrou, por dentro e por

fora, seu corpo despertando após um longo período de frustração.

— Nós dois estamos tão cansados — sussurrou Tally com tristeza.

— Mas eu não vou dormir até sentir que você é minha novamente — afirmou Sander, tirando as roupas dela com cuidado.

E ele foi muito gentil, lento e hábil, e ela atingiu um clímax esplendoroso, de tirar o fôlego e conheceu uma felicidade que a fez chorar. Ele a abraçou, apreciando a ternura pura de seu coração. Ela era tudo o que ele nunca pensara que iria querer, e agora estava ferozmente determinado a nunca mais perdê-la.

— Durma, meu amor — pediu Sander carinhosamente quando ela bocejou e se aconchegou a ele.

Tally adormeceu em seus braços fortes, todo o seu medo do futuro ficando para trás.

QUATRO MESES depois, Tally acabara de pendurar cortinas novas no salão de carvalho da casa no sul da França, que escolheram como sua casa principal, e endireitou as costas com um suspiro de alívio. A casa do irmão de Sander precisava de vários reparos antes que pudesse ser considerada confortável ou apresentável. Tendo comprado a propriedade deteriorada, como um investimento, Titos nunca chegara a reformá-la.

Tally se apaixonara loucamente pela velha propriedade, que pedia um decorador, e sala a sala, trabalhara na casa, estabelecendo um laço de amor em cada canto.

— Sander disse para você não subir mais em escadas — lembrou-a Binkie da porta, com um olhar de desaprovação.

Tally tentou não sorrir. Sander ditando regras e fazendo proibições se encaixava perfeitamente nas expectativas de Binkie para um marido. Binkie concordara em vir trabalhar para eles como governanta depois que Cristal decidira que os serviços dela já não eram mais necessários em Londres. Tally via cada vez menos Crystal desde que ela fora morar com seu atual namorado, Roger, um viúvo fabricante de móveis, que vivia em Mônaco. Crystal, no entanto, parecia feliz e mais satisfeita com Roger do que estava há muito tempo. Ao mesmo tempo, Tally não ouvira falar absolutamente nada de seu pai, Anatole, e não esperava que a situação mudasse.

— Eu estava escalando apenas alguns degraus, não propriamente uma escada — explicou Tally pacientemente.

— Você está grávida, tem que tomar cuidado — suspirou Binkie. — Devia ter me pedido ou chamado Marcel para ajudar.

Tally sorriu ao se lembrar em como Marcel, o jardineiro, ficava consternado ao ser chamado para fazer qualquer coisa dentro de casa e em como Binkie sempre ficava nervosa ao ter que subir em escadas.

Podia estar grávida de seis meses, reconheceu Tally, mas era perfeitamente saudável e se sentia forte e bem. Ela acariciou sua barriga e sorriu calorosamente ao sentir uma pequena vibração que indicava que seu filho estava se movendo dentro dela.

Quando o bebê estava quieto e não era possível sentir seus movimentos, ela se preocupava. Seu bebê podia não ter nascido ainda, mas Tally já o amava. No último exame, descobrira que era um menino e ficara encantada. Todos os dias, ela visitava o quarto que já havia carinhosamente decorado e mobiliado em tons brilhantes de verde-limão e azul. Ela mal podia esperar para que seu filho desse as boas-vindas ao mundo e agora mal se lembrava da época em que se preocupara sobre o compromisso de Sander em ser pai.

Sander mantivera todas as suas promessas, reconheceu Tally com um sorriso brilhante, seu coração disparando ao se lembrar de que o marido que adorava voltaria naquela noite de uma viagem de negócios de três dias a Atenas.

Desde o dia em que Sander a buscara no aeroporto, o casamento deles se fortalecera, e ele fizera dela o centro do seu mundo. Compartilhava as frustrações de seu dia de trabalho com ela e havia muitas, para ele e para seu pai, que tinham uma relação difícil. A empresa familiar, a Transportes Volakis, ainda lutava para conquistar segurança a longo prazo.

A maior parte da semana, Sander ficava na França e cuidava da empresa da família e de seus próprios negócios a distância. O conselho administrativo da empresa reconhecera sua competência em gerir as mudanças necessárias e a confiança que os diretores e acionistas depositavam nele permitiam que ficasse com Tally na França, apreciando um ritmo de vida mais tranquilo.

Tally gostava de receber amigos nos fins de semana e agora se sentia muito menos intimidada pelas belas garotas que se ofereciam para Sander a cada chance que tinham. Afinal, agora conhecia o marido muito melhor do que no início do casamento. Aprendera que ele não era um fã de mulheres que o perseguiam e que não gostava de tais abordagens.

Duas horas depois, Sander entrou em casa e tirou sua capa de chuva. Voltar para Tally era sempre um acontecimento, e seu olhar se concentrou em seu corpo pequeno e curvilíneo parado ao lado da brilhante árvore de Natal. A casa estava maravilhosamente bem decorada para as festa de fim de ano e, como filho de pais que comemoravam a data de forma discreta, Sander estava impressionado com as habilidades de sua esposa. Os olhos verdes dela brilhavam com acolhimento e ternura, e ele foi direto em sua direção, puxando-a para si e beijando-a apaixonadamente. Com o coração disparado, Tally retribuiu o beijo com entusiasmo.

– Quanto tempo temos antes do jantar? – perguntou ele, tomando fôlego contra seus lábios vermelhos.

– Tempo suficiente – assegurou-lhe ela, pois planejava que fosse assim, ciente de que Sander só relaxaria de verdade depois que fizessem amor novamente.

Ainda beijando a esposa, Sander riu satisfeito. Estava verdadeiramente feliz por estar em casa enquanto seguiam juntos até o quarto que compartilhavam. Roupas foram tiradas sem cerimônia, e os beijos quentes se tornaram rapidamente mais intensos. A impaciência de

seus corpos em saciar o desejo que os atormentara enquanto estiveram separados por alguns dias, provocava uma excitação extra. Depois da paixão, enquanto seu coração voltava a bater num ritmo menos acelerado, Tally encontrou os devastadores olhos escuros do marido e sussurrou:

– Senti sua falta, meu amor.

Sander beijou sua boca novamente e a abraçou.

– Depois que o bebê nascer, você poderá vir comigo, *pedhi mou*. Poderemos viajar juntos, ver o mundo juntos.

Tally estremeceu ante essa expectativa.

– Ah, Sander, bebês gostam de rotina. Duvido que nosso filho vá gostar de viajar.

– Meu filho vai adorar viajar! – previu Sander com um orgulho enorme. – Ser um Volakis é ser um bom viajante, pelo ar ou pelo mar!

Tally riu.

– É mesmo?

– Mas é claro que sim. Meu filho será inteligente e naturalmente vai querer agradar seu pai.

Tally se sentou e olhou carinhosamente para o pai de seu filho antes de dizer, com seu habitual bom-senso:

– Mas você está sempre brigando com o seu pai!

– Eu serei um pai mais carinhoso, e meu filho e eu vamos ter um relacionamento mais próximo – disse Sander com uma expressão triste.

– Você sabe, Sander... – Tally acariciou seu rosto deslumbrante. – Você é meu mundo.

Sander pegou a mão dela com a sua e beijou seus dedos.

— E você está no meu coração, *kardoula mou*. Sempre serei grato ao seu pai por ter me obrigado a casar com você. Você é um tesouro que eu poderia ter perdido porque era um garoto tolo!

E Tally então reconheceu que toda sua ira fora realmente deixada de lado, e o relacionamento deles virara um círculo completo.

O calor de sua aceitação e o reconhecimento de seus laços cada vez mais estreitos a encheu de felicidade e contentamento.

Apesar de todo seu planejamento cuidadoso, o jantar foi muito tarde naquela noite...

PASSADO DE PRINCESA

CAITLIN CREWS

ELE SE curvou contra a moldura da porta e ficou olhando para ela, sorrindo, com seus olhos escuros bem abertos.

– Você é sempre tão ofensiva, Bethany? Será que mereço tamanha hostilidade? Ela foi tomada por algo mais forte que o arrependimento, algo próximo à vergonha. Porém, Bethany se forçou a não seguir seu instinto: não pediria desculpas, não o bajularia, não amoleceria. Por experiência própria, ela sabia como tudo aquilo terminaria: com Leo ganhando todas as peças até que não sobrasse nada.

Mas Bethany não se deixaria levar. Não esboçou qualquer pedido de desculpas. Apenas afastou alguns fios de cabelo caídos sobre o rosto, concentrando-se na caixa que tinha à frente.

– Sei que esta casa é sua – disse ela, quebrando o desconfortável silêncio –, mas gostaria que você tivesse a cortesia de anunciar sua chegada, e não aparecer assim a minha porta. Isso não parece educado.

Havia tantas minas terrestres espalhadas pelo chão, tantas lembranças duras entre eles dois... Tantas... O peito de Bethany ficou pesado, e ela pensava em sua primeira noite na Itália e em tudo o que ouvira sobre como deveria se comportar enquanto trocavam beijos e carícias numa cama enorme. Porém, com o tempo, ele ficou cada vez menos paciente e carinhoso, e a cada dia que passava todos a sua volta notavam que ele cometera um erro ao

casar-se com alguém como Bethany. Ela ficou muda ao pensar em tudo isso.

– Claro – murmurou Leo, sem deixar de observar os movimentos de Bethany. – Você já guardou todas as suas coisas?

– Não se preocupe – respondeu ela, dando uma olhada rápida na direção dele. – Não vou levar nada que não seja meu.

Ele franziu a testa ao responder:

– Fico feliz ao saber disso. Após quatro tentativas de dobrar um suéter de algodão branco, Bethany desistiu. Girou o corpo e o encarou, engolindo os seus medos, suas ansiedades ou qualquer outra coisa que preferisse fingir não sentir... pois nada daquilo seria produtivo.

– Leo, por que veio aqui? – perguntou ela, escondendo as mãos nos bolsos da calça, para que ele não notasse que tremiam.

– Não venho aqui há muito tempo – respondeu ele.

– É verdade – concordou ela, com um tom de voz tenso, que parecia cortar o pesado ar do quarto.

Como ele fora capaz de referir-se àquela noite... Àquela terrível e vergonhosa noite? E como ela pôde comportar-se daquela forma, tão fora de controle, quando tudo o que queria era resolver todas as pendências com ele?

A verdade é que ela não conhecia a profundidade em que poderia mergulhar.



Saiba de todas as novidades da Harlequin!

Acesse

www.harlequinbooks.com.br

e faça seu cadastro.

- ◆ Receba nossa newsletter com lançamentos e promoções!
- ◆ Confira os calendários de bancas!
- ◆ Saiba onde estão nossas bancas especiais!

Encontre aquele livro que você sempre desejou e faça sua assinatura.

Assine já!

Monte agora o seu pacote

Pacote Sedução ou Fascínio todos os meses na sua casa!

Vantagens: Conveniência + Frete Grátis + Descontos de 5% a 10%

Ou ligue para o nosso Marketing Direto:

(0XX21) 2589-5877

de segunda a sexta-feira das 9:00 às 18:00.

compras@harlequinbooks.com.br



HARLEQUIN®

www.harlequinbooks.com.br



Harlequin®

Paixão

TODOS OS MESES
NAS BANCAS

Sofisticação e sensualidade
em cenários internacionais.

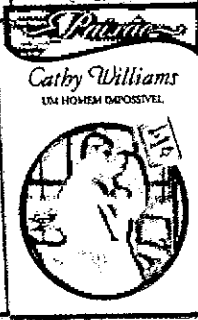
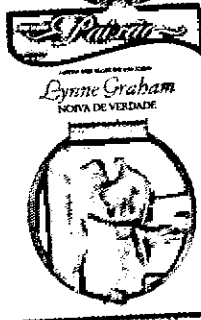
Todas as semanas muito mais

Paixão para você!!!

Sempre uma novidade que você não pode perder!



A PROMESSA DE VOLAKIS



SÉRIE NOVA!

Compre edições antigas e
assinaturas ON-LINE!

Acesse:

www.harlequinbooks.com.br

Aguardamos sua visita!

Ou pelo telefone: (0XX21) 2589-5877

De segunda a sexta-feira das 9:00 às 18:00

compras@harlequinbooks.com.br

Romance
no
Escritório



Clássicos



HARLEQUIN®

www.harlequinbooks.com.br

Harlequin *Desejo* Dueto
Sedução e paixão garantidas.

TODOS OS MESES
NAS BANCAS



Compre edições antigas e
assinaturas ON-LINE!

Acesse:

www.harlequinbooks.com.br

Aguardamos sua visita!

Ou pelo telefone: (0XX21) 2504-8877

De segunda a sexta-feira das 9:30 às 18:00
compras@harlequinbooks.com.br

H HARLEQUIN
www.harlequinbooks.com.br

Harlequin Jessica 2 histórias

TODOS OS MESES
NAS BANCAS

Histórias de amor fortes e provocantes.

Jessica está mais sensual, sofisticada e moderna!



SÉRIE NOVA!

Compre edições antigas e
assinaturas ON-LINE!

Acesse:

www.harlequinbooks.com.br

Aguardamos sua visita!

Ou pelo telefone: (0XX21) 2589-5877

De segunda a sexta-feira das 9:00 às 18:00

compras@harlequinbooks.com.br



HARLEQUIN

www.harlequinbooks.com.br



Harlequin

MODERN SEXY

TOCOS OS MESES
NAS BANCAS

PROVOCANTE! INTENSO! APAIXONANTE!

Edição
54

VIAGEM DE MEL

Margaret Mayo

Grávida de seu chefe?

Havia quase um ano que Kara Redman era o braço direito de Blake Benedict, e ela se orgulhava por ter mantido a relação somente no nível profissional. Até que uma viagem de negócios à Itália se torna sua ruína. Sob o sol de Milão, o fascínio se torna cada vez mais irresistível, e poucas horas depois Kara é incapaz de dizer "não" quando Benedict a seduz! Entretanto, bastou uma única noite para que algo inesperado acontecesse: ela está grávida de seu chefe!

*Compre edições antigas e
assinaturas ON-LINE!*

Acesse:

www.harlequinbooks.com.br

Aguardamos sua visita!

Ou pelo telefone: (0XX21) 2589-5877

De segunda a sexta-feira das 9:00 às 18:00
compras@harlequinbooks.com.br



HARLEQUIN

www.harlequinbooks.com.br



LEIA TAMBÉM

Harlequin HISTÓRICOS

EMOÇÕES GARANTIDAS EM TODAS AS ÉPOCAS.

Medieval

Edição
92

MICHELLE WILLINGHAM DESEJO NAS TERRAS ALTAS

Ele vai exigir a noite de núpcias que jamais tiveram!

Brian MacKinloch passou sete anos, longos e torturantes, em cativeiro. Durante esse tempo, apenas três pensamentos o faziam resistir: cultivar sua força bruta, alimentar a sede de vingança e manter viva a memória do belo rosto de sua noiva. Ao rever seu marido após tanto tempo, Narnia ficou totalmente paralisada pelo choque de um encontro inesperado. As cicatrizes sobre o corpo de Brian revelavam o quanto sofrera em cativeiro, enquanto a fome em seus olhos provocava chamas de desejo. Porém, muitas coisas mudaram desde seu inocente casamento...

**Compre edições antigas e
assinaturas ON-LINE!**

Acesse

www.harlequinbooks.com.br

Aguardamos sua visita!

Out de telefone: (0XX21) 2589-5277

De segunda a sexta-feira das 9:00 às 19:00

ou no e-mail: harlequinbooks.com.br

HARLEQUIN

Harlequin Paixão

PRÓXIMOS
LANÇAMENTOS

266 – PASSADO DE PRINCESA – CAITLIN CREWS

Bethany Vassal descobre que seu casamento com o príncipe Leo Di Marco não seria um conto de fadas. Mas agora ele precisa de um herdeiro, e ela terá de retornar para o castelo de onde fugiu!

267 – NOIVA DE VERDADE – LYNNE GRAHAM

Tally Spencer, uma garota comum e inexperiente, e Sander Volakis, empresário grego e milionário, terão de escolher entre viver uma paixão sem limites e revelar verdades...

268 – UM HOMEM IMPOSSÍVEL – CATHY WILLIAMS

Matt Strickland sempre exige o melhor, até contratar Tess Kelly e sua seriedade como homem de negócios começar a ser testada por ela!

269 – SOMBRAS DO PASSADO – PENNY JORDAN

Quem é Lily? Uma fotografia de moda ou uma pesquisadora de arte? O príncipe Marco di Lucchesi não consegue disfarçar seu desprezo por ela... tampouco um inconfessável desejo!

270 – UM AMOR GREGO – CHANTELE SHAW

Loukas Christakis não confiava nas mulheres, apenas em sua irmã caçula, prestes a se casar. Por isso, ao contratar Belle Andersen para fazer o vestido, exige que ela trabalhe na ilha dele!

271 – CORAÇÃO AVENTUREIRO – NATALIE ANDERSON

Kesi não é do tipo que gosta de aventuras, mas tudo tem sua primeira vez, ainda mais quando se trata de Jack Greene, um campeão de snowboard premiado dentro e fora de competições!

272 – FOGO E GELO – SANDRA MARTON

Draco Valenti, conhecido como o Príncipe de Gelo, suporta seu título com muita reticência, por isso se protege com uma armadura que ninguém pode despir... a não ser Anna Orsini.

055 – BEIJOS GELADOS – KATE HARDY

MODERN SEXY

O charme italiano de Dante Romano não é suficiente para convencer Carenza a vender para ele a fábrica de sorvetes de sua família. Ainda assim, ela precisa de Dante para administrar o negócio...

Últimos lançamentos:

262 – NOTAS DE SEDUÇÃO – KATHRYN ROSS

Viajar pelo Mediterrâneo em um iate de luxo não é o paraíso para Isobel. Afinal, ela precisa de algumas informações picantes sobre Marco Lombardi, cada vez mais interessado nela.

263 – PRESENTE PARA SEMPRE – CATHY WILLIAMS

Jamie Powell é a única mulher que não cede à sedução de Ryan, seu chefe e conquistador incorrigível. Mas nesse Natal ele deseja um presente diferente que poderá mudar sua vida...

264 – NOITE ESPECIAL – ANNE MCALLISTER

Alto, moreno e perigoso. Bastam esses três atributos para Edie enfrentar Nicholas a fim de proteger sua irmã, ainda inocente. Porém, ao desafiá-lo, ela desperta nele um forte desejo.

054 – VIAGEM DE MEL – MARGARET MAYO

MODERN SEXY

Ela vai ter o bebê de seu chefe! Durante um ano, Kara Redman foi o braço direito de Blake Benedict, mas, depois de uma viagem de negócios à Itália, nunca mais foi a mesma...